



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Nutrição

Letícia de Almeida Sant'anna

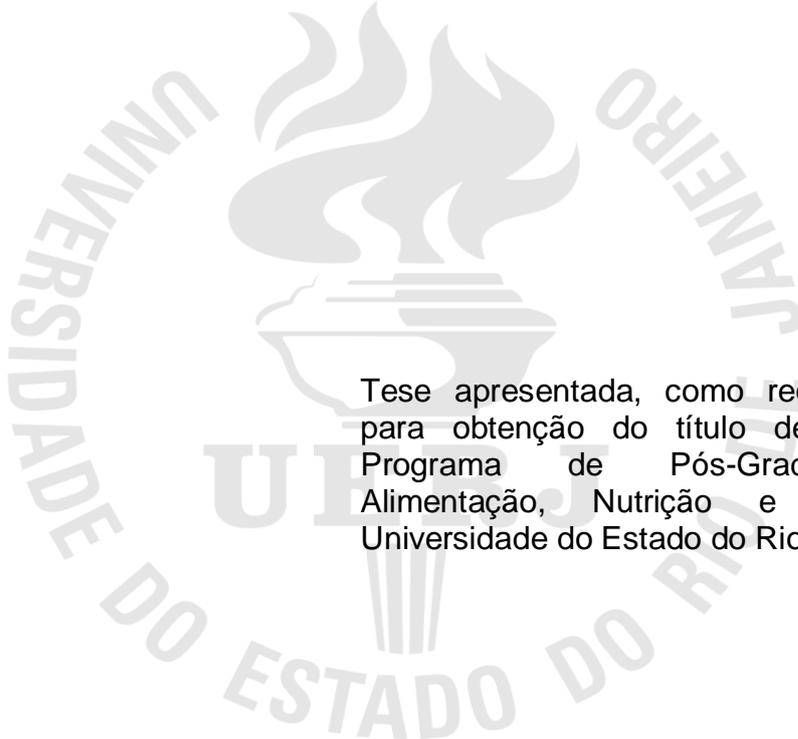
“A dieta equilibrada é um copo em cada mão”: relações entre a comensalidade e os usos de álcool em produções cinematográficas

Rio de Janeiro

2021

Letícia de Almeida Sant'anna

“A dieta equilibrada é um copo em cada mão”: relações entre a comensalidade
e os usos de álcool em produções cinematográficas



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora Prof.^a Dra. Cristiane Marques Seixas

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S232 Sant'anna, Letícia de Almeida.
"A dieta equilibrada é um copo em cada mão": relações entre a comensalidade e os usos de álcool em produções cinematográficas/ Letícia de Almeida Sant'anna. – 2021.
174 f.

Orientadora: Cristiane Marques Seixas.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Nutrição.

1. Alimentação – Teses. 2. Comida – Teses. 3. Álcool – Teses. I. Seixas, Cristiane Marques . II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição. III. Título.

bs

CDU 612.3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Letícia de Almeida Sant'anna

“A dieta equilibrada é um copo em cada mão”: relações entre a comensalidade e os usos de álcool em produções cinematográficas

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 25 de novembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Cristiane Marques Seixas (Orientadora)
Instituto de Nutrição - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Juliana Pereira Casemiro
Instituto de Nutrição - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Larissa Escare Bento Wollz
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dr. (Prof.^a Dr.^a.) Claudiane Monsores de Sá Cavalcanti
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof.^a Dr.^a. Ronaldo Gonçalves de Oliveira
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Para minha tagarela favorita, Lara.

AGRADECIMENTOS

À minha espiritualidade, fundamental para que eu continue acreditando nas coisas que não posso ver, apenas sentir.

Aos meus pais, minha principal rede de apoio e fonte de amor.

Aos meus irmãos, Leandro e Cleiton, por todo apoio.

Ao Felipe, meu companheiro durante essa jornada. Responsável por inserir muitas doses de leveza em minha vida através da arte. Por vezes, as construções do pensamento foram feitas ao som de muita música boa tocada.

Aos meus amigos e colegas da Atenção Psicossocial, em especial, os do CAPS ad III Antônio Carlos Mussum e Unidade de Acolhimento Adulto Cacildis, que me ensinam tanto, tendo sido fundamentais na construção e desenvolvimento deste trabalho. Agradeço ainda o respeito e investimento na minha atuação como nutricionista na Saúde Mental, me dando asas e sustentando comigo muitos posicionamentos e direções de trabalho, nos casos em que a alimentação é protagonista.

A loucura se reveste de várias e infinitas formas: é possível que os estudiosos tenham podido reduzi-las em uma classificação, mas ao leigo ela se apresenta como as árvores, arbustos e lianas de uma floresta: é uma porção de coisas diferentes. Uma generalização sobre seu fundo pecaria pela base. Choques morais, deficiência de inteligência, educação, instrução, vícios... todas essas causas determinam formas variadas e descontraídas de loucura e, às vezes, nenhuma delas o é.

Lima Barreto

RESUMO

SANT'ANNA, L.A. **“A dieta equilibrada é um copo em cada mão”**: relações entre a comensalidade e os usos de álcool em produções cinematográficas. 2021. 174 f. Tese (Doutorado em Alimentação, Nutrição e Saúde) - Instituto de Nutrição, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

Este trabalho se propôs a realizar uma aproximação entre os campos da Alimentação e Nutrição e da Saúde Mental, tendo em vista que a Atenção Psicossocial se debruça sobre os consumos de substâncias psicoativas sob uma perspectiva que inclui dimensões multifacetadas que envolvem o sofrimento, não excluindo as subjetividades das discussões em torno da temática. Levando em consideração que os alimentos e as drogas, historicamente, ocupam lugares que ora se aproximam, ora se distanciam, tomamos como ponto de partida a escolha pela comida, já que esta carrega consigo os signos, ampliando sua dimensão nutricional. Justamente por entender a magnitude da complexidade que envolve os mais variados consumos alimentares, de álcool e outras drogas ao longo da história, observamos que esses elementos produzem efeitos nos conceitos que circulam no campo da Alimentação, como por exemplo, a comensalidade. Desta maneira, optamos por realizar um recorte para observar os mais variados consumos de álcool, partindo da premissa que bebidas alcoólicas são consideradas alimentos em seu estado líquido; e da compreensão sobre as ressignificações em torno da comida que englobam a dimensão cultural e social. Além disso, observamos que estudos no campo da Alimentação e Nutrição, relacionados aos consumos de álcool, debruçaram suas análises sobre os efeitos desses consumos no corpo orgânico, reforçando uma lógica biologicista e descartando as subjetividades. Tal fato reforça a originalidade dessa pesquisa, que objetivou problematizar e analisar os mais variados usos de bebidas alcoólicas em produções cinematográficas. A escolha do cinema como campo de observação desses fenômenos se dá, justamente, por compreender a sétima arte como local privilegiado para fomentar discussões com temáticas complexas, já que o filme permite que o espectador entre em contato, através de uma experiência multissensorial, com uma determinada realidade, construindo uma teia de sentidos com o que está assistindo. Além disso, uma obra fílmica é um instrumento pedagógico perspicaz, que auxilia na formação de futuros nutricionistas ao estreitar o diálogo entre teoria e prática através da arte. Foram analisados três filmes: “O Diário de Bridget Jones”, obra em que olhamos para o controle que recai sobre os corpos femininos e suas relações em torno da comida e das bebidas; “Krisha”, em que se evidenciaram o uso prejudicial de álcool e suas implicações nas relações familiares. O conceito de dualismo pulsional proposto pela psicanálise nos auxiliou na compreensão do lugar da comida e da bebida nas situações de compulsão. Por último, o filme “Druk – mais uma rodada” nos convoca a relativizar os mais variados consumos, compreendendo que nem todos os usos estarão a serviço de experiências traumáticas, relacionadas a situações de sofrimento. Conclusivamente, podemos dizer que se torna imprescindível incluir os usos de álcool no conceito de comensalidade, sem que sejam considerados tabus, já que o campo da Alimentação e Nutrição tende a moralizar qualquer padrão de consumo. Além disso, faz-se necessário considerar as mais variadas formas de

existência, para que possamos afrouxar a compreensão de sintoma, permitindo que as subjetividades deixem as profundezas do subsolo e se autorizem a florescer.

Palavras-chave: Alimentação. Comida. Comensalidade. Álcool. Saúde Mental.

ABSTRACT

SANT'ANNA, L.A. **“A balanced diet is a glass in each hand”**: relations between commensality and the use of alcohol in film productions. 2021. 174 f. Tese (Doutorado em Alimentação, Nutrição e Saúde) - Instituto de Nutrição, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

The purpose of this paper was to bring the Food and Nutrition field closer to the Mental Health field, bearing in mind that Psychosocial Attention approaches the consumption of psychoactive substances under a perspective that includes multifaceted dimensions that circle around suffering, not excluding the subjectivities of the discussions about the theme. Taking into account that, historically, food and drugs occupy places that sometimes come closer, sometimes distance themselves, this paper uses food as a starting point for the discussion, as the meanings carried with it amplify its nutritional dimension. Exactly by understanding the magnitude of the complexity involving the most varied consumption of food, alcohol, and other drugs throughout history, it can be observed that these elements cause effects on the definitions that circulate in the field of Food, such as commensality. Therefore, we chose to create a framework to observe the most varied consumption of alcohol, based on the assumption that alcoholic beverages are considered liquid foods; and understanding of the reframing around food that comprehend the cultural and social dimension. Furthermore, it could be observed that studies in the field of Food and Nutrition related to alcohol consumption concentrated their analyzes on the effects of this use on the organic body, reinforcing a biological logic and discarding subjectivities. This fact reinforces the innovation of this research, which aimed to discuss and analyze the most varied uses of alcoholic beverages in cinematographic productions. Choosing the cinematographic area as a field to observe these phenomena happened precisely because of the understanding as the seventh art as a privileged place to foster discussions around complex themes, since movies allows the viewer to get in touch, through a multi-sensory experience, with a certain given reality, building a web of meanings with what is being watched. In addition, a film work is an insightful pedagogical tool, which helps in the formation of future nutritionists by strengthening the dialogue between theory and practice through art. Three films were analyzed: “Bridget Jones’s Diary”, a work that displays how female bodies and their relationships around food and drinks are controlled; “Krisha”, in which the harmful use of alcohol and its implications in family relationships are shown. The concept of dualistic drive, explained by psychoanalysis, helped us understand the place of food and drink during binge situations. Finally, the movie “Druk - Another Round” calls us to rethink the most varied consumptions, understanding that not all uses will be linked to traumatic experiences or related to suffering. Conclusively, it can be said that it is essential to include alcohol use in the concept of commensality, without it being considered a taboo since the field of Food and Nutrition tends to moralize any consumption pattern. Furthermore, it is necessary to consider the most varied forms of existence, so that we can loosen the understanding of symptoms, allowing subjectivities to leave the depths of the underground and allow themselves to flourish.

Keywords: Food. Food. Commensality. Alcohol. Mental health.

RESUMEN

SANT'ANNA, L.A. **"Una dieta equilibrada es un vaso en cada mano"**: relaciones entre comensalidad y consumo de alcohol en producciones cinematográficas. 2021. 174 f. Tese (Doutorado em Alimentação, Nutrição e Saúde) Instituto de Nutrição, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

Este trabajo se propuso aglutinar los campos de Alimentación, Nutrición y Salud Mental, considerando que la Atención Psicosocial se enfoca en el consumo de sustancias psicoactivas desde una perspectiva que incluye dimensiones multifacéticas que involucran el sufrimiento, sin excluir las subjetividades de las discusiones en torno al tema. Teniendo en cuenta que los alimentos y las drogas, históricamente, ocupan lugares que a veces se acercan, a veces se distancian, tomamos como punto de partida la elección del alimento, ya que lleva consigo los signos, ampliando su dimensión nutricional. Precisamente al comprender la magnitud de la complejidad que implica variado consumo de alimentos, alcohol y otras drogas a lo largo de la historia, observamos que estos elementos producen efectos sobre los conceptos que circulan en el ámbito de la Alimentación, como la comensalidad. Así, optamos por hacer un corte para observar el consumo más variado de alcohol, partiendo de la premisa de que las bebidas alcohólicas se consideran alimentos líquidos; y la comprensión de las resignificaciones en torno a la alimentación que engloban la dimensión cultural y social. Además, observamos que los estudios en el campo de la Alimentación y la Nutrición, relacionados con el consumo de alcohol, centraron sus análisis en los efectos de estos consumos sobre el cuerpo orgánico, reforzando una lógica biológica y descartando subjetividades. Este hecho refuerza la originalidad de esta investigación, que tuvo como objetivo problematizar y analizar los más variados usos de las bebidas alcohólicas en las producciones cinematográficas. La elección del cine como campo de observación de estos fenómenos se da precisamente porque entiende el séptimo arte como un lugar privilegiado para propiciar discusiones con temáticas complejas, ya que la película permite al espectador ponerse en contacto, a través de una experiencia multisensorial, con dada realidad, construyendo una red de significados con lo que se ve. Además, una obra cinematográfica es una herramienta pedagógica perspicaz, que ayuda en la formación de futuros nutricionistas al fortalecer el diálogo entre la teoría y la práctica a través del arte. Se analizaron tres películas: "El diario de Bridget Jones", obra en la que analizamos el control que recae sobre el cuerpo femenino y sus relaciones en torno a la comida y la bebida; "Krisha", en la que se evidenció el uso nocivo del alcohol y sus implicaciones en las relaciones familiares. El concepto de dualismo pulsional propuesto por el psicoanálisis nos ayudó a comprender el lugar de la comida y la bebida en situaciones de compulsión. Finalmente, la película "Druk – Another Round" nos llama a relativizar los consumos más variados, entendiendo que no todos los usos estarán al servicio de experiencias traumáticas, relacionadas con situaciones de sufrimiento. En conclusión, podemos decir que es fundamental incluir el consumo de alcohol en el concepto de comensalidad, sin que se considere tabú, ya que el campo de la Alimentación y la Nutrición tiende a moralizar cualquier patrón de consumo. Además, es necesario considerar las más variadas formas de existencia, para que podamos aflojar la

comprensión de los síntomas, permitiendo que las subjetividades salgan de las profundidades del subsuelo y se dejen florecer.

Palabras clave: Alimentos. Comida. Comensalidad. Alcohol. Salud mental.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Compilado sobre recomendações e orientações de bebidas alcoólicas em um estudo que analisou noventa e seis guias alimentares em todo o mundo..	66
Figura 2 – Estratégia de marketing adotada por uma cervejaria brasileira, trazendo pulmões com formato de lúpulo	78
Figura 3 – Oxigênio produzido por fabricante de cerveja	78
Figura 4 – Tamanho da calcinha de Bridget Jones.....	91
Figura 5 – Olhares que aguardam Bridget Jones a responder perguntas sobre sua vida pessoal.....	96
Figura 6 – Krisha lançando o vinho boca adentro enquanto os quadros a observam	121
Figura 7 – Sequência do peru assado retirado do forno até a sua queda.....	122
Figura 8 – A exigência sintomática de Krisha	129
Figura 9 – Jantar com mesa posta e diferentes qualidades de copos e taças	139
Figura 10 – Contraste durante as refeições realizadas em família e os momentos comos amigos.....	148
Figura 11 – Mesa posta durante um almoço, em que a comida prevalece em relação à quantidade de bebidas.....	152
Figura 12 – Reencontro de Martin com a dança	153
Quadro 1 - Compilado de cenas contendo falas relacionadas ao peso de Bridget Jones.....	89

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	14
	INTRODUÇÃO	16
1	PERCURSO METODOLÓGICO – A ABRIDEIRA	27
1.1	Cinema, comensalidade e bebidas alcoólicas: a análise fílmica	28
1.2	A escolha dos filmes	36
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	38
2.1	Comida e droga: na saúde e na doença	39
2.2	Regulação dos usos como controle dos corpos e dos prazeres	45
2.3	Oralidade e prazer: entre a comida e as drogas	49
3	O LUGAR DO ÁLCOOL NA COMENSALIDADE	55
3.1	Comensalidade: resgate histórico do conceito tradicional	55
3.2	A bebida entra, a verdade sai: a pesquisa científica e as bebidas alcoólicas	59
3.3	Comensalidade alcoólica: uma perspectiva inclusiva	70
3.4	O lugar do álcool na pandemia ou Comensalidade pandêmica	74
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	81
4.1	Manuscrito 1: “O Diário de Bridget Jones e o controle dos corpos femininos”	81
4.1.1	<u>O filme</u>	83
4.1.2	<u>Quem é Bridget Jones?</u>	84
4.1.3	<u>O peso de Bridget incomoda muita gente</u>	86
4.1.4	<u>Bridget Jones e seus “(des)controles”</u>	92
4.1.5	<u>Considerações finais</u>	97
4.1.6	<u>Referências</u>	98
4.1.7	<u>Ficha técnica</u>	100
4.2	Manuscrito 2 – “Famílias, comensalidades e subjetividades: o imperativo da compulsão no filme Krishna	101
4.2.1	<u>Famílias em cena</u>	101
4.2.2	<u>Aproximações entre a nutrição e a psicanálise</u>	104
4.2.3	<u>A vida imita a arte ou a arte imita a vida?</u>	108
4.2.4	<u>A cozinha, a comida e o comer na arquitetura das relações</u>	116

4.2.5	<u>A ruidosa presença da pulsão de morte</u>	124
4.2.6	<u>O lugar do sintoma em Krishna</u>	127
4.2.7	<u>Considerações finais</u>	130
4.2.8	<u>Referências</u>	131
4.2.9	<u>Ficha técnica</u>	133
4.3	“A saideira” - uma análise do filme “Druk: mais uma rodada”	135
4.3.1	<u>Na prática, a teoria é outra</u>	141
4.3.2	<u>Autores, vicissitudes e controvérsias</u>	146
4.3.3	<u>Referências</u>	153
4.3.4	<u>Ficha técnica</u>	156
	CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENFIM, A RESSACA!	157
	REFERÊNCIAS	160
	ANEXOS	173

APRESENTAÇÃO

O ponto de partida que impulsiona esta pesquisa vem a partir do produto final do curso de mestrado cursado neste Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPG-ANS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na linha de pesquisa Políticas, Saberes e Práticas em Alimentação, Nutrição e Saúde. A dissertação, intitulada “Pirando na batatinha: uma aproximação entre os campos da Alimentação e Nutrição e da Saúde Mental” (SM), objetivou compreender os sentidos e significados produzidos pela alimentação nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) localizados no antigo território da Colônia Juliano Moreira – Jacarepaguá, no município do Rio de Janeiro, onde incluíam-se um CAPS adulto, um CAPS infanto-juvenil e um CAPS de álcool e drogas. A partir daí, surgiu a necessidade de aprofundar discussões relativas ao campo da Alimentação e Nutrição (AN) no que tange o uso de substâncias.

Minha aproximação com o campo da SM se deu através do CAPS da UERJ, localizado na Policlínica Piquet Carneiro e situado na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Iniciei uma participação que descrevo atualmente como “discreta” nesta unidade – considerando os moldes da atenção psicossocial – com a supervisão das refeições recebidas, limitando-me à verificação de temperatura e controle higiênico-sanitário das preparações. Com o passar do tempo, observo o campo como um local fértil de atuação profissional, dadas as possibilidades de olhar os alimentos assumindo seus mais diversificados papéis. Este olhar mais ampliado se deu através do diálogo com os demais profissionais atuantes no serviço, em participações semanais em reuniões de equipe e, ainda, buscando leituras relacionadas ao tratamento do paciente psiquiátrico. Tudo isso objetivando entender melhor as propostas oferecidas por aquele CAPS, as diferenças nos tratamentos (antes e depois da Reforma Psiquiátrica) e as possibilidades de atuação que poderiam surgir para me inserir melhor naquela equipe.

Aliás, naquele momento, lembro-me bem de como o uso do jaleco estava para além de um equipamento de proteção individual, mas reafirmava o meu lugar de profissional de saúde numa perspectiva hegemônica de distinção – ele também se comunicava tanto com os demais profissionais do serviço, quanto com os

usuários. E confesso que a decisão de “retirar o jaleco” foi um marcador importante na minha atuação como nutricionista em um CAPS e na contribuição da representação social dessa categoria profissional. Iniciou-se ali, um processo de “desnude” da profissional prescritora de dietas.

A partir dessa primeira experiência na saúde mental, fui convidada para compor a equipe de um CAPS cujo mandato é o tratamento de pessoas em sofrimento decorrente do uso prejudicial de álcool e outras drogas (CAPS ad). Dessa maneira, percebo que as questões relativas aos diversos usos dessas substâncias e os mais variados consumos alimentares são interessantes, além de um campo fértil de estudo, tanto para o campo da AN, como para o campo da SM (aqui localizado na Atenção Psicossocial), merecendo um olhar mais detalhado e aprofundado pelo nutricionista através da pesquisa.

Acredito que a reflexão realizada no curso de mestrado já foi uma feliz tentativa de reformular uma trajetória de formação disciplinar reducionista, que não dialogava com disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, cristalizando uma formação cartesiana, tecnicista e verticalizada. A partir desta reflexão iniciada com a dissertação foi possível pensar uma nova abordagem que possibilitasse sair dos padrões disciplinares tradicionais, prevalecendo assim, uma base interdisciplinar que problematizasse situações relevantes ao campo da AN e da Saúde Mental em toda a sua complexidade.

Torna-se importante localizar esta pesquisa na interface entre os campos da Saúde Mental e da AN, tentando problematizar os paradigmas que circulam nesses campos, os diferentes saberes envolvidos, aprofundando a discussão e levando em consideração que o sofrimento, muitas vezes causados pelo uso de drogas, não dá conta de ser tratado apenas do ponto de vista biológico, biomédico ou da esfera penal.

INTRODUÇÃO

As pesquisas no campo da AN têm sido cada vez mais desafiadas a compreender os fenômenos que se apresentam em torno da comida.

Entendendo que os termos alimentar, comer e nutrir são muito utilizados no campo da AN, é importante assinalar e reforçar as diferenças subjetivas existentes entre eles, que estão para além do semântico. Se as ciências biológicas se apropriam do alimento, associando seu significado a uma necessidade vital e o campo da nutrição complementa tal apropriação como campo de saber que domina os nutrientes como carreador/veículo, as ciências sociais entendem a comida como sendo da ordem da cultura, o que vem a ser uma das formas de expressão de organização social (CARVALHO, LUZ e PRADO, 2011).

Nesse sentido, ressaltamos nosso interesse pela comida, justamente, para marcar o que é do campo da nutrição (dos nutrientes), da ciência dos alimentos (e sua cadeia produtiva) e o que é da ordem da cultura, do simbólico, do subjetivo, afetivo, psíquico ou das ciências sociais.

A comida carrega consigo os símbolos com que é possível homenagear, insultar ou até mesmo julgar alguém; é ela que consegue mediar as relações, sendo “resultante do trabalho humano voltado à sua produção, distribuição e consumo - práticas sociais estabelecidas a partir da definição culturalmente construída do que é ou não comestível.” (PRADO *et al.*, 2011 p. 933)

No campo da SM, falar de comida ganha contornos singulares, seja pela presença da loucura que o marca de forma indelével, seja pela multiplicidade de usos que a comida pode ganhar nesse espaço. Trata-se aí não somente da comida que alimenta, mas de um vasto campo de significações que ultrapassam a razão ou a lógica tradicional. A presente pesquisa se propõe a realizar um diálogo entre o campo da AN e o campo da SM, tendo em vista os diferentes consumos/usos de bebidas alcoólicas, na tentativa de estreitar os saberes e compreender as relações que estão em torno desses usos. O uso do álcool é ancestral, seja com fins de diversão, sociabilidade, fuga, distração, comemoração ou autodestruição. E o campo da AN não pode fechar os olhos ao consumo de bebidas (porque a bebida também é alimento, para o corpo e para a alma).

Nas últimas décadas, o campo da AN vem sofrendo cada vez mais transformações e demandando uma maior aproximação com as Ciências Humanas e Sociais a fim de construir saberes, frente às novas transformações sociais. Lima *et al.* (2015) acreditam que cada vez mais somos convocados a refletir sobre os diversos sentidos e significados em torno da comida, atrelando os fatores fisiológicos aos simbólicos e culturais. Da mesma maneira, conceitos clássicos da nutrição vêm sofrendo mudanças, ampliando seus sentidos e introduzindo uma polissemia que permite desenvolver os questionamentos aqui presentes. A visão biologicista do corpo com um viés mecanicista já não dá mais conta da realidade.

Um desses conceitos é a comensalidade. Se tradicionalmente a comensalidade referia-se ao ato de comer junto à mesma mesa, compartilhando o mesmo momento e o local das refeições (LIMA *et al.*, 2015), atualmente podemos observar essa prática vinculada a toda e qualquer forma de relação social em que a comida está presente e tem por função reunir e enlaçar as pessoas. Mesmo só, em casa ou na rua, os códigos da comensalidade estão presentes.

Além disso, a própria noção de comida vem sendo objeto de vastas teorizações, na medida em que se identifica uma diferenciação conceitual entre alimento e comida, ultrapassando seu caráter puramente nutricional. A comida como elemento da cultura comporta muitos sentidos e significados. Exemplo disso é a forma como o uso da bebida alcoólica é visto em diversas culturas e em diferentes momentos da história da humanidade. Como veremos adiante, a bebida alcoólica pode ser considerada uma droga ou um alimento, a depender dos usos e da forma como a cultura se apropria e ressignifica essa substância, em função de interesses muito variados.

A partir dessa contextualização, será necessário (re)situar o conceito de comensalidade – tradicionalmente utilizado no campo da AN com o sentido visto acima – para compreender como se deu e se dá a moralização do consumo de álcool em nossa sociedade.

De modo mais amplo, comida e bebida tem por função reunir e estreitar laços sociais. Seus usos atendem tanto a uma necessidade biológica quanto a uma necessidade social (POULAIN, 2013). A comida, por seu caráter prazeroso mais do que nutricional, muitas vezes, é o substituto natural para a droga nos tratamentos de dependentes químicos, fato que interroga o nutricionista em sua prática no contexto

da SM e no cotidiano dos CAPS ad. Sustentada nessas fundamentações, surge então a frase que compõe parte do título da tese, “A dieta equilibrada é um copo em cada mão”, retirada do trecho da música “Mais uma dose”, de 1997, composta e interpretada por Gabriel, o Pensador. Assim como a letra da música, a escolha da frase é também uma provocação e uma convocação ao campo da AN para caminharmos numa direção menos reducionista no que tange os assuntos relativos ao comer e beber.

Se a comida e a comensalidade ganham novos sentidos e definições a cada momento, as drogas não se furtam a esse efeito. Vargas (2008) sugere que o termo droga seja considerado como uma categoria polissêmica e complexa, que, por muitas vezes, surge e se apresenta de maneira ambígua. Desta maneira, as drogas não dizem respeito apenas àquelas que produzem algum tipo de alteração psíquica ou corporal e que possuem algum tipo de controle e repressão por parte do Estado, incluem-se nessa categoria alimentos como o café, o açúcar, o chá, o chocolate e até mesmo aquelas substâncias que usualmente chamamos de medicamentos ou fármacos. Inclusive, os moderadores de apetite e os ingredientes alimentícios, como, por exemplo, o sal, o açúcar e a gordura ganham destaque no campo da AN na medida em que alteram a relação das pessoas com a comida e, conseqüentemente, as dimensões da comensalidade.

Se os anorexígenos contribuem para a falta de apetite e conseqüente redução do consumo alimentar, legitimados por prescrições, de maneira contraditória, sal, açúcar e gordura são utilizados em larga escala pela indústria alimentícia, influenciando, massivamente, comportamentos compulsivos. São, por vezes, comparados ao uso de narcóticos (MOSS, 2013), a saber:

o corpo se sente sitiado sobretudo quando alimentos processados são ingeridos, inundando nosso sistema com grandes quantidades de sal, açúcar e gordura. Mas a ligação entre comer e consumir drogas fica mesmo interessante no cérebro. Ali, tanto os narcóticos quanto os alimentos — em especial com grandes concentrações de sal, açúcar e gordura — atuam de forma muito parecida. Depois de ingeridos, eles passam pelos mesmos caminhos, usando o mesmo circuito neurológico para alcançar as zonas de prazer do cérebro, as áreas que nos recompensam com sensações agradáveis por fazermos o certo para o nosso corpo — ou, nesse caso, por fazermos o que o cérebro foi levado a acreditar que era o certo (MOSS, 2013. p. 256).

Ou seja, é necessário reconhecer que vivemos numa “cultura das drogas”, na qual não podemos excluir o fumo, as bebidas alcoólicas e as drogas ditas

medicinais, legitimadas pela medicina clínica e pela psiquiatria através das prescrições.

Essa cultura se dissemina a todo tempo, mesmo que os usuários destas substâncias alimentem a hipocrisia de estarem promovendo a saúde como seu bem supremo (BIRMAN, 2012), e as produções científicas no campo da AN acabam por reforçar essa ideia ao permanecerem a serviço de uma visão do “corpo máquina” e suas engrenagens, em que as prescrições permanecem descoladas das subjetividades que atravessam esse corpo a todo tempo, agindo de maneira contraditória. Bastos (2017) nos apresenta dados estatísticos que nos informam que mais da metade da população brasileira entre doze e sessenta e cinco anos declara ter consumido álcool pelo menos uma vez na vida. Em relação ao uso de medicamentos não prescritos ou utilizados de maneira diferente da prescrição, os mais relatados foram os benzodiazepínicos (3,9%), os opiáceos (2,9%) e os da classe de anfetamínicos (1,4%) (BASTOS, 2017).

Em uma breve revisão de literatura, percebe-se ainda hoje uma escassez de pesquisas na interface da SM com o campo da AN, assim como de estudos que problematizem e relativizem os usos e consumos de álcool e outras drogas. Majoritariamente, as pesquisas que relacionam o campo da AN com o uso de bebidas alcoólicas caminham para o reforço de uma atuação do profissional nutricionista num perfil curativo, com foco na doença em detrimento do indivíduo, com intervenções de cunho curativo, como, por exemplo, os impactos no funcionamento clínico-orgânico dos sistemas (endócrino, vascular, hepático, entre outros), atrelados a inadequações do estado nutricional devido ao consumo de álcool e às carências nutricionais a partir desses consumos.

Tomamos aqui, como exemplos, pesquisas que buscaram identificar as inadequações do estado nutricional no hábito alimentar de alcoolistas e usuários de outras drogas (BURGOS *et al.*, 2004; BARBOSA, FERREIRA, 2011; TOFFOLO *et al.*, 2011; SIRTULI *et al.*, 2015; CÂMARA, MARTINS, 2017; RIBEIRO, CARVALHO, 2016; SILVA, 2017; FELDMAN, 2019; MUÑOZ *et al.*, 2020). Os parâmetros antropométricos, através das variáveis “peso corporal”, “estatura” e “Índice de Massa Corporal” (IMC); questionários para verificar o perfil de hábitos alimentares, além de questionários que avaliam a frequência de consumo alimentar dos indivíduos e/ou coletividades são uma constante nas pesquisas citadas.

Tendo em vista a falta de definições claras e a escassez de pesquisas que abordem de maneira aprofundada o uso social e cultural do álcool, relacionando-o com a comensalidade e a nutrição, esta pesquisa se propõe a dialogar sobre as nuances nos diversos tipos de consumos/usos da bebida alcoólica, que não estão apenas no pacote de consumos problemáticos/nocivos (visto de forma limitada pelo campo da AN). Entendemos que essas classificações são dependentes de uma série de disputas que incide sobre a compreensão do que é “certo ou errado”, do que é “bom ou mal”, do que é “aceitável ou inaceitável” e do que é “lícito ou ilícito” numa dada sociedade. Destacamos, então, a originalidade dessa pesquisa, que poderá contribuir para alunos do curso de nutrição ou como recurso terapêutico em abordagens profissionais.

Trazer para o campo da AN a discussão sobre os usos e consumos da bebida alcoólica é relevante, pois contribui com a formação do nutricionista, a partir da valorização de uma atuação interdisciplinar, em detrimento de uma atuação verticalizada, baseada num modelo biologicista. Para Carvalho, Luz e Prado (2011), a integração entre as disciplinas de ciências sociais e humanas ainda não é articulada à nutrição e, muitas vezes, tais disciplinas passam de maneira descompromissada no processo de formação do futuro profissional. A formação dos cursos de nutrição é pautada majoritariamente nos processos biológicos, enquadrando-se a prática profissional na prevenção e cura das doenças (PRADO *et al.*, 2011).

As Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Nutrição, de 2001, colocam ênfase na formação de um profissional generalista, humanista e crítico. Ao observar as competências e habilidades previstas para este profissional, destacam-se atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente. Dentre as habilidades técnicas, as diretrizes enfatizam ações focadas nos processos biológicos e composição dos alimentos. Os métodos e técnicas, as ações de vigilância, a avaliação e diagnóstico, a recuperação e o controle são termos utilizados ao longo da descrição.

Diante disso, podemos dizer que a cultura científica da nutrição se debruça sobre o alimento como o instrumento carreador de nutrientes; ele é o veículo. Já as ciências sociais olham para a comida, entendendo-a como “elemento de ordem da

cultura”, que estão além da utilização do alimento pelo organismo (CARVALHO, LUZ, PRADO, 2011). A comida envolve emoção, trabalha com memória e sentimentos, pode marcar território, serve como marcador de identidade, permite que cada país se diferencie através do que come ou pode até mesmo tornar o ato sexual um ato alimentar (MACIEL, 2001). Portanto, o alimento contextualizado apenas pela vertente construída pelas ciências biológicas, sem incluir a comida, limita nossa maneira de olhar.

Relembrando que a comida abarca a proximidade com as ciências sociais e humanas, caminhando juntamente com o complexo fenômeno da alimentação, em que se expressam a estrutura social, cultural e sua organização (CARVALHO, LUZ, PRADO, 2011) , e, ao incluir as humanidades nessa discussão, percebemos que a própria ingestão alimentar participa dos simbolismos em torno da alimentação, pois se come muito mais que comida: ingerimos códigos e valores ligados aos alimentos, e a natureza dos alimentos age diretamente na natureza dos que comem juntos, atuando, tanto nas escolhas quanto nas condenações alimentares a título simbólico (BOUTAUD, 2011).

Apesar de alimento e comida serem termos utilizados quase como sinônimos em nosso cotidiano, eles assumem sentidos e valores que se colocam de maneira implícita tanto no que diz respeito ao que é disseminado pelo senso comum, quanto na prática profissional do nutricionista – e esses dois, senso comum e prática profissional, não estão descolados. Se imaginarmos uma variedade de eventos, como, por exemplo, a aquisição de um gênero alimentício, a escolha de um restaurante ou a escolha (ou não) de determinada companhia para comer, todas essas e outras ações ligadas à alimentação não são neutras. “O que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come” (SANTOS, 2005).

Ainda que olhássemos apenas pela perspectiva do ato biológico, os alimentos lançados à boca já conseguem estabelecer uma relação de intimidade com quem come, pois é um trajeto que se inicia antes mesmo da ingestão. É através de um processo de significação que as práticas alimentares se determinam e entrelaçam necessidades orgânicas, inerentes à sobrevivência, com aspectos da cultura, tanto na dimensão individual, quanto nas esferas coletivas que abarcam o campo social (LIMA *et al.*, 2015; GAMEIRO, 2013). Vejamos:

Sendo assim, podemos dizer que, a maneira como cada indivíduo se alimenta o torna incluso ou não numa sociedade, tendo ainda como efeito o poder de localizá-lo no mundo. Este não se alimenta de macro e micronutrientes, de porções definidas previamente a partir da média de uma população considerada “sadia”. Ele se alimenta de comida e essa é capaz de despertar sentidos, resgatar laços, sendo o gosto capaz de traduzir uma cultura incorporada, produzindo e reproduzindo relações entre o corpo e o alimento (CARVALHO, 2011).

A singularidade desta pesquisa está exatamente no fato de aproximar o campo da AN da chamada “clínica de álcool e outras drogas”, entendendo que o curso de doutorado é um espaço para construir pensamentos críticos mais consistentes, após o exercício de criar bases teóricas mais sólidas no curso de mestrado. Entendemos que a pauta de discussões sobre os usos de substâncias é extensamente complexa, elegemos debruçar nossas discussões sobre os mais variados usos e consumos de bebidas alcoólicas.

Vale ressaltar que esta pesquisa pretende realizar uma discussão para além das questões relacionadas à licitude ou ilicitude das bebidas alcoólicas, caracterizada por Fiore (2012), como uma das maneiras mais simplificadas de explicar a atuação dos Estados para determinado conjunto de substâncias, estabelecendo limites arbitrários para o uso de drogas, criminalizando sua circulação e consumo. O aprofundamento desse debate talvez nos permita entrever quais são as regulações que incidem sobre o álcool e a comida, assim como se as relações que se estabelecem entre a comensalidade e o uso de bebidas alcoólicas se dão como forma de normalização, disciplinarização ou controle dos corpos. Diante disso, exploramos algumas dicotomias que se dão entre o álcool (independentemente de sua natureza) e a comensalidade, como por exemplo: encontros e desencontros, aproximações e distanciamentos, legalidade e ilegalidade, sagrado e profano, prazer e desprazer, hedonismo e culpa, delícia e dor, alegria e tristeza, saúde e doença, aspirando ampliar o conceito de comensalidade e fomentando discussões que incluam os mais variados usos e consumos de bebidas alcoólicas. Esse percurso de investigação será acompanhado pela análise de filmes que colocam em pauta a problemática dos usos e consumos das bebidas alcoólicas e abrem uma interlocução frutífera com esse campo de conhecimento.

Levando em consideração que a arte, assim como a comida, possui uma função de comunicação social, capaz de (re)produzir a ordem social, as produções cinematográficas nos permitem, através de um produto imagético, despertar códigos sociais, justamente por possuir uma linguagem universal que constrói narrativas.

Diante disso, os filmes que apresentam algum consumo de álcool (seja ele participante da narrativa central da obra ou não) não estão deslocados das referências discursivas sobre o assunto. Num filme, os estereótipos são evidenciados, sendo produzidos a partir de uma memória. Memória essa não entendida apenas como um conteúdo do passado, mas sim como construção discursiva. Sendo assim, seguimos advertidos de que os filmes selecionados para compor as análises desta pesquisa, que indicam consumos variados de bebidas alcoólicas e diversas situações de comensalidade, não refletem a realidade diretamente, são imagens selecionadas para reproduzir um discurso narrativo com um significado determinado; “as imagens e acontecimentos são cuidadosamente montados em sequências para elaborar um relato ou defender um ponto de vista concreto” (SEABRA, 2014. p. 41)

Retomando as contribuições de cunho pedagógico deste trabalho para a formação dos alunos de graduação do curso de nutrição, destacamos o fato de que esta pesquisa é fruto dos projetos de pesquisa intitulados “Consumo Alimentar como problema complexo: reflexões conceituais e proposição de educação alimentar e nutricional em escolas a partir do cinema”, “Cinema e Comensalidade” e “Cinema e Comensalidade na escola”, todos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação do Instituto de Nutrição (INU) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tais projetos acolhem estudos que seguem na tentativa de promover discussões mais ampliadas, através de iniciativas interdisciplinares, e de extrapolar os limites impostos pelas mais diversas áreas do conhecimento, “discutindo os aspectos simbólicos da comida a partir da linguagem cinematográfica” (NECTAR, 2020)¹.

Dessa maneira, nosso primeiro capítulo nos convida a passear pelo percurso metodológico da construção da pesquisa através da lente do pesquisador, apresentando a análise fílmica como principal ferramenta metodológica para incluir e

¹ Disponível em: <https://www.nectar.rio.br/>. Acessado em: 19 out. 2020.

entrelaçar as questões em torno da comida, da comensalidade e dos mais variados consumos de bebidas alcoólicas. Apresentaremos ainda o trajeto percorrido até a escolha final dos filmes a serem analisados.

No capítulo 2, apresentaremos os principais conceitos que ancoram as nossas análises e discussões, já que historicamente comida e droga ocuparam lugares ambíguos e, por que não dizer, multifacetados: seja na esfera místico-religiosa, na esfera judicial, cultural ou mesmo como participantes dos limites que determinam fronteiras entre os estados de saúde e doença. Tal plasticidade, tanto da comida, quanto das drogas (incluindo as bebidas alcoólicas), se tornou campo fértil para disseminação de práticas de controle do Estado que tivessem incidência nos corpos através de investimentos biopolíticos. As contribuições da psicanálise nos informam que a oralidade seria uma das primeiras formas de prazer experimentadas por nós, seres desejantes, sendo assim, as satisfações orais seriam campo fértil para práticas, principalmente das ciências biológicas, que têm no corpo seu maior objeto de intervenção. Apresentaremos ainda o conceito de pulsão de morte, que não estaria a serviço apenas de situações prazerosas. Esse conceito, que participa do que a psicanálise denomina de “dualismo pulsional” será destrinchado na análise do filme *Krishna*.

Além disso, diante de uma perspectiva socioantropológica, a moralização de determinados padrões de consumo também contribui para o deslocamento de práticas e comportamentos individuais e coletivos.

No capítulo 3, fomentamos questionamentos e discussões sobre “qual seria o lugar do álcool na comensalidade?”, já que este é um conceito que vem se modificando e se (re)atualizando constantemente, principalmente por conta de um fenômeno social vivenciado nos últimos anos que reafirma os consumos alimentares no centro de uma organização social. Pensamos sobre os caminhos percorridos pelas construções que determinam padrões de consumo de bebidas alcoólicas e sobre a proposta de reflexões que incluam os mais variados usos/consumos dessas bebidas no conceito de comensalidade, visto que alguns padrões de consumo fazem parte da vida cotidiana das pessoas. Encerramos esse capítulo, refletindo sobre o “lugar do álcool na pandemia”, entendendo que esta pesquisa foi fortemente atravessada pela pandemia de Covid-19, que modificou o mundo desde o final de 2019 e ainda vem produzindo impactos das mais variadas ordens.

No capítulo 4, apresentamos os nossos resultados através de três manuscritos, fruto da análise de três obras filmicas, a saber:

O manuscrito 1, intitulado “O Diário de Bridget Jones e o controle dos corpos femininos”, publicado em 2019 no formato de capítulo no livro “Cinema e Comensalidade 3, da Série Sabor Metrópole, volume 9. Esse manuscrito encara a jornada de discutir o uso de substâncias, que pode ser tanto de tabaco, álcool ou de comida, entendo de que maneira esses usos incidem no corpo de uma mulher. Tais consumos indicariam o controle sobre os corpos femininos que podem estar a serviço tanto dos laços sociais, quanto das normatividades e relações de poder, naturalizadas socialmente.

O manuscrito 2, denominado “Famílias, comensalidades e subjetividades: o imperativo da compulsão no filme Krishna”, encontra-se com aceite para publicação na quinta coletânea internacional da Rede Ibero-americana de Pesquisa Qualitativa em Alimentação e Sociedade (REDE NAUS), intitulada “Narrativas Midiáticas Polissêmicas: corpos, comensalidades e subjetividades” (com alguns ajustes para cumprir as normas para publicação). Esse texto discute o uso problemático de álcool feito por uma mulher e nos apresenta o dualismo pulsional, conceito amplamente disseminado na psicanálise, como uma oportunidade de ressignificar os entendimentos de sintoma e êxito nos manejos técnicos pelo campo da AN, a partir das relações familiares, do comer e da comida

Assim como, em Prelúdio da Cachaça, Câmara Cascudo levanta “o último copo, o brinde terminal da despedida jubilosa” (2014, p. 50), nossa última análise, denominada “A saideira – uma análise do filme Druk: mais uma rodada”, se propõe a retomar as questões trabalhadas nos filmes anteriores e finalizar nossas análises através da narrativa central da obra, ressaltando seus principais pontos de divergência e convergência. Se, nos manuscritos 1 e 2, as questões relativas ao uso de bebidas alcoólicas dialogavam com corpos femininos, no filme Druk, surgem as questões masculinas e seus atravessamentos. Este filme possui um “floreado” interessante ao passear por inúmeras instâncias do uso de álcool, sem necessariamente categorizá-las como usos patológicos.

Ressaltamos ainda que as imagens incluídas ao longo dos textos de análise constam apenas nesta tese, já que os formatos publicados seguiram as orientações de cada veículo, e esses não permitiam o uso de imagens.

No capítulo 5, já ressumados, porém ainda com fôlego, iremos arrematar as discussões realizadas através de nossas análises com as nossas considerações finais.

Finalmente encerramos com as referências utilizadas ao longo do texto. Nos anexos disponibilizamos a lista de filmes assistidos no processo de escolha dos filmes.

Objetivo geral

Problematizar e analisar as relações que se estabelecem entre a comensalidade e o uso/consumo de bebidas alcoólicas no campo da Alimentação e Nutrição em produções cinematográficas.

Objetivos específicos

- Caracterizar a comensalidade tradicional e a ampliação do conceito de comensalidade;
- Discutir a ampliação do conceito de comensalidade, incluindo os usos e consumos de bebidas alcoólicas;
- Analisar a relação entre controle dos corpos femininos e o uso de substâncias (tabaco, comida e bebidas alcoólicas) a partir do filme “O Diário de Bridget Jones”;
- Fomentar aproximações entre o campo da AN com a psicanálise utilizando o conceito de dualismo pulsional no uso abusivo de álcool a partir do filme “Krisha”;
- Analisar variados consumos de bebidas alcoólicas, propondo intervenções mais compreensivas no campo da AN a partir do filme “Druk: mais uma rodada”.

1 PERCURSO METODOLÓGICO – A ABRIDEIRA²

O percurso aqui descrito visa delimitar o caminho percorrido na pesquisa e os motivos que justificam a escolha das ferramentas metodológicas que foram utilizadas. Partindo do pressuposto que não existe escolha de objeto que não envolva um ponto de vista, ou, em outras palavras, não existe neutralidade total, é preciso entender o que está em jogo no “fazer científico”, construindo nesse caminho uma certa neutralidade ou uma neutralidade possível no campo a ser estudado. Existirá sempre alguma parcialidade na pesquisa qualitativa, o que se torna estratégico para olhar o jogo neste ou naquele momento, uma vez que permite perceber os elementos que estão sendo colocados e analisá-los.

Se levarmos em consideração que o pesquisador é em sua essência um “investigador”, podemos utilizar a lente de aumento como exemplo. A lente é um instrumento que nos auxilia a enxergar melhor; observar os detalhes, assim como as ferramentas metodológicas se propõem, e, mesmo assim, elas não são capazes de mostrar a totalidade, dando aí seu limite. Em contrapartida, a lente consegue evidenciar os detalhes insignificantes e negligenciáveis num primeiro momento. Desta maneira, é importante destacar aqui que a ideia não é se debruçar sobre as “verdades” naturalizadas e o lugar de razão, de que muitas vezes a ciência se ocupa. Becker (1994) afirma que, por mais amplo que seja o programa de pesquisa no qual estejamos inseridos, não podemos ter a expectativa de que o trabalho nos dará todas as respostas ou tudo de qualquer resposta. O importante acaba por ser o empreendimento da pesquisa como um todo.

Assim, acredito que as pesquisas desenvolvidas ao longo da nossa trajetória e os problemas de pesquisa pensados e construídos ao longo deste caminho conversam, numa certa medida, com as nossas biografias; e as discussões desenvolvidas ao longo deste trabalho não estão isentas das ideologias que nos acompanham e vão sendo construídas ao longo do caminho. Este trabalho, portanto, está para além do lugar da neutralidade, pois busca investigar a produção de sentidos e subjetividades do campo do simbólico da alimentação. Esta pesquisa faz

² Luís Câmara Cascudo, ao consultar o Dicionário do Folclore Brasileiro denomina de Abrideira “a inicial, primeiro copo, primeira dança, primeiro prato. O inverso de saideira” (CASCUDO, L.C. 2014 p. 6)

morada na complexidade que envolve as temáticas dos usos de álcool e da comensalidade.

Diante da complexidade citada anteriormente, entendemos que o cinema marca um lugar interessante para realizar este debate, justamente, por compreendermos que ele é um formulador de representações da vida social, tendo em vista que através de uma obra fílmica podemos abordar temáticas complexas a partir da leveza da arte, como, por exemplo, preconceitos, interdições, hierarquias, rituais, moralizações, nós, laços, encontros e desencontros sem a rigidez da racionalidade científica. Um filme é capaz de evidenciar essa complexa teia de relações humanas nos “fornecendo rico material de observação das sociedades e dos seres que as compõem” (FERREIRA, *et al.* 2016 p.18).

Além disso, reforçamos a intenção de transbordar os muros das especialidades ao dialogar com o campo das artes, na medida em que compreendemos o cinema como “uma intercessão, um ponto de encontro que nos permite pensar as diferentes dimensões da comensalidade na vida social [...] e a comida é o nosso fio condutor” (FERREIRA *et al.*, 2016, p.27). No nosso caso, a bebida é quem conduz.

1.1 Cinema, comensalidade e bebidas alcoólicas: a análise fílmica

Fernando Mascarello, em sua obra denominada “A história do cinema mundial”, publicada em 2006, relata a trajetória do cinema desde o seu surgimento. Apesar de diversas informações circularem em torno da trajetória histórica da chamada sétima arte, surgindo em torno do ano de 1895, ela não possuía um código próprio, estando misturados com outras formas de expressão artística, como os espetáculos de lanterna mágica, o teatro popular, os cartuns, as revistas ilustradas e os cartões-postais. Sendo assim, o autor indica que a história do cinema faz parte de uma história mais ampla, englobando não só elementos relacionados à reprodução de imagens, mas também às diversões populares, aos instrumentos óticos e às pesquisas com imagens fotográficas (MASCARELLO, 2006).

Afirma-se ainda que, apesar dos irmãos Lumière³ possuírem imensa notoriedade na história do cinema mundial, sendo eles marcadores iniciais da historiografia cinematográfica, não foram os primeiros a realizar uma sessão pública e paga de filmes. Segundo o autor, os irmãos Max e Emil Skladanowsky já tinham feito uma apresentação de 15 minutos dois meses antes da famosa apresentação do cinematógrafo Lumière, no Grand Café, em 1.º de novembro de 1895. Apesar de não terem sido os primeiros, os irmãos Lumière foram os mais famosos, principalmente pelas suas características técnicas (MASCARELLO, 2006).

A historiografia que cerca o surgimento do cinema aponta que o mesmo só conseguiu ganhar notoriedade tardiamente, quase setenta anos após o evento no Grand Café. O fato de a credibilidade cinematográfica ter ficado à margem durante muitos anos se deve ao fato de que essas produções tenham sido consideradas um passatempo de pobres e iletrados, sendo excluídas, conseqüentemente, do universo da cultura. O cinema não estaria à altura das artes maiores da época, como, por exemplo, a escultura, a pintura ou a música (SEABRA, 2014).

Nos anos de 1970, apesar de o cinema já ter arrebanhado os setores mais cultos da sociedade, o filme ainda continuava “na porta dos laboratórios da história”, ou seja, as obras cinematográficas remetiam para o domínio factual, sendo consideradas uma ferramenta para manipular a realidade histórica, sem rigor e objetividade (SEABRA, 2014).

Desta maneira, o cinema só ganha aceitação no sistema das artes a partir dos investimentos do teórico francês, Riccioto Canudo (1879-1923), que ao tratar a classificação das artes (tendo suas raízes desde a Antiguidade), apostou no cinema como sendo “a arte plástica em movimento”, dando-lhe o sétimo lugar nesta classificação: música, pintura, dança, escultura, teatro e literatura (FIGURELLI, 2013).

Sendo assim, escolheu-se o cinema como local privilegiado para observar os fenômenos que envolvem os usos de álcool e a comensalidade, partindo da premissa do teórico francês, Christian Metz, de que a matéria-prima do cinema é a

³ Os irmãos franceses Auguste e Louis Lumière possuem grande notoriedade na história do cinema por terem sido os pioneiros na reprodução de imagens em movimento. Apesar de não terem sido os primeiros, eles foram os criadores do “cinematógrafo”, um equipamento, que era ao mesmo tempo uma máquina de filmar e projetor. A maioria de suas produções seriam documentários curtos relacionados com a divulgação do equipamento criado por eles.

realidade, e seu significante está ligado aos nossos significados, não sendo possível separá-los. Segundo Metz, “as imagens são representantes realistas e os sons reproduções exatas daquilo a que se referem” (METZ, 2014, p.176). Mesmo assim o cinema é uma imagem construída da realidade.

Tendo em vista que vivemos numa sociedade que se comunica a todo momento, a comunicação visual ganha destaque, principalmente através do cinema, seguida pela televisão e pelo computador. Uma das maneiras de se comunicar é associando a imagem visual à imaginação. Nesse caso, o “cinema tornou-se um desafio de reconstrução do real por meio das imagens, de maneira que o envolvimento psíquico-afetivo do público seja eficiente” (SILVA, 2008, p.215). De forma quase dialética, o imaginário se confunde com o real, num sentido duplo, que não exclui a imaginação do criador do filme dessa relação, nem a organização social a qual se estrutura (MORIN, 2014). Assim,

esse fluxo de imagens, de sentimentos, de emoções, constitui um fluxo de *ersatz*⁴ de consciência que se adapta ao dinamismo cinestésico, afetivo e mental do espectador. Tudo se passa à medida que o filme desenvolve uma nova subjetividade que arrasta a do espectador, ou melhor, como se dois dinamismos bergsonianos se adaptassem e se arrastassem. O cinema é exatamente essa simbiose: um sistema que tende a integrar o espectador ao fluxo do filme. Um sistema que tende a integrar o fluxo do filme ao fluxo psíquico do espectador (MORIN, 2014, p. 94 – Tradução nossa).

Portanto, o filme possui uma particularidade sobre a questão visual que impacta o sujeito e, por isso, pode estar sendo influenciado por diversas questões: o autor, a maneira como os planos são apresentados, o posicionamento da luz – para todas essas técnicas, tem-se uma intencionalidade – nada está ali como fruto do acaso.

É justamente por juntar diversos recursos técnicos na composição de um filme, combinando vários elementos ao mesmo tempo que o espectador é capaz de vivenciar uma “experiência multissensorial” (p.51), em que ele se desloca de um evento cinematográfico como se fosse um evento natural – as emoções e a atenção do espectador são controladas e dirigidas (ANDREW, 2002). Mesmo assim é importante destacar que o espectador

jamais tem, com as imagens que olha, uma relação abstrata, “pura”, separada de toda realidade concreta. Ao contrário, a visão efetiva das

⁴ Que se refere à imitação; substituto.

imagens realiza-se em um contexto multiplamente determinado: contexto social, contexto institucional, contexto técnico, contexto ideológico. É o conjunto desses fatores "situacionais", se assim se pode dizer, que regulam a relação do espectador com a imagem (AUMONT, 2002, p. 15).

Se levarmos em consideração a função de memória que o cinema exerce, poderíamos dizer que tal função serviria para o resgate de um conteúdo histórico-cultural ao produzir arquivos de imagens sobre determinados períodos históricos. No mais, acrescentaremos a memória que está além desse retorno ao passado, aquela que é capaz de (re)produzir e transmitir discursos, valores, ideologias e percepções, que influenciam e são influenciados por transformações sociais, culturais e econômicas. O indivíduo forma uma teia de sentidos através de analogias que realiza entre suas percepções atuais com suas percepções mais antigas, haja vista que “toda percepção já é memória.” (BERGSON, 1999, p. 176). Um filme, permite que o espectador se movimente a qualquer ponto do tempo e do espaço através de um ritmo particular, que não está na ação propriamente dita, mas sim nas imagens em ação, e é assim que se formulam atividades temporais divididas em minúsculas parcelas. Daí ocorre a reconstituição do tempo, um chamado “tempo fluido.” (MORIN, 2014, p. 73)

Portanto, a memória é um conjunto de sistemas sensório-motores, em que o corpo vem a ser “lugar de passagem dos movimentos recebidos e devolvidos, o traço da união entre as coisas que agem sobre mim e as coisas sobre as quais eu ajo; a sede enfim” (BERGSON, 1999, p. 177).

Reafirmamos, então, que a própria substância humana, as batidas do nosso coração e as paixões da nossa alma podem ser trazidas para a superfície ao assistir um filme (MORIN, 2014). Assim como a memória combina respostas motoras a experiências sensoriais, um filme conjuga recursos técnicos com as subjetividades humanas, causando-nos sentimento de realidade. Ou seja, a identificação com o que passa diante dos nossos olhos através de uma tela se conecta com a nossa rede de sentidos e com a nossa maneira de olhar o mundo que nos rodeia, evidenciando nossas formas de viver e pensar. Muitas vezes, essa junção provoca respostas corporais que evidenciam esse entrelaçamento, por exemplo, quando choramos ou sorrimos durante uma cena.

Em relação aos consumos de bebidas alcoólicas nos filmes, nos interessa a maneira como esse tema foi abordado e como essas construções discursivas se deram em torno do ato de ingerir álcool.

Inicialmente, as temáticas em torno do consumo de álcool não eram de muito interesse dos cineastas, tendo em vista que a preferência se dava para temas mais consagrados pela linguagem escrita, como, por exemplo, os romances. É a partir do século XX, com as investidas da epidemiologia e uma maior compreensão dos efeitos do álcool no organismo, que se modifica a relação da sociedade com o álcool (ZANATTO, 2019). A partir de então, o álcool é visto como um problema de saúde a ser sanado, impondo-se um controle epidemiológico e a ascensão de medidas disciplinarizantes e medicalizantes pelo Estado (CARNEIRO, 2002). É aí que surge a figura do alcoólatra, personagem estigmatizado, não demorando muito para o cinema se apropriar desse tema (ZANATTO, 2019).

À época, filmes como *Victimes de l'alcoolisme* (Vítimas do Alcoolismo, 1904), de Ferdinand Zecca e *A Drunkard's Reformation* (A recuperação de um alcoólatra, 1909) trouxeram um recorte do tema, dialogando com os anseios da sociedade e reforçando uma visão binária sobre a questão do álcool, tendo em vista que o cinema ainda era tido como um entretenimento consumido por classes mais populares e partia em busca de legitimidade das classes “mais favorecidas” (ZANATTO, 2019).

Em 1917, Charles Chaplin interpreta um bêbado de “alta classe”, devorado pelo tédio e pelo vício. A sátira estadunidense faz um contraponto que denuncia a “hipocrisia dos consumidores de álcool para com os vícios ou hábitos dos outros e de outras classes sociais.”, desassociando o consumo nocivo de álcool à miséria, que degrada a família operária (ZANATTO, 2019, p. 12).

Chama-nos a atenção nas obras citadas que o amor, tanto nas narrativas dramáticas quanto nas cômicas, surge como redenção, cura para a devastação: o apelo das esposas para que ébrios retornassem para o seio familiar ou o apaixonamento repentino por uma jovem momentos antes de beber fazem barra ao consumo degradante. Ademais, é prudente que estejamos informados sobre os paradoxos do amor, tendo em vista que estamos plenamente imersos num mundo com nossos sofrimentos, felicidades e amores (MORIN, 2005). O amor é o

ápice mais perfeito da loucura e da sabedoria, ou seja, no amor, sabedoria e loucura não apenas são inseparáveis, mas se interpenetram mutuamente. Reconhecemos a poesia não apenas como um modo de expressão literária, mas como um estado segundo que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação e, obviamente, do amor, que contém em si todas as expressões desse estado segundo (MORIN, 2005, p. 9).

Retornando para as representações sociais dos consumos de álcool no cinema ainda no século XX, é através de intensas intervenções e regulações de hábitos populares, que essas representações se aliavam aos anseios da sociedade, o que possibilitava aos filmes transmitirem tendências ideológicas e conservadoras, dialogando com instituições médicas e judiciais (ZANATTO, 2019).

Os filmes de Gângsters, como, por exemplo, *What! No beer?* (dirigido por Edward Sedgwick, Metro-Goldwyn-Mayer, 1933), ganham força após o término da Lei Seca⁵ nos Estados Unidos e, com isso, esses gêneros trazem diversas contradições através de seus personagens, que ora ocupam posicionamentos proibicionistas, mas em outros momentos os mesmos personagens são gângsters (ZANATTO, 2019). Este parece ser um exemplo do início de alguma relativização, além de um afastamento (ainda que breve) de um olhar maniqueísta em torno dos consumos de álcool, trazido por uma obra fílmica e que dialoga com essa pesquisa.

Esse parece ser um bom caminho (que constrói perspectivas mais compreensivas) nas reflexões em torno do beber, do comer ao analisarmos os filmes, escolhidos a diante, tendo em vista que uma obra fílmica é o encontro da memória com o espírito (BERGSON, 1999), que de alguma maneira valida o conteúdo que está sendo transmitido na tela, se ligando com o que acreditamos.

Sendo assim, para identificar e analisar melhor a relação entre a comensalidade e os usos/consumos do álcool, esta pesquisa escolheu o cinema como “lugar de olhar” por entender que as obras cinematográficas são uma das formas de acessar a representação da realidade, pois o filme vem a ser uma materialização de um discurso, apesar de ser apenas uma das realidades possíveis para determinado tema. Além disso, a escolha pelo cinema se dá devido ao fato de discussões de cunho científico numa perspectiva mais ampliada, que aproximem cinema, comida e bebida, ainda serem muito incipientes, ganhando destaque, por

⁵ Lei que vigorou nos Estados Unidos entre janeiro de 1920 a dezembro de 1933, determinando a proibição qualquer ação desde a fabricação até o comércio de bebidas alcoólicas.

exemplo, em manchetes de veículos de comunicação, que embasam suas matérias com dados puramente numéricos, como, por exemplo, “Cultura do álcool: dos filmes, da publicidade e do hábito real”, “Álcool no cinema incentiva o consumo de bebida por jovens” ou “Bebida alcóolica é a nova pipoca dos cinemas nos EUA” (REPORTER UNESP, 2017; DA FRANCE, 2012; BAZARELLO, 2017).

A escolha do cinema como campo de observação surge, sobretudo, por acreditar no grande poder de reflexão que a sétima arte nos proporciona. Além disso, as narrativas fílmicas são capazes de proporcionar discussões acerca do objeto estudado por serem capazes de reproduzir na tela a realidade travestida de ficção, estabelecendo uma aproximação e identificação com o público e atuando como produtor e reproduzidor de identidades sociais e culturais (OLTRAMARI e LOPES, 2016).

A análise fílmica como ferramenta metodológica, nos permite produzir um material escrito do filme, nos fornecendo elementos de buscas posteriores, para contextualizar a obra. Buscar historicamente o contexto social e ideológico que compõe o entorno do filme nos dá embasamento para a análise posterior, com o olhar menos romantizado sobre a obra, ou seja, a análise fílmica nos permite retirar o cinema do lugar da arte e do entretenimento para colocá-lo no lugar para análise do objeto (SEABRA, 2014).

Ao aproximar o cinema da ciência ressaltamos que as obras fílmicas podem ser analisadas por diversos caminhos, ou seja, é necessário transpor o filme do lugar da arte para ser utilizado como instrumento de análise, a partir do nosso objeto de pesquisa – e a análise fílmica se propõe a isso. Ela também nos permite entrar em contato com uma diversidade cultural fornecida pelo filme, além de nos auxiliar a pensar o que é global (ou não), as semelhanças e diferenças na maneira de se observarem as questões em torno das bebidas alcoólicas.

O cinema é uma linguagem que serve para se expressar. O filme é a representação da imaginação, através da imagem. A construção imagética é realizada a partir de elementos reconhecidos pela sociedade, e o papel do analista vai além da leitura do espectador.

Além disso, é importante não perder de vista que a força discursiva imposta pelo campo biomédico, norteia os tratamentos e o modo da sociedade olhar para os processos de adoecimento, incluindo os consumos de álcool. O filme é a

materialização visual deste olhar, e o que aparece na tela faz parte de uma construção social do que está hegemonicamente colocado como verdade.

Paralelamente, é importante ressaltar que foi necessário lapidar o olhar do pesquisador para que os filmes fossem assistidos sem ser capturados pelos efeitos do cinema, ou seja, como existem diversas formas de assistir a um filme, o processo de visionamento aqui realizado será com o intuito de compreender como o álcool se insere em diversas situações da comensalidade, sem a pretensão de dar conta de discussões relacionadas às quantidades e aos efeitos físico-químicos causados pelos diferentes usos do álcool, mas, sim, explicitar e analisar as relações em torno desses usos, ou melhor, compreender como esses usos se relacionam com a comensalidade. Diante disso, reforça-se que utilizar a análise fílmica como ferramenta metodológica exige do pesquisador que este se retire do lugar de espectador para conseguir enxergar os pormenores incutidos numa obra artística. Sendo assim, Seabra (2014) afirma que num filme a subjetividade estará sempre presente na informação que servirá de suporte para o que está sendo investigado, reforçando a necessidade de que o pesquisador se afaste do lugar de ingenuidade.

O filme é uma narrativa, um discurso sobre o objeto. Faz-se necessário, para realizar uma análise, capturar elementos centrais, argumentos, cenas e elementos visuais, considerando o fato de se explicitar o que se deseja. E isso se considera para além de uma ideologia colocada, sem perder de vista as linguagens que estão postas em cada obra. Ou seja, os filmes selecionados para compor esta pesquisa são nossos “*corpora* de análise”, que contribuem no processo de incluir novas perspectivas sobre o olhar dos consumos de bebidas alcoólicas.

Apesar de a objetividade ser uma das características mais exaltadas pela ciência, negando as subjetividades, ela não será capaz de esgotar discussões sobre um determinado tema, nem produzir verdades absolutas. Para Kuhn (1997), a ciência é uma prática social, em que os paradigmas científicos são sustentados através de premissas partilhadas por um determinado grupo. Desta mesma maneira, o filme é um limite, sendo apenas uma das realidades possíveis para determinado assunto, mas é capaz de nos presentear com um rico material, devido à sua capacidade de representatividade social, e as relações em torno do comer, do beber e da comensalidade não se furtam desse fato.

1.2 A escolha dos filmes

As discussões em torno da comensalidade e o uso/consumo de bebidas alcoólicas nos filmes selecionados pretendem se despir de qualquer valor moral em torno desses usos que os reduzam apenas a situações de dor, àquilo que aplaca, invalidando e negando o que tais usos promovem no nível do prazer, da experiência mística e dos encontros que a droga é capaz de promover.

Inicialmente, foram selecionados filmes que abordassem a ampla temática do uso de drogas (lícitas e ilícitas), além de incluir filmes que apresentassem situações de compulsões das mais variadas formas (ANEXO 1). Num segundo momento, após um aprofundamento nas leituras e melhor definição dos objetivos da pesquisa, das discussões realizadas durante as disciplinas, além de leitura de pesquisas que circulam em torno do consumo de substâncias, seus usos e abusos, percebeu-se que diversas obras fílmicas conseguiriam contemplar o nosso objetivo. Disciplinas realizadas em outros Programas de Pós-Graduação também auxiliaram na delimitação do objeto. A partir daí, realizamos mais um recorte para a escolha dos filmes. Os critérios de inclusão foram filmes que tivessem em seu roteiro alguma situação em torno do consumo de álcool. Após a seleção, nos pusemos a analisá-los, incluindo aí as relações em torno da comensalidade. Dessa lista, escolhemos para análise nessa pesquisa os filmes abaixo:

A) “O Diário de Bridget Jones” – comédia romântica estadunidense, em que a personagem principal passeia por diversos padrões de uso de bebidas alcoólicas e de comida, definidos de acordo com sua vida amorosa. Lançado em 2001, Bridget Jones, trinta e poucos anos, decide em uma festa de final de ano traçar metas para o ano seguinte e retomar o controle de sua própria vida, escrevendo diversas situações vivenciadas por ela em um diário. A partir de um mergulho nas questões que circulam o universo feminino, como, por exemplo, conquistar o peso ideal, garantir o matrimônio e atender expectativas dos que cercam a personagem, Bridget com frequência comete abusos em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, cigarros e guloseimas hipercalóricas.

B) “Krisha” – a obra estadunidense, lançada em 2015, narra a tentativa de retomada dos laços familiares da personagem principal, esgarçados pelo uso prejudicial de bebidas alcoólicas, a partir do jantar do Dia de Ação de Graças, em

que Krisha está responsável por cozinhar o prato principal do feriado. O filme é classificado no gênero drama/comédia.

C) “Druk – mais uma rodada” – filme de origem dinamarquesa com estreia no Brasil em 2021. Narra a história de quatro professores do ensino médio que enfrentam diversas problemáticas individuais. Assim, decidem experimentar uma hipótese de que se manter com níveis constantes de álcool no sangue lhes proporciona uma vida mais ativa e feliz. O desenrolar dos efeitos individuais e coletivos desse consumo de bebidas alcoólicas é o fio condutor dessa comédia dramática.

Os filmes selecionados não necessariamente dialogam entre si, mas possuem discussões em torno dos mais variados consumos de bebidas alcoólicas e da comensalidade (qualquer relação social ao comer e beber).

No final das contas, podemos dizer que, apesar de existir um caminho que nos levou à seleção final desses filmes, existe também um caminho contrário da escolha dos filmes. À medida que nosso objeto de pesquisa foi se delimitando e ganhando robustez, também recorreremos às nossas memórias fílmicas, e, a cada lançamento que surgiu durante esse período, os olhares já estariam alerta. Assistir a um filme incluindo os elementos aqui estudados tornou-se um “caminho sem volta”.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Gripe cura com limão, jurubeba é pra azia
Do jeito que a coisa vai,
O boteco do Arlindo vira drogaria
Tem vinho pra conjuntivite, licor pra bronquite, cerveja pros rins
Assados e rabos-de-galo pra todos os males e todos os fins
O Juca chegou lá no Arlindo se desmilinguindo, querendo apagar
Tomou batida de jambo, recebeu o rango e botou pra quebrar
(Trecho da música “Boteco do Arlindo”, interpretada por João Nogueira, 1993)

Segundo Bourdieu (2002), anteriormente à definição e escolha do objeto de pesquisa, torna-se necessário compreendermo-nos como cientistas e compreender o meio científico em que estamos inseridos. O processo de pesquisa torna-se importante no sentido de desenvolver construções teóricas para serem discutidas. A pesquisa, geralmente, estará ancorada mais em discursos do que em verdades, e o pesquisador possui o papel de elaborar as perguntas para pensar a pesquisa e romper o senso comum.

Scartezini (2011) acredita que os estudos sobre a história social dos problemas, dos objetos e dos instrumentos de pensamento são ferramentas importantes para o rompimento com o senso comum, sendo necessário entender como determinados problemas foram se constituindo coletivamente a partir de uma realidade social.

A pesquisa abre a possibilidade de desnaturalizar o “não tem jeito”, ofertando novas possibilidades. É a maneira de entender o que está acontecendo e olhar a realidade com mais contradições e com menos verdades. O processo de pesquisa que se propõe a incluir as ciências sociais permite descobrir a nuvem da inconsciência, produzindo uma liberdade para compreender o jogo social. É necessário romper com as certezas do saber definitivo ao qual o saber científico se propõe, desafiando os critérios do rigor científico (BOURDIEU, 2002).

A escolha por discutir os mais variados usos e consumos de bebidas alcoólicas e a tentativa de contribuir na ampliação do conceito de comensalidade também não é uma escolha neutra, isenta de um ponto de vista. Neste sentido, cabe

a esta pesquisa muito mais a problematização dessas questões em torno dos diversos padrões de usos e consumos das bebidas alcoólicas, do que a busca por respostas definitivas. Cabe sustentar discussões sobre verdades hegemonicamente naturalizadas.

Trazer a temática do álcool para o campo da AN é não ignorar e excluir que, em relação às drogas lícitas e aos alimentos (em seu estado sólido), há um jogo posto para que a produção e comercialização de algumas dessas substâncias sejam legitimadas e até mesmo incentivadas em detrimento de outras. Não falar sobre isso seria manter tais discussões na obscuridade da conveniência. Contudo, o pesquisador não se deixa ficar aí, ele ocupa o lugar da inquietude e do questionamento, não aceitando de pronto o que aparece na superfície, sabe que é necessário buscar o que está por trás do que é claramente observável, rompendo com o óbvio.

Nesse sentido, vale analisar historicamente em que contexto social certas substâncias passaram a ser consideradas como drogas, situando-se no limite do saudável e do patológico, do sagrado e do profano. Essa reflexão embasa a hipótese inicial da tese de que é preciso pensar criticamente como a nutrição lida de forma naturalizada (e verticalizada) com o consumo de bebida alcoólica, tendendo a patologizar seu consumo, não problematizando e desconsiderando as dicotomias, inerentes à vida humana, marcada por desejos, prazer e culpa.

2.1 Comida e droga: na saúde e na doença

Na história da humanidade, o uso de substâncias já estava presente desde épocas longínquas. Na Antiguidade, os gregos já tinham em seu vocabulário o termo *phármakon*, que era utilizado como referência tanto para o remédio quanto para o veneno. Ou seja, o termo era utilizado com significados contraditórios, pois acreditava-se que a fronteira que separava as propriedades do que era mortífero de usos salutares não estava exatamente na droga em si, mas sim nos padrões de uso vivenciados (ESCOHOTADO, 2007). Nesse sentido, a questão central estaria mais focada nas relações em que cada um estabelecia com determinada substância do que com o objeto em si.

A Idade Média, por ter sido um período de reafirmação ideológica e cultural por parte da igreja cristã, acusava práticas contrárias a esses ideais, inclusive no que diz respeito às práticas dos usos terapêuticos e recreativos de substâncias. Neste mesmo período marcado por contradições, a sociedade europeia vivenciou por muitos anos uma realidade de fome e miséria, mas também possuía uma característica eminentemente cômica, com uma profusão de festas públicas, em que figuras de palhaços, bufões e bobos ganhavam as ruas, principalmente, no período do carnaval. Nesse contexto, a embriaguez ganhava lugar privilegiado, configurando-se como possibilidade de rebaixamento e de ultrapassagem de barreiras sociais, possibilitando a abertura do corpo para o mundo (VARGAS, 2008).

Além disso, Vargas (2008) afirma que a maioria dos pobres europeus vivia num estado de permanente torpor e alucinação, provocado por substâncias (ervas alucinógenas ou entorpecentes como a papoula, o cânhamo, o joio e o esporão de centeio) utilizadas para adulterar pães, contribuindo para uma formação de modelos desviantes e visões delirantes. O uso de substâncias entorpecentes mostrava-se como tentativa de uma sociedade que deseja se proteger da dolorosa agressão dos seus sonhos, por meio de uma “farmacologia mágica”, induzindo ao esquecimento e à serenidade.

Já no século XVII, com o declínio das especiarias e as mudanças sociais oriundas do capitalismo, houve a ascensão de um grupo de alimentos, num primeiro momento, considerado “de luxo”: o café, o chá, o chocolate, o açúcar, o tabaco e as bebidas alcoólicas, todos vindos de fora da Europa. Já no século XVIII, essas mudanças levaram a uma expansão social do consumo de açúcar, intensificando seu uso como adoçante, conservante e confeito, retirando-o do lugar de substância “custosa, exótica e estrangeira”. O açúcar passa a ser colocado em usos cotidianos, sendo consumido pelas classes mais pobres, tendo uma importante função social.

Enquanto as bebidas quentes, leves, estimulantes e não alcoólicas (como o chá, o café e o chocolate adoçados) se conformam com os ditames do capitalismo emergente e seus reclamos por sobriedade, racionalidade e disciplina no trabalho, o tabaco e as bebidas alcoólicas destiladas tornam mais suportáveis a crescente (o)pressão disciplinar e as precárias condições de vida que se abatem sobre os mais pobres ao entorpecê-los. Enquanto isso, o açúcar, rico em calorias, além de fornecer energia indispensável para o trabalho, adoça tudo aquilo com que ele se mistura... Nesse contexto, tais substâncias foram enaltecidas como sendo (e consumidas por serem) capazes de tornar “suportável a existência terrena do homem decaído”, vale dizer, de tornar doce uma vida percebida como amarga (VARGAS, 2008, p. 49).

Vale ressaltar que essa função simbólica do açúcar aponta que a comida e a comensalidade não estão separadas em sua origem. Esse uso de determinadas substâncias como uma “farmacologia mágica” que protegesse a sociedade do sofrimento decorrente da crueldade da vida ou lhes desse forças para responder às exigências laborais do capitalismo crescente perde lugar para um modelo repressor que localiza nas drogas uma modalidade de transgressão social.

As estratégias de combate, repressão e proibicionismo teriam como primazia um modelo de intervenção baseado nos aspectos morais e criminais no que diz respeito ao uso de substâncias, preconizando o encarceramento dos indivíduos, fazendo com que o número de unidades prisionais destinados a este fim crescesse no Brasil e no mundo. Esse modelo pautava a abstinência como requisito para o ingresso em programas de tratamento, em que as pessoas que por ventura não conseguissem cessar por completo o uso, não estariam incluídas. A partir desse contexto, surgiram os primeiros questionamentos em relação ao modelo, pelo qual as pessoas eram estigmatizadas e excluídas das pautas de políticas de tratamento (MACHADO e BOARINI, 2013).

Nos anos posteriores, as discussões em torno do uso de drogas/substâncias continuam a fazer parte dos principais momentos históricos que marcaram cada época. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), os soldados ingleses tratados com morfina tornaram-se dependentes de opioides. Entendendo que os mesmos adquiriram dependência pela substância em defesa de seu país, determinou-se que o Estado naquele momento teria obrigação de fornecer essa substância com a finalidade de reduzir os danos causados pela sua retirada brusca. Nesse mesmo momento histórico, através do Relatório Rolleston⁶, permitiu-se que um grupo de médicos prescrevesse heroína e ópio para dependentes na tentativa de reduzir os danos causados pelo uso e controlar os sintomas relacionados à abstinência (POLLO-ARAÚJO e MOREIRA, 2008; DA SILVEIRA, 2017).

A Revolução Industrial também deixou suas marcas nas questões que envolvem o consumo de drogas através da transição dos processos de produção, do crescente processo de urbanização e do surgimento de outras tecnologias, como,

⁶ O Relatório Rolleston foi um documento produzido através de uma comissão presidida pelo Ministro da Saúde do Reino Unido, Humphrey Rolleston, autorizando médicos britânicos a prescreverem ópio para dependentes em situação de risco, minimizando os efeitos prejudiciais à saúde.

por exemplo, o aprimoramento no processo de destilação do álcool, contribuindo com o uso e o abuso de drogas. Desta maneira, as drogas saem da esfera religiosa, ocupando ainda mais as pautas biomédicas e judiciais (MACHADO e BOARINI, 2013).

O próprio consumo de álcool, que desde a Era Medieval se apresentava através das bebidas fermentadas, como cervejas, cidras e vinhos, objetivando “completar dietas excessivamente monótonas e pouco calóricas” (96), ou por vezes adicionadas às águas no intuito de torná-las mais limpas, tem seus padrões de consumo modificados através da difusão do álcool destilado (ALGRANTI, 2003).

Se os alambiques medievais produziam aguardente para finalidades médicas, no século XVIII, a partir da criação de alambiques mais modernos, surgiu o hábito de dar aguardente aos soldados antes das batalhas, e a aguardente ganhou importância na indústria da guerra, assim como o rum passou a fazer parte da “ração de marinheiros ingleses”, após a tomada pela Jamaica (ALGRANTI, 2003, p.97).

Ou seja, a história do álcool passou por sistemas simbólicos e práticas sociais relacionadas a mitos e crenças na Antiguidade e Idade Média até se ambientar no discurso científico no século XIX, quando há uma aproximação maior dos processos físico-químicos de fermentação e descoberta de micro-organismos causadores do azedamento da cerveja. Inclusive, no compartilhamento do espírito de confiança e hospitalidade, observava-se que “ao contrário da comida, em que a carne era fracionada em partes diferentes, a cerveja era partilhada no mesmo recipiente” (MONTEIRO, 2015, p. 266).

Nesse momento, enquanto observava-se a popularização de produtos advindos da fermentação de cereais, como, por exemplo, os licores de vodca, uísque, genebra e gim, nos países colonizados, produtos vinculados ao açúcar ganham importância econômica, como, por exemplo, a aguardente brasileira e o rum do Caribe, que serviam, inclusive, de escambo para compra de escravos no continente africano (ALGRANTI, 2003).

Levando em consideração que a cachaça brasileira, subproduto da indústria açucareira, ultrapassou as barreiras de sua importância econômica para tornar-se

símbolo de identidade nacional, assumindo dessa maneira “papel central no sistema de vida e de valores dos indivíduos” (ALGRANTI, 2003, p.71), vemos que

o consumo de licores e aguardentes, especialmente a destilada da cana-de-açúcar, foi tão amplamente difundido e popularizado no nosso país, que produziu todo um folclore sobre a bebida, resultando em trovas, versos e ditos populares que remontam, inclusive, à época colonial. O consumo de licor permeou as camadas sociais, instalou-se na botica caseira e serviu às advertências de médicos e cirurgiões sobre os excessos e males que poderia causar (CARNEIRO, 2005, p.74).

Esse breve percurso histórico mostra a complexidade do assunto aqui tratado. Nota-se que não há definição unívoca sobre o que é a droga, sua licitude ou ilicitude e seus usos. O uso das drogas como recurso de enfrentamento de situações sociais complexas, como a pobreza e a guerra, demonstra uma tentativa de intervenção que minimizasse os efeitos nocivos de uma sociedade em permanente conflito, e as bebidas alcoólicas não passam ilesas nesse processo. Nesse sentido, diferenciar os padrões de uso também é um aspecto importante a ser considerado na construção de qualquer discussão em torno das drogas. Isso não quer dizer que haja um consenso nessa diferenciação, mas é preciso apontar que há alguns caminhos já trilhados nesse sentido.

Na tentativa de estabelecer um diálogo produtivo entre os diferentes atores que lidam com álcool e outras drogas, a *World Health Organization (WHO)* elaborou em 1994 o Glossário de Termos de Álcool e Drogas, traduzido em 2010 pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (BRASIL, 2010). Nesse glossário, são definidos os cinco principais padrões de uso de drogas: uso experimental, uso recreativo, uso controlado/social/funcional, uso nocivo/abuso e dependência. Contudo, esses termos sofreram diversas mudanças em suas concepções e usos.

Atualmente, a WHO define a “Intoxicação aguda” como sendo uma condição a partir do uso de substâncias psicoativas, acarretando alterações no nível de consciência, sendo o termo mais comumente utilizado em relação ao uso de álcool nas ocasiões de embriaguez. A “Síndrome de dependência” é definida a partir da Classificação Internacional de Doenças e Problemas de Saúde, o CID-10 (OMS, 1997), como sendo o conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos em que o uso de substâncias adquire um grau muito elevado. A característica central vem a ser um desejo forte e muitas vezes avassalador de

consumir drogas psicoativas, álcool e tabaco. O “uso nocivo ou prejudicial” é definido como sendo um padrão de uso de substâncias psicoativas que causam algum dano físico ou mental, podendo acarretar ou não consequências sociais. Já o “uso perigoso” de substâncias aumenta o risco de consequências prejudiciais para o usuário, tornando-se um padrão de uso importante para a saúde pública, mesmo com a ausência de desordens no momento atual. O “abuso/uso indevido” de substâncias é definido pela WHO como sendo o que permanece apesar do conhecimento da presença de algum problema social, físico, ocupacional ou psicológico recorrente, causado e/ou exacerbado pelo uso. Os “Transtornos do uso de substâncias” reúne a intoxicação aguda, o uso prejudicial, a síndrome de dependência, o estado de abstinência, transtorno psicótico e a síndrome de amnésica. Por último, o “estado de retirada” vem a ser um grupo de sintomas que surgem a partir da cessação ou redução do uso de substâncias psicoativas (WHO, 2019).

De acordo com Silveira (2016), essa categorização pode ser entendida de acordo com o proposto pela CID-10 (OMS, 1997) e também pelo Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, que atualmente está em sua 5ª versão, o DSM-V (APA, 2014). O “uso” seria o consumo de substâncias lícitas ou ilícitas que não seja patológico ou problemático e, mesmo sendo ocasional, não esteja isento de riscos. O “abuso” seria o uso nocivo, ou seja, qualquer padrão de uso que cause danos à saúde e que não preencha os diagnósticos para dependência, transtorno psicótico induzido por drogas ou para outro transtorno relacionado ao uso de drogas. E, finalmente, a “Síndrome de Dependência” seria usada para classificar o indivíduo que apresente, durante a maior parte do tempo, no período de uma e no mínimo três vezes alguns dos seguintes requisitos: (1) forte desejo ou compulsão para consumir a substância, (2) dificuldade em controlar o comportamento de consumo, (3) estado de abstinência fisiológico após redução ou interrupção do uso da substância, (4) evidência de tolerância com necessidade de maior uso para atingir os efeitos originalmente obtidos, (5) abandono progressivo de prazeres ou interesses em outras atividades que não seja o uso da substância, (6) aumento da quantidade necessária para obter ou consumir a substância e se recuperar dos seus efeitos e (7) persistência no uso de substâncias, mesmo com consequências visíveis de prejuízo. O autor ainda aponta para outros conceitos

sobre os padrões de uso, como uso experimental, uso ocasional, uso habitual, uso recreativo, uso controlado, uso social, *binge*⁷, escalada, tolerância, poliusuário e overdose.

Observa-se que a tentativa frustrada de estabelecer um vocabulário comum que facilite a comunicação tende a simplificar a complexidade da questão em pauta, pois, na prática cotidiana, os indivíduos pautam suas condutas em relação ao consumo de substâncias por parâmetros essencialmente subjetivos. A perspectiva de que os comportamentos são fatos controláveis advém de uma racionalidade que reduz ao âmbito da consciência toda escolha que se faz. Contudo, estudos apontam que o consumo, seja de substâncias ou de produtos, atendem aos mais variados interesses e dinâmicas.

Peres Neto (2014) aponta que é através dos mais variados consumos que as pessoas se inserem na vida em sociedade, em que atualizamos os nossos desejos, entendendo que somos essencialmente seres incompletos. E esse desejo caminha na direção de uma tarefa impossível de nos tornarmos completamente saciados e plenos.

2.2 Regulação dos usos como controle dos corpos e dos prazeres

Analisar o consumo de bebidas alcoólicas mostra-se campo fértil para discussões pertinentes ao campo da AN, que muitas vezes tende a romantizar o consumo alimentar compartilhado e comensalidade, excluindo práticas “desviantes”, subjetividades e singularidades dos laços sociais de cada prática.

Nesse sentido, para estudar como o consumo de bebidas alcoólicas pode fazer parte da comensalidade, é necessário pensar para além das descrições e categorizações dos tipos de usos e lançar luzes sobre o contexto, a natureza do consumo e até mesmo o jogo simbólico que está envolvido nessa prática alimentar. Contudo, as discussões sobre o proibicionismo também são de extrema relevância, justamente porque vão ao encontro das discussões a respeito das práticas

⁷ O uso em *binge* é caracterizado quando o indivíduo consome grande quantidade de substância, em um curto período de tempo, mesmo que este padrão de uso seja esporádico, como por exemplo ingerir grandes quantidades de bebidas alcoólicas em eventos sociais ou fumar uma quantidade maior que a habitual em situações específicas.

disciplinadoras e de controle, comumente observadas nos manicômios e em outras instituições totais.

As instituições totais são definidas por Erving Goffman (1974) como:

Um local de residência e de trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por um período considerável de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada (GOFFMAN, 1974, p.11).

Essas instituições podem ser classificadas em algumas categorias: 1) as instituições criadas para cuidar de pessoas ditas incapazes e inofensivas, como, por exemplo, os abrigos para velhos, cegos, órfãos e indigentes; 2) instituições para pessoas que não são capazes de cuidar de si mesmas, mas que de alguma forma apresentam alguma ameaça para as outras pessoas, mesmo que de maneira não intencional, como os sanatórios para tuberculosos, os hospitais para doentes mentais e os leprosários; 3) as instituições para proteger os indivíduos de perigos intencionais provocados por outras pessoas, sendo que o bem-estar das pessoas consideradas perigosas não vem a ser um problema imediato. Nestas encontram-se as prisões e os campos de concentração; 4) instituições estabelecidas com a intenção de realizar uma tarefa de trabalho de maneira mais adequada. Aí estão os quartéis, as escolas internas e os navios e, por último, 5) estabelecimentos destinados ao refúgio do mundo e instrução de religiosos, como os mosteiros, os conventos e outros claustros (GOFFMAN, 1974).

Hegemonicamente, os tratamentos disponíveis para as pessoas em sofrimento psíquico, incluindo o uso nocivo de drogas, eram os pautados no enclausuramento e isolamento, retirando o sujeito de qualquer interação social e familiar (JORGE, 2011). Os hospitais psiquiátricos e as chamadas clínicas de reabilitação (ou Comunidades Terapêuticas) protagonizaram, durante muitos anos, as alternativas para a sociedade. Além disso, opções menos asilares, como, por exemplo, os Alcoólicos Anônimos (AA) – voltados para o público alcoolista, e os Narcóticos Anônimos (NA) – para pessoas que fazem uso de outras drogas, surgem no Brasil como métodos de tratamento a partir de experiências internacionais. Esse modelo baseia-se na realização de encontros regulares para promover o que denominam “ajuda mútua”. Definem-se como entidades sem fins lucrativos, cujo

único pré-requisito para participar é o desejo de “parar de beber” ou de “se manter limpo” (AA, 2020; NA, 2020).

Apesar desses dispositivos não oferecerem seus serviços pela via da internação, tanto AA quanto NA trabalham com a perspectiva da abstinência total do uso de drogas (lícitas ou ilícitas), pautada no que denominam os “12 passos” (AA, 2020; NA, 2020), o que em alguns momentos “flerta” com um discurso religioso. Essa estrutura organizada em “passos a serem seguidos” também é amplamente utilizada pelo campo da alimentação e nutrição, como por exemplo os “Dez passos para a alimentação saudável”, (BRASIL, 2014), norteadores das práticas clínicas dos profissionais.

Em 2019, a Presidência da República apoiou a Política Nacional sobre Drogas, em que uma das diretrizes é pautada no apoio, estímulo e financiamento das comunidades terapêuticas para o tratamento de pessoas em sofrimento decorrente do uso nocivo de drogas (BRASIL, 2019). Tal fato nos interessa, pois marca o retorno de um modelo que já estaria em declínio, tendo consequências na maneira social de olhar para os consumos de álcool.

Sendo assim, as construções teóricas de Michel Foucault a respeito da loucura (1972) nos auxiliam na medida em que contribuem para fundamentar como a figura do louco é construída ao longo da história e como o discurso sobre a loucura impera socialmente, absorvendo toda forma de vida desviante, incluindo-se aí o dependente de drogas, aqui localizado no consumo de álcool. Suas análises a respeito dos dispositivos de poder voltados para a vigilância e para o controle dos indivíduos na sociedade (FOUCAULT, 1987; 1989) nos permitem interrogar o caráter normatizador, disciplinar e de controle que se exerce no olhar sobre o uso/consumo das bebidas alcoólicas e da comida.

A embriaguez já era incluída nessas formas de vida desviantes citadas por Foucault (1989) que incluem os bêbados como passageiros da “Nau dos insanos”⁸, provavelmente, pelo fato de os excessos colocarem à mostra as fraquezas humanas, como o autocontrole e a falta de lucidez. Em contrapartida, acreditava-se

⁸ A “*Stultifera navis* ou a Nau dos insanos” eram embarcações que navegavam pelo rio Reno, recolhendo os denominados loucos, bêbados e vagabundos, levando-os para territórios distantes por serem uma ameaça à ordem das cidades.

que os consumos moderados de bebidas alcoólicas levariam à serenidade, longevidade e sabedoria (SALES, 2010).

Trata-se de considerar essa perspectiva teórica para entender as diferentes formas de exercício de poder, produzidas pelo Estado, que estão para além de ações de proibição e regulamentações. Elas se exercem no cotidiano, em um nível muito mais elementar e sutil. Diferentemente das relações de escravidão, domesticidade e vassalagem, em que o exercício do poder era explicitamente autoritário, nas relações dos indivíduos com seus corpos, o poder passa a dispor de seus elementos, gestos e comportamentos de maneira minuciosamente calculada, definindo um modo detalhado de investimento político (FOUCAULT, 1987).

Para Corine Maier (2011), o álcool, o tabaco, as drogas e a comida são “armas” formidáveis de atuação do Estado, que encontra formas sutis de guerrear por meio de um investimento na regulação dos impulsos orais, com objetivos biopolíticos. Nessa guerra sem armas, o Estado atua através do controle (ou da vontade de controle) do corpo e do domínio sobre a vida, que extrapolam o discurso dos elevados custos para os sistemas de saúde, causados pelo alto índice de adoecimento da população através de substâncias lançadas boca adentro.

O que Maier (2011) denomina de “política interna da boca” vem a ser exatamente esse controle por meio da alimentação da população, em que ter uma população forte e saudável tornava-se capital nas competições internacionais. Com as inúmeras vítimas após a Primeira Guerra Mundial, no final do século XIX e início do século XX, ganham força no mercado os inúmeros produtos para dar conta da pulsão oral. Com o processo de pasteurização e o aumento do tempo de prateleira, os produtos alimentícios emergem suas produções em larga escala, mas também o cigarro eleva suas produções devido à mecanização da fabricação.

Tendo a boca e seus prazeres como horizonte de incidência do controle, incluiremos nas pautas destas discussões as questões relacionadas à oralidade que circulam em torno dos usos de bebidas alcoólicas. Bebidas alcoólicas, tabaco, maconha, comida e suas estratificações muito facilmente ocupam um espaço simbólico na vivência das pessoas, e as relações com tais elementos podem sofrer mudanças de acordo com o momento vivido por cada um.

É inegável que o campo da AN, muitas vezes, se coloca a serviço deste papel regulador dos apetites e da oralidade, na medida em que se propõe a uma prática

hegemonicamente prescritiva do cotidiano: números de porções para cada tipo de alimento, horários pré-estabelecidos, técnicas com fins dietéticos – e não culinários – e até mesmo prescrições concentradas e/ou encapsuladas dos macro e micronutrientes. Em tal prática, o gosto torna-se alvo secundário.

Na perspectiva de Foucault, à medida que diversos poderes atingem a vida, cumprem seu papel biopolítico, justamente, por localizarem-se nos corpos, no trabalho, nos afetos, nos desejos e na sexualidade (FOUCAULT, 1978-1979). Dessa maneira, já nos levantamos pela manhã tendo que lidar com a angústia de que estamos, a cada ação cotidiana, devendo algo para alguém, sem que consigamos sequer nomeá-lo. Para ser magro, existe uma dieta/plano alimentar específica(o); para ser forte e ter músculos aparentes, treino diário e suplementos hiperproteicos; para estar sempre disposto, polivitamínicos. Sente-se culpa e, para compensar essa culpa, come-se, sente-se culpa novamente. Tudo isso recai sobre o corpo e sobre a vida.

2.3 Oralidade e prazer: entre a comida e as drogas

Apesar das regulações que buscam o tempo todo conter os apetites humanos, a sociedade busca cada vez mais obter prazeres imediatos, e a frustração torna-se cada vez mais intolerável. Essa busca dificulta a transcendência ou a transformação, num mundo em que não existe espaço para a falta fundamentada pelo consumismo. Esses fatores acabam por contribuir com o uso abusivo de diversos tipos de drogas e outros transtornos relacionados ao controle dos impulsos, como, por exemplo, perda de controle em jogos de azar, videogames, praticar exercícios físicos, comer, fazer sexo ou trabalhar compulsivamente (POLLO-ARAÚJO; MOREIRA, 2008). Estas perdas de controle podem estar associadas a uma necessidade de alívio das angústias, que são inerentes à condição humana.

No campo da AN, percebemos de maneira corriqueira, principalmente na prática clínica do nutricionista, que existe um deslocamento do objeto de compulsão, e essa troca não se dá de maneira fácil, planejada e racional. Dizer que uma pessoa troca uma compulsão por outra, para nós, é permanecer no senso comum. Para entender quais relações estão colocadas entre a comida e outras substâncias,

dentre elas o álcool, é preciso aprofundar aspectos teóricos relacionados à oralidade.

Para tanto, partiremos da perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud (1920/2010), uma vez que a psicanálise se dedica em sua essência em compreender quais mecanismos psíquicos estão em jogo nos nossos impulsos e desejos. Uma das grandes e mais ousadas contribuições de Freud no entendimento do ser humano foi ampliar a abrangência e variabilidade da ideia de sexualidade, atribuindo caráter de satisfação e prazer a diversas atividades humanas que não tinham anteriormente esse aspecto. Nesse sentido, Freud afirma que o desenvolvimento da personalidade se constitui a partir de uma série de estágios sexuais, que se iniciam no nascimento e atravessam o sujeito por toda sua vida.

O termo sexual utilizado por Freud não estaria puramente ligado aos órgãos genitais e ao ato sexual em si, mas, sim, relacionado a uma série de “eventos”, ocorridos ao longo da infância até a fase adulta, que iriam contribuir para o desenvolvimento psíquico dos indivíduos. As pulsões⁹ se empenham na obtenção do prazer, em geral, sem conexão entre si, apresentando-se de maneira independente, ou seja, não possuem relação com a reprodução, e a obtenção do prazer é encontrada no próprio corpo e não em um objeto externo. São as pulsões que nos dão notícias de que existe um corpo, pois estão no limite entre o aparelho psíquico e o somático, sendo elas (pulsões), representantes psíquicos das excitações (FREUD, 1905/2006).

Para Freud, este desenvolvimento humano estaria organizado em cinco fases e cada uma delas diz respeito a uma etapa do desenvolvimento da libido (energia psíquica de caráter sexual). Antes dessa organização libidinal há uma indistinção entre o corpo do bebê e o corpo do outro, caracterizando o chamado autoerotismo. Essa separação se dá concomitantemente à organização libidinal, que passa a localizar em determinadas partes do corpo as zonas erógenas, a origem dos

⁹ Na perspectiva psicanalítica, as pulsões são processos dinâmicos de força ou pressão que fazem o organismo tender para um objetivo; este objetivo (ou meta) seria suprimir o estado de tensão que emerge na fonte pulsional. Ao contrário das fontes de excitação externa a qual os indivíduos podem se submeter ou se proteger, estão as forças internas, que são exímias fontes de excitação a que o organismo não pode escapar. As pulsões parciais evidenciam-se por cada elemento e se especificam por uma fonte e uma meta, tendo funcionamentos independentes (num primeiro momento), tendendo a unificar-se nas diversas organizações libidinais (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

impulsos prazerosos, passando a orientar a busca pela satisfação das pulsões. Para Freud (1905/2006; 1920), essas cinco fases seriam: fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e fase genital.

Fase oral: aparece de maneira aparentemente instintiva no lactente, na busca pelo alimento através do ato de sucção (seja pelo leite materno ou seus substitutos). Existe uma busca pela satisfação vivenciada pela mucosa labial. Nesta fase, a satisfação sexual ainda não se encontra separada da ingestão de alimentos. A boca do bebê se comporta como uma zona erógena, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite vem a ser causa da sensação de prazer. O que primeiro estaria vinculado a uma das funções de manutenção da vida, somente depois torna-se independente. O leite alimenta o corpo biológico; já o seio materno alimenta o corpo psíquico. Considerada uma zona erógena muito forte, a significação erótica na região dos lábios, se mantida até a fase adulta, carrega consigo um poderoso motivo para beber ou fumar; podendo ser também a causa do nojo por determinados alimentos e motivo de vômitos evidenciados, ao que se nomeou de “distúrbios alimentares” (FREUD, 1905/2006).

Fase anal: nesta fase, a criança experimenta sua relação com o mundo externo através do controle dos *esfíncteres*, tanto da mucosa intestinal quanto do trato urinário. Inicialmente, o conteúdo intestinal estimula a mucosa intestinal, que é uma área sexualmente sensível, e age como precursor de outro órgão, que só entrará em ação após a infância. Através da liberação ou da retenção deste conteúdo, a criança pode exprimir docilidade ou desobediência. Isso se evidencia no período de desfralde, em que a expectativa dos cuidadores recai sobre a capacidade (ou não) da criança de eliminar seus excrementos fisiológicos em momentos apropriados, em contrapartida, ela percebe que consegue “controlar” o mundo externo ao atender (ou não) essa expectativa (FREUD, 1905/2006).

Fase fálica: nesta fase, o menino supõe que todos, como ele, possuem pênis. Esse pênis, que é uma parte anatômica visível, importante e muito valorizada, carrega consigo um aspecto simbólico do objeto desejado, sendo denominado falo¹⁰,

¹⁰ Essa distinção é também essencial, pois o que está em jogo não é o pênis em sua realidade material e palpável, mas sua materialidade simbólica e subjetiva. Trata-se do falo como operador simbólico que sinaliza para a criança aquele que tem ou não tem o objeto do desejo e pode, portanto, dá-lo ou não.

uma vez que possibilita a simbolização da presença/ausência do pênis, instaurando a “primazia do falo” na economia psíquica. O falo, portanto, não se reduz ao órgão sexual, mas se materializa/localiza em todo e qualquer objeto de investimento da nossa libido. Ao iniciar suas pesquisas sexuais, os meninos rejeitam a ausência do falo e chegam à conclusão de que a menina tinha um pênis, mas perdeu. A menina, ao perceber o pênis de um irmão ou amigo, percebe que o tamanho de seu órgão é bem menor, tornando-o imperceptível. Couto (2017), ao citar Freud, afirma que a menina, diferentemente do menino, não rejeita a genitália masculina, mas ao admitir não ter aquilo que viu, passa a desejar tê-lo também, ou seja, deseja-se a sensação de potência que o órgão promove. Essa fase é importante por ser o ponto de declínio do Complexo de Édipo¹¹, que irá interferir de maneira importante nas escolhas dos objetos de investimento sexual e amoroso. Dada a sua relevância e o fato desta fase lançar o sujeito numa angústia de difícil contorno, a fase que se segue interrompe essa angústia e recoloca o curso da libido que fica temporariamente suspensa na busca de sua satisfação (COUTO, 2017).

Fase de latência: é uma fase intermediária entre o desenvolvimento sexual infantil e adulto. Freud (1905/2006) sinaliza que, nesse período, o investimento libidinal da criança é deslocado para outras finalidades, principalmente àquelas que contribuem no desenvolvimento intelectual e social.

Fase genital: configura-se como meta final do desenvolvimento psicosssexual, evidenciado através do manifesto crescimento dos genitais externos que ocorrem na puberdade até a fase adulta. É nesta fase que se estabelece mais nitidamente os caracteres masculinos e femininos. A atividade autoerótica das zonas erógenas que na infância são as mesmas (e que anulam a possibilidade de uma diferença naquele momento), nesta fase, surge como a possibilidade da diferenciação entre os sexos. As fontes das excitações estão mais reduzidas às zonas genitais, sendo o pênis e a vagina objetos com finalidade reprodutiva. Este também vem a ser o momento de

¹¹ Segundo o Vocabulário de Psicanálise (2001), Freud define o Complexo de Édipo como sendo um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais, tendo seu ápice dos três aos cinco anos, sendo revivido na puberdade. Representa papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano.

desvinculação dos pais na tentativa de deixar de tomá-los como objetos sexuais, para um objeto de amor externo (COUTO, 2017).

No intento de não deixar o conceito solto, sentiu-se a necessidade de localizá-los, mesmo que muito brevemente, dentro da teoria psicanalítica. De maneira extremamente sucinta, passamos pelas fases que constituem o processo de formação psicosexual dos indivíduos e, conforme citado anteriormente, iremos nos ater à fase que mais nos interessa - a fase oral e as questões que circulam em torno dessa oralidade, por considerar esta fase crucial para compreender melhor os aspectos relativos aos diversos usos de substâncias.

Ademais, entendendo que o corpo psíquico e o corpo social não estão descolados e são estes corpos que nos comunicam com o mundo, podemos dizer que muitas situações que se apresentam externamente vêm para dar conta de expectativas socialmente impostas, por mais que não nos digam. Certas regras sociais são tão entranhadas em nosso corpo que, muito facilmente, nos capturam sem que nos demos conta disso. Portanto, o social pode ser um dos elementos determinantes do hábito, conectado pela experiência de cada indivíduo ao longo da vida.

Tomando as questões relacionadas às compulsões, Birman (2012) destaca que os objetivos delas, em suas diversas manifestações, jamais serão alcançados. A repetição torna-se incansável, sem variações e modulações, daí o caráter imperativo no qual a compulsão se sustenta. O autor afirma ainda que as compulsões em torno da comida se destacam, justamente, pelo fato de a relação entre a comida e os sujeitos ser ambígua e ambivalente; ao mesmo tempo que ela é fascinante, é mortífera. É objeto certo de sedução. “Sendo assim, a voracidade atinge níveis espetaculares, engendrando uma cultura desenfreada do preenchimento e do mau gosto” (BIRMAN, 2012, p.91). Da mesma maneira ocorre com as drogas: o mundo social também estabelece uma relação ambígua com as substâncias psicoativas, pois essas não são como as outras mercadorias. Incidem sobre elas uma marca de magia que não podemos subestimar, tanto no seu valor de uso quanto no seu valor de troca.

Retomando as compulsões alimentares, na última versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-5 (APA, 2014), incluem-se os transtornos desse tipo de compulsão no grupo geral dos transtornos alimentares

como uma categoria diagnóstica. Na versão do Manual anterior a essa, as compulsões alimentares encontravam-se em seu apêndice e eram abordadas como transtornos não-especificados, ou seja, que não atendiam a todos os critérios para diagnósticos de anorexia e bulimia, mas que, de maneira geral, assumiam grande parte das características.

É importante observar que existem diversas perspectivas para olhar e definir as compulsões. Seja pelo conceito mais ampliado ou pela via dos transtornos alimentares, chamamos a atenção de que elas podem surgir na tentativa de “encobrir” um vazio existencial causado pelas frustrações de não atender as regras socialmente impostas. Para Simões-Barbosa e Dantas-Berger (2017),

A insaciável fome consumista, seja das drogas ou de bens supérfluos, ou a morte pela fome voluntária, como na anorexia e bulimia, serão aqui analisadas como sintomas que podem estar denunciando, simbólica e concretamente, a fome humana por afeto, confiança e solidariedade em um mundo crescentemente desigual, competitivo, individualista e violento.” (SIMÕES-BARBOSA e DANTAS-BERGER, 2017, p. 2)

Além disso, segundo a teoria freudiana, o comportamento repetitivo dado às situações de compulsão seria uma das formas de expressão da chamada pulsão de morte (desenvolvida mais adiante ao analisarmos o filme *Krishna*), que não está apenas a serviço do prazer, levando o sujeito a realizar rituais e atos indesejáveis, servindo inclusive como fatores de proteção contra a angústia (SEIXAS, 2019). Assim, quanto maior a quantidade de energia sem nenhuma forma de representação ou destino (desligada), maior será a força de ligação com o objeto, na tentativa de buscar uma representação. Tal fato ocorre na tentativa de apaziguar ou se proteger dos efeitos causados pela angústia do conteúdo psíquico recalcado (FREUD, 1920/2010).

Portanto, é de suma importância avançar nos pontos de interseção entre psicanálise e AN, justamente, por serem olhares diferentes no entendimento do que seria “doença” ou “expressões de existência”, posto que abre possibilidade de acolher os desencontros e auxiliar na compreensão do deslocamento da demanda social.

3 O LUGAR DO ÁLCOOL NA COMENSALIDADE

Uma cervejinha pra abrir o apetite
E mais um chopinho acompanhando a refeição
Depois a caipirinha pra tomar de sobremesa
Só um licorzinho pra fazer a digestão
(Trecho da música “Mais uma dose”, interpretada por Gabriel, O pensador,
1997)

O nutricionista habitua-se em sua formação acadêmica e em sua prática a utilizar o termo comensalidade cotidianamente, considerando esse conceito com algo usual. Entretanto, quando nos dedicamos a uma pesquisa que comporta uma perspectiva interdisciplinar, é preciso esclarecer do que se trata hoje quando falamos em comensalidade.

A palavra comensalidade tem sua origem no latim “*commensale*”, que significa “o que senta a mesma mesa que outro”, no que se inclui uma familiaridade e espírito de camaradagem entre os comensais que compartilham a mesma mesa. Essa definição *stricto sensu* da comensalidade permaneceu durante muito tempo respondendo às demandas disciplinares mais tradicionais dos cursos de nutrição, reduzindo e delimitando determinados saberes em que se valorizam as atuações técnicas em detrimento dos conteúdos humanistas (FERREIRA *et al.*, 2016).

Tradicionalmente, a comensalidade como conceito referia-se ao ato de comer junto à mesma mesa, compartilhando o mesmo momento e o local das refeições (LIMA *et al.*, 2015). Esse aspecto da alimentação se consolidou com a descoberta do fogo, que trouxe a possibilidade de cozinhar os alimentos, permitindo também a reunião dos indivíduos para comer em torno da fogueira e posteriormente em uma mesa (LÉVI-STRAUSS, 2004). Em seu significado *stricto sensu*, a comensalidade se apresenta como uma necessidade cultural de organizar a forma como a refeição seria oferecida, independentemente das estratificações que ela pode apresentar dependendo de cada sociedade.

Entre o ato de comer o alimento cru e o compartilhamento do alimento cozido, há um salto gigantesco que permitiu a criação da humanidade, pois plantar, colher, estocar e compartilhar alimentos nos transformou em seres sociais com códigos, regras, normas e valores morais. A comensalidade, portanto, é fundamental para nos entendermos como seres humanos que estabelecem relações sociais à mesa.

Mas vale acompanhar as mudanças das práticas e seus efeitos na sua conceituação.

3.1 Comensalidade: resgate histórico do conceito tradicional

Segundo Carneiro (2005), pode-se dizer que a origem da socialização humana se deu a partir das formas coletivas de se obter a comida e no desenvolvimento de utensílios para uso culinário. Surge ainda o uso do fogo como elemento constituidor da produção social do alimento há mais ou menos meio milhão de anos, trazendo a prática do “comer junto”, partilhando a comida, o que é praticado até mesmo por espécies animais – entendendo aqui todas essas situações como o que chamamos de comensalidade.

A agregação familiar em torno da mesa, a partir de um processo de ritualização do momento das refeições cotidianas vem a ser um marcador importante, sendo um dos momentos mais emblemáticos da vida familiar, que utiliza o momento das refeições para se reunir nas salas de jantar. Além disso, o autor defende que, o momento das refeições, através de sua função social, é o que nos torna diferentes dos outros seres animais, cujo ato de se alimentar estaria mais ligado à necessidade biológica (FLANDRIN e MONTANARI, 1998).

A descoberta do fogo e a transição na maneira como os alimentos passaram a ser consumidos diante da possibilidade de cozinhá-los – antes eram consumidos apenas crus – acaba por reorganizar as relações do homem com a comida, não apenas pelo surgimento da cozinha e todos os sentidos sociais que ela abarca, mas também por essa mudança ter possibilitado o aumento das interações sociais em torno da comida (LÉVI-STRAUSS, 2004).

Para Boutaud (2011), a cultura alimentar de um povo contribui na organização social, nas regras de identidade e hierarquia de uma sociedade. O comer junto torna-se um grande cenário naturalmente ritualizado, e a encenação das refeições tornam-se uma encenação de si, fazendo emergir regras das mais variadas ordens em que a sociedade está estruturada. O autor ainda afirma que, durante o ritual das refeições:

A comunidade se forma, se encontra, se reconhece, expressa sua unidade, seus vínculos, sua capacidade de intercambiar, de se abrir, de se relaxar e de se divertir [...]. A comensalidade convida ao respeito às hierarquias dos lugares, dos papéis, à procura do belo, do bom gosto, do gosto refinado ou

do elevado, até a grandiosidade ao seu sublime que cada um inventa para si por meio das festas e banquetes, refeições faustosas ou um momento de êxtase gastronômico (BOUTAUD, 2011. p. 1213).

Ao longo do tempo, as diversas modificações vivenciadas pela sociedade evocam uma necessidade constante de atualização e revisão de conceitos e saberes. É preciso analisar o impacto no campo da AN das mudanças nas relações de trabalho, no processo produtivo de alimentos e bebidas, nos processos migratórios e até mesmo as modificações proporcionadas pelo surgimento de algumas tecnologias e o correlato desaparecimento de outras. Sendo assim, entendemos que as questões que envolvem as bebidas alcoólicas, estariam ligadas a contextos históricos maiores. Nesse sentido, as dicotomias que incidem sobre a comida (em seu estado sólido ou líquido) e a comensalidade não passam ilesas.

As marcas históricas são atravessadas por diversos aspectos, que se organizam de formas distintas na construção de alguns conceitos. Maia e Chao (2020) trazem como exemplo, a constituição do chamado “estilo de vida carioca” que se deu a partir dos botecos, botequins e restaurantes, entendidos como espaços de lazer popular desde o final do século XIX.

Inicialmente caracterizados pela elite como lugares desagradáveis e de mau uso, os botequins cariocas eram e ainda hoje continuam sendo muito frequentados pelas classes mais populares. Assim, afirmam-se como espaços de lazer, diversão e entretenimento e ainda como elementos fundamentais na mediação das relações sociais, na formação das representações e da história cultural da cidade.

Maffesoli (2002) reforça ainda a ideia de que existe uma organização social das pessoas que comem e bebem, permitindo aos comensais uma comunicação constante. Para o autor,

Se mesa pode ser o lugar em que se estabelecem as mais sólidas amizades e os mais suaves laços afetivos, é igualmente o lugar em que se desencadeiam e se manifestam as mais ferozes discórdias. Em torno dela é possível se amar ou se ultrajar, em suma, a mesa é o trono do **ambíguo** e do perturbador Dionísio¹², e os efeitos do vinho que se oferecem aos homens são muito variados e perfeitamente imprevisíveis (MAFFESOLI, 2002, p. 134).

¹² Deus da mitologia grega, Dionísio (ou Baco) é filho de Zeus e irmão de Apolo. É o estado de sonho e embriaguez. Fala de encantamento, gozo, êxtase e emoções desmedidas (NIETZSCHE, 2007).

Desde o banquete de Platão, os banquetes dos reis, as refeições sagradas ou as cenas cotidianas da família, à mesa temos a reprodução da sociedade. Segundo Leonardo Boff,

A mesa antes que um móvel remete a uma experiência existencial e a um rito. Ela representa o lugar privilegiado da família, da comunhão e da irmandade. Partilha-se o alimento e junto com ele, comunica-se a alegria de encontrar-se, o bem-estar sem disfarces, a comunhão direta que se traduz pela sem cerimônia dos comentários dos fatos cotidianos, das opiniões sem censura sobre os acontecimentos da crônica local, nacional e internacional. Os alimentos são mais que coisas materiais. São sacramentos do encontro e da comunhão. [...] Mas importa reconhecer que a mesa é também lugar de tensões e de conflitos familiares, onde as coisas são discutidas abertamente, diferenças são explicitadas e acertos podem ser estabelecidos. Onde há também silêncios perturbadores que revelam todo um mal-estar coletivo (BOFF, 2008).

Comer e beber juntos em torno da mesa é uma das características centrais de todas as culturas, é uma das referências principais da nossa transformação em seres sociais. Certamente, esse ato aparentemente simples é a base da criação das nossas referências na criação da noção de família, das instituições sociais, dos códigos da cultura e da elaboração do pensamento abstrato.

Atualmente, podemos observar o uso do conceito de comensalidade vinculado a toda e qualquer forma de relação social em que a comida e/ou a bebida estão presentes e têm por função reunir e enlaçar as pessoas, na presença (ou não) da mesa, no mesmo local ou em locais diferentes. Se comer à mesa nos informa sobre noções de hierarquia e boas maneiras, comer no sofá pode promover uma atmosfera mais descontraída, ou até mesmo nos dar pistas sobre vivências precárias e de intimidade aos que “escolhem” comer no quarto/cama (SCAGLIUSI *et al.*, 2016).

Comer à frente da televisão, na praia ou no *shopping*, ver canais com programação *foods*, dividir o momento do preparo das refeições numa chamada de vídeo *on-line*, ou comer um lanche durante uma viagem de trem ou metrô são formas contemporâneas de comensalidade que, muitas vezes, podem incluir o consumo de álcool, assumindo diferentes formas de práticas alimentares que não cabem no conceito tradicional (de compartilhamento da mesma mesa).

Apesar de ainda existir uma preocupação com as questões quantitativas em relação às práticas alimentares modernas, herdadas da escassez vivenciada nos períodos pós-guerra, atualmente ela estaria mais relacionada com uma preocupação

que as pessoas têm de consumir determinados alimentos em excesso (FONSECA *et al.*, 2011). Aliás, para Fischler (2010), o excesso parece ser uma das principais características da alimentação moderna que nos coloca diante de uma realidade paradoxal, em que a liberdade ofertada pela abundância de produção flerta com a abstinência alimentar voluntária, ao sinalizar que “a fome não nos domina; ela nos faz cócegas.” Dessa maneira, os comensais buscam, através de restrições, atingir o que denominam de “equilíbrio”.

Ao deslocarmos esses argumentos para observar os diversos fenômenos em torno das bebidas alcoólicas, tal discurso parece caminhar na mesma direção. Em 2010 o Brasil se consolidou no terceiro lugar como produtor mundial de cervejas e em 2011 já ocupava o terceiro lugar no que diz respeito aos diversos tipos de consumo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA) e da China. Além disso, o 3.º Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira, realizado pela Fundação Oswaldo Cruz, no ano de 2015, apontou o consumo de álcool como sendo um dos mais alarmantes em relação ao consumo de substâncias psicoativas, estando relacionado com diferentes padrões de violência, incluindo ainda os acidentes de trânsito. A pesquisa também revelou que cerca de 2,3 milhões de pessoas apresentaram critérios para dependência de álcool (BASTOS, 2017). Ou seja, a grande oferta dialoga de maneira descoordenada com os discursos de moderação, temperança e licitude das bebidas alcoólicas, evidenciados nos rótulos desses produtos.

Para propor a ampliação do conceito de comensalidade incluindo os mais variados usos e consumos de bebidas alcoólicas como parte integrante das práticas alimentares cotidianas, é necessário analisá-lo de modo mais profundo. Esse trabalho se constitui num esforço de fundamentar teoricamente a possibilidade de pensar o lugar que o álcool ocupa na comensalidade, quais são os caminhos históricos percorridos por essa substância, que por vezes se debruça sobre as mais variadas questões, para além da (i)licitude.

3.2 A bebida entra, a verdade sai: a pesquisa científica e as bebidas alcoólicas

As ciências da saúde são taxativas, quase inegociáveis no que diz respeito ao consumo de álcool: “Não pode!”; “É tóxico!”. Essas afirmações trazem um caráter

imperativo evidente nos estudos do campo da AN relativos ao corpo e nos informam sobre o “lugar de verdade” em que o saber científico se coloca. Em geral, são estudos biomédicos que, em sua maioria, se relacionam com um modelo mecanicista, em que o corpo não é um corpo que interage e se altera de acordo com as relações sociais. Até hoje, no campo da AN, esse olhar sobre o corpo nos fornece o tom das pesquisas epidemiológicas, que vão ao encontro do que é proposto pela ciência moderna, ao descartar qualquer elemento que não seja mensurável ou racional (KRAEMER *et al.*, 2014).

Tal fato parece ter relação com a origem do campo no Brasil, no final da década de 1930, ligado à disciplina de Higiene Alimentar, originária dos cursos de medicina. Esse campo tem como pautas principais a composição química dos alimentos, seu valor nutricional, o consumo e o estado nutricional da população. É nesse contexto que o paradigma biomédico se manifesta nas práticas de saúde dominantes, expressando uma visão de mundo pautada na lógica das ciências naturais (FREITAS *et al.*, 2011; VASCONCELOS e BATISTA FILHO, 2011).

Não é nossa pretensão aqui romantizar o consumo de bebidas alcoólicas, entendendo que as situações de usos prejudiciais são graves, mas sim indicar que as situações mais graves em que se verificam consumos nocivos não estão descoladas das construções sociais. Sendo assim, Freitas *et al.* (2011) nos provocam essa reflexão ao afirmarem “que é preciso ir além do que se fez até o momento. [...] É preciso ter métodos para compreender e preservar o contexto cultural da comensalidade e acrescentar a ele propostas novas e substanciais” (p.37).

Seguindo essa provocação, vale lembrar que, na vida cotidiana das pessoas, as relações sociais estabelecidas à mesa são acompanhadas, com muita frequência, de bebidas alcoólicas, como o vinho, a cerveja, o *chopp* ou, no Brasil, por uma caipirinha. É comum ver grupos de amigos bebendo e “petiscando” algo, dando boas risadas, nos mostrando a faceta descontraída que a comensalidade pode assumir. Comida e bebida caminham juntos nos momentos de lazer e descontração.

Esses achados não são exclusividade das ocasiões festivas, mas também dos momentos de tristeza, como aponta Bonomo (2018) sobre a comensalidade nos velórios. Para o autor, o comer nas celebrações fúnebres está para além de manter

abastecido o corpo para os momentos que seguem após o cortejo, mas se propõe a resgatar, através da comida, um pacto de cordialidade (impressões observadas desde o Egito Antigo, Grécia e Roma) ou a relação direta com a espiritualidade (para os povos indígenas e africanos), em que se jogavam os restos de comida e bebida nos túmulos dos mortos ou até mesmo intensificavam-se as mais variadas formas de sociabilidade ao “beber o morto”. Tal afirmativa reforça a ideia de que a comensalidade, inaugura uma trajetória importante da animalidade em direção à humanidade, cujo pacto de solidariedade e cooperação através do comer junto, nos diferencia das demais espécies (BOFF, 2008).

Em diversas culturas, o momento de se despedir de alguém que faleceu é lugar fronteiro entre a alegria e a tristeza. Nesses momentos, a comida e as bebidas alcoólicas são fio condutor dos afetos envolvidos em torno do luto. Nesse sentido, Ferreira *et al.* (2016) afirmam que é importante olhar para o fenômeno da alimentação a partir de diferentes perspectivas, incorporando assim a dimensão humana, afetiva, psíquica e cultural da comensalidade.

Para analisar dimensões multifacetadas do fenômeno da alimentação, ampliando nosso horizonte de discussões, é preciso olhar as práticas alimentares de maneira geral, pois os alimentos e a comida, apesar de suas diferenciações semânticas, dialogam através de diversos aspectos (MACIEL, 2005; MACIEL, 2001; CARVALHO *et al.*, 2011; LIMA *et al.*, 2015). E é justamente por englobarem as esferas da cultura que essas práticas influenciarão as nossas escolhas, que, na maioria das vezes, se iniciam muito antes de capturarmos um alimento/produto alimentício na prateleira.

A seleção, o consumo, a produção da refeição, o modo de preparação, de distribuição, de ingestão, isto é, o que se planta, o que se compra, o que se come, como se come, onde se come, com quem se come, em que frequência, em que horário, em que combinação, tudo isso é conjugado como parte integrante das práticas sociais (ROTEMBERG e VARGAS, 2014, p. 86).

Antes de tudo, o consumidor precisa se identificar com o que escolhe consumir e, a partir disso, lançar-se na busca por este ou aquele alimento (FONSECA *et al.*, 2011).

A prateleira que abriga o alimento/produto alimentício pode ser da venda da esquina, do supermercado, do hortifruti, do camelô ou da feira livre; essas escolhas

não são isentas dos mais variados fatores, como, por exemplo, acesso, condições socioeconômicas, mobilidade, entre outros. Isso nos aproxima da afirmativa de Poulain (2013) de que os alimentos são produtos de fontes naturais que são consumidos a partir de um processo de transformação, significação e valorização cultural, de que diversos atores participam.

Temos ainda os documentos regulatórios, discursos de profissionais de saúde, a indústria alimentícia e veículos disseminadores de informações que dialogam constantemente de maneira confusa e contraditória com discursos culinários e argumentos gastronômicos, e o “comensal desorientado” tenta, muitas vezes, de maneira frustrada organizar seus critérios de escolha, para sobretudo, “nutrir suas incertezas” (FONSECA *et al.*, 2011). Sendo assim, evidencia-se a complexidade de elementos que tangenciam as escolhas e práticas alimentares, tudo isso, olhando sempre na direção da complexidade humana.

No que diz respeito às dimensões multifacetadas da comensalidade e da alimentação, podemos trazer ainda para esta discussão a influência operada atualmente pelas redes sociais. Nelas, influenciadores digitais¹³ se apropriam do discurso científico, assumindo papel relevante e determinante nas escolhas e nas práticas alimentares na medida em que dialogam “em ato” com o consumidor. Não por acaso, em 2016, a influenciadora digital, Gabriela Pugliese, com seguidores que ultrapassam a marca dos dois milhões, conhecida por compartilhar conteúdos relacionados à alimentação *fitness*, publiciza em suas redes sociais a cerveja Skol Ultra, fabricada pela Ambev. A marca, além de ser a maior fabricante de cervejas no mundo, é líder na produção de refrigerantes e sucos no Brasil (JÚNIOR, 2017).

Levando em consideração a plasticidade do conceito da comensalidade, é preciso incluir as mais variadas maneiras como o ser humano se relaciona com as bebidas alcoólicas, desde a Antiguidade Clássica com o Banquete do Platão, passando pela representação católica do sangue de Cristo até sua função essencial nas reuniões de família, nos encontros com amigos depois do trabalho, nos botecos da esquina e até mesmo nos serviços de tratamento para usos nocivos de álcool.

¹³ Segundo Grieger & Botelho-Francisco, (2019), os influenciadores digitais são indivíduos que utilizam redes sociais como Facebook, Instagram, Youtube, Twitter, entre outros para exercer forte influência em um determinado seguimento, e desta maneira consegue, através de sua influência, formar um público fiel, tornando seus conteúdos lucrativos. Dessa maneira, despertam interesse dos mais variados empreendimentos.

Vale lembrar que se as pessoas bebem, o conceito de comensalidade precisa levar este elemento em consideração.

Pensando nisso, alguns programas de Pós-Graduação e grupos de pesquisa têm se debruçado para discutir essas novas formas de entender e fazer emergir discussões que estão naturalizadas, pormenorizadas e dissolvidas no cotidiano e nas práticas profissionais, evidenciando a complexidade do fenômeno alimentar e a necessidade de avançar em relação à comensalidade. Apesar de não haver um volume significativo de trabalhos que incluam a comensalidade e os usos e consumos de álcool, fica evidente um avanço nos estudos que incluem as dimensões socioculturais da alimentação.

Nesse sentido, mais do que nunca é preciso passear pelo conceito, avançando na compreensão de que não há sentido excluir os usos e consumos de bebidas alcoólicas do conceito de comensalidade, haja vista que a comensalidade, justamente por sua complexidade, pode ser compreendida a partir de diversos fenômenos (WOLLZ e PRADO, 2016).

Mas, de que maneira as políticas públicas e as diretrizes de AN que são construídas a partir da relação ciência-sociedade levam em consideração a bebida alcoólica em sua dimensão social de reunir pessoas à mesa?

No Brasil, o *Guia Alimentar para a População Brasileira*, em sua primeira versão publicada em 2006, não recomenda o consumo de álcool por motivos nutricionais e sociais. Dentre as questões nutricionais estão descritas as possíveis deficiências de vitaminas, principalmente às do complexo B e ácido ascórbico, mas também apresenta informações calóricas sobre o álcool (7 quilocalorias), indicando uma preocupação concernente à relação caloria e aumento de peso. Em relação às questões sociais, o documento afirma que o uso inadequado de álcool pode levar a situações de violência, acidentes de trânsito, suicídio e quadros de dependência, além de doenças associadas, como, por exemplo, doenças hepáticas, gastrointestinais e câncer. Essa versão do guia foi o primeiro compilado oficial de diretrizes alimentares e ainda hoje suas concepções são amplamente utilizadas pelos profissionais de saúde no que diz respeito ao incentivo de práticas alimentares saudáveis para adultos (BRASIL, 2006).

Em 2014, O *Guia Alimentar para a População Brasileira* teve sua versão atualizada, submetida à consulta pública de fevereiro a maio de 2014, sendo,

portanto, resultante de um amplo debate acerca das importantes mudanças no padrão de saúde e consumo alimentar da população do país. As novas recomendações alimentares e nutricionais foram construídas a partir das transformações vivenciadas pela população desde a sua primeira publicação que impactaram as condições de nutrição e saúde. O Guia se propõe a ser um importante instrumento de educação alimentar e nutricional no Sistema Único de Saúde (SUS) e em outros setores, oferecendo “um conjunto de estratégias que objetivam proporcionar aos indivíduos e coletividades a realização de práticas alimentares saudáveis” (BRASIL, 2014).

Sua principal mudança incide sobre a forma de categorizar os alimentos, uma vez que abandona a proposta de pirâmide alimentar que constava no guia de 2006 e propõe a classificação Nova, na qual os alimentos são categorizados a partir de seu nível de processamento como *in natura*, minimamente processados, processados e ultraprocessados. Curiosamente, no tocante às questões envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas, o guia não realiza qualquer citação. Apenas as bebidas não alcoólicas são citadas, como por exemplo, águas, leites, sucos, refrescos e outras.

Além do *Guia Alimentar para a População Brasileira*, destinado à população adulta, o país também conta com o *Guia Alimentar para crianças menores de 2 anos*. Em sua primeira versão, publicada em 2005, o eixo central do documento é a capacitação técnica de profissionais atuantes no campo da alimentação infantil, principalmente os nutricionistas e outros profissionais da Saúde da Família. A questão do consumo de bebidas alcoólicas não é abordada (BRASIL, 2005).

Na versão de 2019, percebe-se um avanço, que dialoga melhor com a realidade da população brasileira, no que diz respeito à inclusão da rede de apoio da criança desde o seu nascimento, além de incentivar as práticas culinárias e fornecer subsídios para a prática dos profissionais envolvidos no cuidado da criança. Para tal, esse guia orienta que bebidas alcoólicas não sejam ingeridas (preferencialmente) pelas pessoas que estão amamentando, por ser uma prática que prejudica o aleitamento materno, seja por influenciar na produção de leite e/ou por consequentes efeitos nocivos para o bebê. Essa versão do guia já assume a possibilidade de que as lactantes mantenham a ingestão de álcool e dá direções estratégicas caso isso ocorra, como, por exemplo, retirar leite das mamas e

armazenar antes de consumir álcool ou aguardar no mínimo duas horas para voltar a amamentar após o consumo de bebidas alcoólicas (BRASIL, 2019).

Da mesma maneira, as diretrizes propostas para alimentação saudável da população idosa informam que é necessário evitar o consumo frequente de bebidas alcoólicas, a fim de reduzir o risco de doenças graves, como câncer e cirrose, além de melhorar a qualidade de vida (BRASIL, 2009).

Caber-nos-ia, então, questionar como o país que ocupa o terceiro lugar em escala mundial no consumo de bebidas alcoólicas não menciona (ou o faz timidamente a partir de uma perspectiva do dano) esse alimento em suas recomendações alimentares para a população. Esse aumento do consumo de álcool pela população brasileira teria sido um impeditivo para que a temática não fosse abordada, ou o tema ainda é um tabu para o campo, travestido de um discurso que “não deseja operar pela via do incentivo”?

Partimos em busca de como outros países lidam com a temática. Um estudo que analisou as Diretrizes Dietéticas baseadas em Alimentos, o *Food Based Dietary Guidelines* (FBDG's), em países europeus nos apresenta um panorama em relação às abordagens em torno das bebidas alcoólicas. Nesse estudo, participaram 34 países europeus do total de 53. Países como a Romênia, Noruega, Dinamarca, Hungria, Grécia, Finlândia, Reino Unido, Itália, França, Rússia, Albânia e Eslovênia trazem recomendações quantitativas para o consumo de bebidas alcoólicas. Com abordagens qualitativas, países como Suíça, Estônia, Malta, Luxemburgo, Alemanha, Espanha, Portugal, Islândia, Turquia e Bélgica recomendam o uso moderado de álcool e, por fim, a Polônia orienta evitar as bebidas alcoólicas (CONCETTA MONTAGNESE *et al.*, 2015).

Em 2016, a *Food and Agriculture Organization* (FAO) emitiu um relatório envolvendo as diretrizes alimentares e desenvolvimento sustentável após analisar as FBDGs de 83 países. Sobre o consumo de álcool nessa perspectiva, o documento nos informa que “apenas 54% das diretrizes aconselham as pessoas a moderar o consumo de álcool”, trazendo reflexos para a prevalência do uso abusivo da substância. Além disso, o relatório se debruçou sobre as Recomendações Nórdicas de Nutrição (NNR), que sugerem um consumo limitado de álcool, mas traz uma relação entre o impacto climático.

Rong *et al.* (2021) analisaram guias alimentares de 96 países em todo mundo e encontraram algumas impressões sobre recomendações e orientações sobre o uso de álcool. Os autores sistematizaram tais informações, como mostra a FIGURA 1:

Figura 1 – Compilado sobre recomendações e orientações de bebidas alcoólicas em um estudo que analisou noventa e seis guias alimentares em todo o mundo¹⁴

Tabela S9 Recomendações para ingestão de álcool		
País	Descrição	Ingestão recomendada
Albânia	Se você consumir álcool, não deve ingerir mais do que 2 bebidas (cada uma contendo 10 g de álcool) por dia.	< 20 g de álcool
América	Se o álcool for consumido, deve ser consumido com moderação - até um drinque por dia para mulheres e até dois drinques por dia para homens.	um
Austrália	Para homens e mulheres saudáveis, beber não mais do que duas bebidas padrão. Uma bebida padrão na Austrália contém 10g de álcool (= 12,5 ml de álcool).	< 20 g de álcool
Bulgária	Menos de 20 m L ou 16 g de etanol puro por dia (significa um copo de vinho ou uma cerveja ou 50 m L de destilados por dia).	< 16 g de etanol
China	A ingestão de álcool não excede 25 g para homens e 15 g para mulheres.	< 15 g de álcool (mulheres) < 25 g de álcool (homens)
Fiji	Para homens: não mais do que 6 DPs (b) por dia; 21 SDs por semana. Para mulheres: não mais do que 4 DPs por dia; 14 SDs por semana.	< 60 g de álcool (homem) < 40 g de álcool (mulher)
França	2 copos (10 cl) de vinho para mulheres e 3 para homens por dia (2 copos de vinho de 10 cl são iguais a 2 litros de cerveja ou 6 cl de destilados).	dois copos (mulheres) três copos (homens)
Geórgia	Se você bebe bebidas alcoólicas, limite sua quantidade diária de álcool a 20 g (por exemplo, 200 ~ 250 ml de vinho).	< 20 g de álcool
Granada (país do Caribe)	Beba pouco ou nenhum álcool. O álcool consumido com moderação é definido como uma bebida por dia, como: 6 onças de vinho, ou 12 onças de cerveja, ou 10 onças de refrigerador de vinho ou 1 ½ onças de bebida destilada.	Cerca de 15 g de álcool
Guiana	É aconselhável não ingerir bebidas alcoólicas, mas para quem bebe, recomenda-se não mais do que uma bebida por dia.	Uma bebida (c)
Rússia	Se você bebe bebidas alcoólicas, a quantidade total de álcool puro nelas não deve exceder 20 g por dia.	< 20 g de álcool
Eslovênia	Se você bebe álcool, não consuma mais do que 2 unidades por dia (1 unidade equivale a 10 g de álcool).	< 20 g de álcool
Suécia	máximo de 10 g de álcool por dia para mulheres e máximo de 20 g por dia para homens.	≤ 20 g de álcool (homens) ≤ 10 g de álcool (mulheres)
Peru	O consumo moderado de álcool para mulheres é igual ou inferior a 15 g, para homens igual ou inferior a 30 g.	≤ 15 g de álcool (mulheres) ≤ 30 g de álcool (homens)

(a) Uma bebida equivale a 14g de álcool
(b) 1 SD (bebidas padrão) é igual a 10g de álcool
(c) Uma bebida equivale a 8g de álcool

Fonte: RONG, 2021

Percebe-se que o Brasil não tem seguido uma tendência de muitos países ao redor do mundo por não incluir recomendações, ou não assumir o consumo de álcool em seus guias. Mesmo os países com pouca notoriedade em escala global já possuem recomendações mais circunscritas. Esses países assumem que as pessoas fazem uso de bebidas alcoólicas e trazem o assunto para o debate, permitindo um maior diálogo com a “vida cotidiana”. Percebe-se que no Brasil, os documentos que abordam a questão do álcool, norteando práticas, inclusive do nutricionista, são os da esfera jurídica, ou seja, são documentos com caráter proibitivo; não orientativo. A Lei 9.294/1996 dispõe sobre a restrição das propagandas de bebidas alcoólicas (Brasil, 1996) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) proíbe a venda de bebidas alcoólicas à criança e ao

¹⁴ A Figura 1 traz informações de estudo em questão, traduzido por nós. O texto original encontra-se no idioma inglês.

adolescente, estabelecendo pena de detenção de dois a quatro anos, além de multa (BRASIL, 2019).

Há consenso nas diretrizes brasileiras, que as intervenções sejam feitas anteriormente a qualquer consumo de bebida alcoólica. Diante disso, o que fazer, levando em consideração que a sociedade vive ávida por consumo (de qualquer natureza)?

Na contramão do que os guias brasileiros preconizam, a população brasileira em sua mais variada composição segue fazendo uso das bebidas alcoólicas para os mais diversos fins. Alguns estudos já trazem para o debate a questão do álcool, assumindo o uso dessa substância em diferentes contextos. Souza *et al* (2010) enfatiza que as representações em torno do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes de dez a dezenove anos, usuários de uma unidade da atenção primária de saúde, se destacam a partir do entendimento de que a bebida alcoólica é um potencial agente socializador vinculado a uma necessidade de pertencimento, peculiar a essa fase da vida. Além disso, o consumo de bebidas alcoólicas realizadas por adolescentes se inscreve numa prática econômica de consumo. O estudo também chama atenção para o aumento de uma prática considerada ilegal, na medida em que a venda de álcool para menores de 18 anos é prática proibida (BRASIL, 2015).

Com relação aos idosos, questões em torno da comensalidade a partir dos sentidos e significados da alimentação fora do lar para essa população apontam para mudanças nas práticas alimentares, surgindo como forma de aproximar esse público idoso de comportamentos juvenis, assim como marcam uma certa autonomia que pode também possibilitar novas interações sociais. Apesar de locais como restaurantes, shoppings e praças de alimentação serem citados como lugares frequentados por essa população, a questão das bebidas alcoólicas não se apresenta (CAVALCANTE, 2015).

O filme “E se vivêssemos todos juntos?”¹⁵, que narra a história de cinco idosos, moradores de um asilo que decidem compartilhar um outro formato de

¹⁵ “E se vivêssemos todos juntos?” é uma obra franco-alemã, lançada em 2012 e dirigida por Stéphane Robelin. Narra a história de cinco amigos, que contabilizam quatro décadas de amizade e decidem sair de uma Instituição de Longa Permanência (asilo) para compartilhar uma moradia. A partir disso, surgem novas e antigas experiências, que deixarão marcas na vida de cada um dos personagens, em que a comida atua como mediadora de alguns desses momentos.

moradia, “rompendo” com a lógica de controle e de exclusão social proposta por essas instituições, pauta a narrativa a partir das relações estabelecidas entre os amigos, muitas vezes, mediadas pela comida e pela bebida (CAVALCANTE, 2019). Os cinco personagens celebram sempre com vinho ou champanhe, mesmo em situações críticas, como, por exemplo, em uma em que um dos amigos está internado, ou até mesmo na morte de uma das amigas com câncer, em que jogam as taças sobre seu caixão cor de rosa. Além disso, o personagem Albert, guarda em seu diário os rótulos dos vinhos que bebeu durante os jantares e, dessa maneira, consegue resgatar acontecimentos marcantes daquelas refeições. A autora nos provoca ao destacar que “o grupo brinda à boa vida, ainda que seja na hora da morte” (p. 60).

Estendendo a comensalidade às questões de gênero, Usainn *et al.* (2020) chama a atenção para as práticas e preferências alimentares de homens gays que se denominavam como “ursos” na cidade de São Paulo. A partir de uma perspectiva antropológica, o estudo apontou que preferências por alimentos de origem animal, como a carne bovina, e o consumo de cerveja podem reforçar representações e significações de um modelo patriarcal por meio de práticas alimentares, inclusive por manter uma aproximação de um estilo heterossexual, principalmente em relação ao corpo físico e assim, afastar e desprezar construções de outros tipos de corpo

Chamamos a atenção ainda para as discussões em torno dos consumos de bebidas alcoólicas por uma determinada população de estudantes da graduação dos cursos de educação física e nutrição de uma universidade do Rio de Janeiro. Entre os achados do texto, os autores enfatizam os paradoxos entre padrões de moderação e temperança propostos por recomendações biomédicas e expectativas que se debruçam sobre os corpos de estudantes do curso de saúde e a “ressaca moral” após ter passado da conta. Nesse trabalho, a comensalidade, incluindo os consumos de bebidas alcoólicas, ocupa lugar estratégico para transgressão da cultura dominante, além de ressaltar contradições nos contratos sociais (CASTRO *et al.*, 2014).

Essa transgressão apontada pelos autores ilumina de modo exemplar o que os mesmos sugerem em outro artigo com o conceito de *decalagem*. Para os autores, esse conceito possui variadas formas de utilização. Por exemplo, na engenharia e na arquitetura o termo é entendido como uma defasagem; distância; cisão entre um

material e outro, permitindo sua dilatação, já foi utilizado em um filme francês para explicar a diferença entre fusos horários. Além disso, a “decalagem” esteve presente nas discussões realizadas por *Contreras & Gracia-Arnaiz* para explicar a “fenda” entre o discurso verbal e as práticas reais de alimentação. Por isso, no campo da AN pode ser entendido como um “descompasso” entre as ideologias individuais e as práticas alimentares (CASTRO *et al.*, 2015).

A *decalagem* é inerente ao jogo da vida onde o falar e o fazer são dois aspectos complementares da realidade cotidiana; eles coabitam como subjetividade nas relações sociais como expressão da complexidade humana. Algumas **dualidades**, aparentemente contraditórias, convivem pacificamente ao mesmo tempo no sujeito: amar e odiar uma mesma pessoa; querer viver um grande amor e ter medo de sofrer; querer fazer exercício físico e gozar o relaxamento e o descanso; querer emagrecer e guardar os gostos por comidas aprendidas e cultivadas; e assim por diante (CASTRO *et al.*, 2015, p. 106).

O termo nos interessa aqui por fornecer uma abordagem mais compreensiva no que diz respeito ao consumo alimentar, levando em consideração que muitas lacunas são inerentes à natureza humana, incluindo-se também o que se produz no próprio campo, além dos atores nele existentes.

O ser humano convive com a *decalagem* em suas relações sociais, com criatividade na reconstrução de significados, considerando incompatibilidades ou incongruências, sustentando uma dinâmica social na percepção de sua condição de ser humano, criando aquilo que é possível e sonhando com o que seria impossível. Sonhando o impossível, ele constrói o que é possível. Um mundo sempre novo. Talvez um mundo menos doente, se a *decalagem* for considerada.” (CASTRO *et al.*, 2015, p.107).

Além das diretrizes e das pesquisas, temos o cotidiano dos CAPSad e a vivência dos usuários. Numa atividade de apoio matricial, juntamente com mais duas profissionais do CAPS e com a residência médica de um serviço da Atenção Básica, foi solicitado suporte no manejo de pessoas com uso problemático de álcool e outras drogas, a unidade chama atenção pela sua vasta abrangência territorial de cobertura, com acompanhamento de mais de mil gestantes. Questionamos se alguma das mulheres acompanhadas pela unidade possuía questões com bebidas alcoólicas e obtivemos um “não” como resposta. Complementaram a resposta dizendo que tal pergunta não está na ficha de anamnese e por isso não se atentaram ao fato. Na maioria das vezes, o assunto precisaria ser abordado pela própria gestante.

Esse exemplo da prática cotidiana não está nos livros nem nos guias e nos indica a *decalagem* entre o que é recomendado e o que as pessoas realmente

fazem. Manter a bebida alcoólica como algo que não deve ser abordado, como um tabu no campo da AN, tem consequências perigosas e aponta a urgência em avançarmos na ampliação do conceito de comensalidade incluindo as bebidas alcoólicas, para que o conceito reflita o que realmente é a comensalidade.

3.3 Comensalidade alcoólica: uma perspectiva inclusiva

Tendo em vista o percurso aqui desenhado, que demonstra o descompasso entre a regulação pela nutrição e o uso do álcool na vida cotidiana, vale considerar a necessidade de ampliar o conceito de comensalidade, incluindo-se a bebida alcoólica, na medida em que esta, no seu sentido ampliado vem a ser o fio condutor das relações dos indivíduos, entendendo que o complexo fenômeno da alimentação ocupa uma parte considerável do nosso cotidiano. Um almoço em família, o horário das refeições durante o expediente, um lanche feito com pressa no meio da tarde em uma lanchonete ou num jantar romântico são situações corriqueiras para muitos de nós.

Ao observar transformações sociais, culturais e econômicas diante das práticas alimentares (incluindo aqui os mais variados usos e consumos de bebidas alcoólicas), nos aproximamos do que discorreu Mary Douglas, em sua obra denominada *“Constructive Drinking: Perspectives on drink from Anthropology”*, acerca dos consumos de bebidas alcoólicas. Para a autora, os consumos de bebidas alcoólicas atendem a três principais funções que estão para além dos usos nocivos, e que de alguma maneira são eficazes do ponto de vista prático, sendo elas: o papel social real na vida cotidiana, o ato de beber na construção de um mundo ideal e o ato de beber como atividade econômica significativa (DOUGLAS, 1987).

Apesar de a pesquisa de Mary Douglas ter sido realizada há mais de 30 anos, acreditamos que ela dialoga bastante com o contexto atual à medida que formos trazendo a seguir elementos em torno da fundamentação proposta pela autora.

Além disso, à luz das lentes antropológicas que ampliam as discussões em relação aos consumos de álcool, bem como aos da comida, pode-se dizer que essas práticas funcionam como objetos simbólicos usados nas performances identitárias cotidianas, além da formulação de si e do outro, que variam em diferentes culturas,

assim como, sexo, idade, religião, educação, status econômico e etnia (HAMMER e VALLIANATOS, 2019).

Inclusive, as mídias, quaisquer que sejam, também assumem papel fundamental enquanto mediadoras dos diversos discursos sobre as temáticas da alimentação e do comer, independentemente do veículo utilizado para a disseminação (ARNAIZ, 1996).

Se anteriormente, as mídias denominadas “tradicionais” (televisão, rádio, jornais e revistas impressos) eram os principais veículos para disseminação das informações, as últimas décadas protagonizaram o crescimento das chamadas “mídias sociais”, que podem ser definidas como “tecnologias e práticas *on-line* usadas por pessoas (incluindo as empresas) para disseminar conteúdos, provocando o compartilhamento das opiniões, ideias, experiências e perspectivas” (FONTOURA, 2009).

O intenso processo de individualização do ato de comer e os assuntos relativos à saúde reafirmam aspectos em torno dos discursos sobre alimentação, à medida que provocam a necessidade de incorporar novas formas de comportamentos alimentares sociais. A internet, por exemplo, assume essa lógica discursiva, impactando as representações sociais da alimentação (MASSON *et.al.*, 2018).

No que tange às temáticas das plataformas digitais, Carvalho e Peres-Neto (2016) acrescentam ainda que esses espaços, adicionados dos recursos “*on-line*” de acesso livre, também são um campo fértil para as discussões em torno da comensalidade, principalmente, pela possibilidade de compartilhamento planetária e pelo seu repertório extremamente vasto. Para os autores, a proliferação da internet configura novos espaços de interlocução para “bricolagens alimentares”, entendendo que as novas tecnologias e os meios de comunicação impactam os sentidos e significações do convívio social e, conseqüentemente, os elementos estruturais e estruturantes do comer.

A escolha do que beber, onde beber, quando e com quem beber reforça esse circuito das estruturas sociais, que retiram os fatores econômicos das pautas principais, ou seja, de maneira geral, o preço final colocado nas prateleiras pouco dizem dessas escolhas, que povoam muito mais o campo do inconsciente. Sendo

assim, Bourdieu (2007) nos informa que o gosto classifica e distingue, lembrando constantemente o lugar que cada um ocupa na sociedade.

Podemos citar aqui o fenômeno da “*gourmetização*”, cujo o termo “*gourmet*” foi se atualizando no imaginário social: ele pode fazer referência tanto a uma preparação servida por um restaurante da considerada “alta gastronomia” ou qualquer bem e serviço que possua composição e apresentação diferenciada. A própria modificação/ressignificação do conceito de “*gourmet*” é resultado desse fenômeno (LOURENÇO, 2016). Para Júnior (2017),

É uma prática que visa rebuscar, dar um luxo, uma diferenciação maior, a um mesmo produto. O que é feito para marcar uma diferenciação de posição social, que pode ser tanto no seu sentido estrito – trata-se mesmo de um produto mais sofisticado, que apenas quem tem um gosto mais refinado vai conseguir apreciar – mas não só [...] é uma lógica da diferenciação social que explica o consumo (JÚNIOR, 2017).

A gourmetização das bebidas alcoólicas também é uma das maneiras de manter em evidência os processos civilizatórios, entendidos por Elias (1990) como determinantes nas transformações do comportamento humano. Mesmo que de maneira mais sutil, as regras nos dão pistas sobre a “maneira mais adequada de se viver” e de se comportar tanto nos espaços públicos quanto nos privados. Ao longo do tempo esses processos ressurgem de forma ressignificada, lembrando aos indivíduos que existe uma parede invisível de emoções que se ergue entre um corpo humano e outro: repelindo, separando, classificando.

A harmonização de preparações culinárias com bebidas alcoólicas não está descolada desse processo. Inicialmente, o termo “harmonização” era utilizado com similaridade ao da enogastronomia¹⁶, dominado pelo campo da gastronomia. Essa palavra surgiu objetivando materializar a realização de combinações perfeitas de comidas e bebidas, no caso o vinho, encontrando assim um equilíbrio de sensações (SANTOS, 2017). Essa prática parece estar ligada a uma lógica eurocêntrica dos costumes à mesa.

Nos últimos anos, o termo “harmonização” ampliou seus horizontes no que diz respeito às combinações culinárias com bebidas alcoólicas. A prática, denominada zitogastronomia, busca promover uma experiência sensorial através da combinação de comidas com cervejas (artesanais), sem perder de vista que o Brasil é um dos

16 Conjunto de conhecimentos e práticas relacionados com a conjugação de vinhos com os alimentos, nas refeições.

principais produtores e consumidores de cerveja do mundo (KANEOKA, 2015). Muitas marcas já oferecem sugestões de harmonização em seus rótulos, inclusive, muitas delas já agregaram às suas listas de ingredientes ervas aromáticas, sabores de frutas e hortaliças, que estão para além da cevada, lúpulo e malte, ingredientes tradicionais na produção de cervejas.

Mas não são as marcas de grande circulação e consumo que entram nesse jogo. Nos últimos anos também assistimos ao crescimento e proliferação das cervejarias artesanais, tanto para fins comerciais como para consumo próprio. A prática de fazer cerveja em casa se disseminou sobretudo nas classes médias da população, configurando tanto um *hobby*, quanto um argumento para reunir os amigos em torno da bebida. Ainda que não exista uma definição clara do que seria uma cerveja artesanal pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a definição mais utilizada no Brasil seria a proposta pela Associação Brasileira de Microcervejarias (Abracerva), que considera uma cervejaria artesanal aquela que produz até “cinquenta mil hectolitros de cerveja anuais e que não tenha como integrante do quadro societário empresas do ramo cervejeiro que produzam volume superior ao estabelecido neste tópico.” (ABRACERVA, 2013).

Há os que apostem também na harmonização de comida com cachaça, através dos drinks e até mesmo harmonização entre duas bebidas alcoólicas diferentes, como por exemplo, uísque e cerveja, comumente consumida nos Estados Unidos e até mesmo cervejas artesanais com cachaça (MAPA DA CACHAÇA, 2020).

Outro aspecto importante a ser destacado é a relação que se estabelece entre o consumo de bebidas alcoólicas com o papel social dos indivíduos. Mais precisamente, vale ressaltar o consumo de bebidas alcoólicas por homens e mulheres, o que indica os papéis sociais predefinidos para cada um dos gêneros historicamente reproduzidos pela sociedade, inclusive no que diz respeito aos usos considerados nocivos e/ou prejudiciais. Campos e Reis (2010) apontam, por exemplo, que o

uso considerado abusivo de álcool, pelas mulheres é tratado com base em uma perspectiva médico-psiquiátrica, centrada nos ‘riscos’ do uso do álcool, com ênfase nos aspectos fisiológicos e metabólicos que podem favorecer o desenvolvimento do alcoolismo feminino (CAMPOS; REIS, 2010, p. 541).

Apesar de as discussões de gênero não serem o foco da pesquisa, entendemos que é fundamental salientar que as diferenças de gênero surgem de maneira potencializada. Se para as mulheres tem-se um olhar moralizante, principalmente no cuidado com os filhos, para os homens, temos naturalização de consumos nocivos. Em entrevista ao Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), Alzuguir (2012) relata que “os discursos de homens e mulheres evidenciam como diferentes expectativas de gênero afetam os sentidos atribuídos à sensação de decadência moral decorrente do uso de bebida”.

Para Alzuguir (2012), essa moralização, atrelada a uma concepção biomédica/medicalizante em torno do alcoolismo, torna visível a questão do gênero na medida em que reitera o lugar da mulher na sociedade, levando em consideração que uma mulher embriagada é muito mais estigmatizada que um homem. Para homens, o fracasso tem relação com não cumprimento do papel do pai e marido provedor.

3.4 O lugar do álcool na pandemia ou Comensalidade pandêmica

Em dezembro de 2019, o Brasil teria notícias que no oriente do planeta, mais precisamente em *Wuhan*, na China, uma doença chamada de COVID-19 acometia grande parte da população. A doença, caracterizada por uma síndrome gripal provocada por infecção de uma classe de coronavírus denominado SARS-Cov-2, chamava a atenção por conta de sua alta transmissibilidade e seu alto índice de mortalidade (BRASIL, 2020).

Já em fevereiro de 2020, o Brasil, que nessa época do ano sempre está com suas atenções voltadas para o feriado de carnaval, em que o trânsito de pessoas chegando e saindo do país está intensificado, se conscientiza de que havia um risco de que o vírus também chegasse por aqui. Dessa maneira, levando em consideração o fato de a OMS já ter publicado a “Declaração de Emergência em Saúde Pública” desde 30 de janeiro de 2020, o Brasil decretou, por meio da Portaria n.º188 de 3 de fevereiro de 2020, “Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN)” em decorrência da infecção humana pelo novo Coronavírus (COVID-19) (BRASIL, 2020).

E o carnaval? “Deixa as águas rolar”¹⁷, já dizia a marchinha de carnaval, pois ainda tínhamos muito por esperar, mas não sabíamos precisamente o que de fato seria.

O carnaval, que na mitologia grega é uma festa dionisíaca, em sua essência é um momento para as transgressões, regado a muitas músicas e bebidas, em que a realidade dá lugar à fantasia, e os excessos são mais tolerados. Sendo assim, os dias de folia, que em 2020 aconteceram entre os dias 22 e 25 de fevereiro, não poderiam estar ameaçados. Então, apesar da publicação dos documentos indicando vigilância, não havia nada circunscrito em relação à suspensão de eventos em feriados. Diante disso, todas as atividades previstas para esse período (em escala nacional) mantiveram suas agendas.

Ainda ressecados dos dias de folia, em 26 de fevereiro, quarta-feira de cinzas, houve a confirmação do primeiro caso brasileiro de infecção por COVID-19: um homem de 61 anos de idade, recém retornado de viagem da Itália, mas o Ministério da Saúde dizia não haver motivos para pânico, entretanto, seria necessária a adoção de medidas sanitárias (BRASIL, 2020).

A partir de então, de acordo com as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS),

para evitar contaminação, o Ministério da Saúde recomenda medidas básicas de higiene, como lavar as mãos com água e sabão, utilizar lenço descartável para higiene nasal, cobrir o nariz e a boca com um lenço de papel quando espirrar ou tossir e jogá-lo no lixo. Evitar tocar olhos, nariz e boca sem que as mãos estejam limpas (BRASIL, 2020).

Além disso, o distanciamento e o isolamento social seriam as medidas sanitárias mais incisivas na tentativa de reduzir as transmissões em larga escala e, conseqüentemente, o número de casos graves e óbitos (BRASIL, 2020).

Diante desse cenário, tivemos que readequar, principalmente, a nossa maneira de nos manter em contato com as pessoas e reinventar nossos espaços de sociabilidade, de convívio e de comensalidade. Naquele momento, diversos espaços digitais, foram aliados e inúmeras estratégias foram lançadas para manter (de modo digital) eventos como shows e outros eventos culturais. Muitos encontros que pertenciam à esfera pública precisaram se restringir aos espaços privados. Um desses exemplos de estratégia foram as chamadas “*lives*”, que o dicionário online da

¹⁷ Esta frase é parte integrante da marchinha de carnaval intitulada “Saca-rolha”, escrita pela cantora e compositora Zilda Gonçalves, lançada em 1954 (SBACEM, 2019).

língua portuguesa define como “show, sarau, programa, emissão ou qualquer outro evento do mesmo gênero gravado ao vivo e transmitido remotamente, *on-line*” (DICIO, 2009). Esses novos espaços de lazer e diversão passaram a englobar a comida e as bebidas, transpondo para o virtual o que já fazia parte do mundo real.

Academias de ginástica, universidades, lojas de roupas, visitas a museus, zoológicos, aulas de culinária, debates sobre os mais variados assuntos, celebrações religiosas e casas de shows iniciaram uma enxurrada de transmissões ao vivo, utilizando, principalmente, o Instagram e YouTube. No mês de abril (2020), os dois eventos que obtiveram o maior número de acessos no mundo são de cantores brasileiros, com 3,31 e 3,24 milhões cada um e transmitidos pelo YouTube (PEIXOTO, 2020). Não por acaso, esses espaços logo ganharam um nicho fértil para que as marcas de diferentes segmentos (principalmente de produtos alimentícios e bebidas alcoólicas) pudessem divulgar seus produtos, e com estratégias bem agressivas. “Falhas na restrição à publicidade de bebidas alcoólicas nas redes sociais, ao contrário das impostas aos meios de comunicação tradicionais, sustentam uma intensa ação global da indústria do álcool dirigida ao público jovem.” (ACT, 2020 p.15).

É inquestionável que, assim como as *lives*, o álcool nunca esteve em tanta evidência nas suas mais variadas formas de apresentação e consumo. Se o álcool 70% (seja ele em gel ou líquido) tem a função de higienizar mãos, bancadas, utensílios e uma infinidade de objetos, as bebidas alcoólicas permanecem a serviço dos mais variados fins. Inclusive, as diversas informações circulantes em relação à prevenção se fizeram presentes na internet.

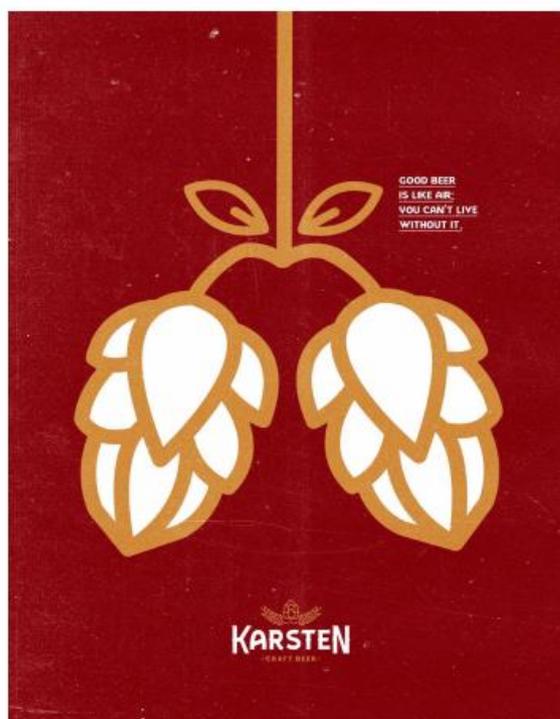
Uns afirmam que seu consumo pode ajudar a reduzir o risco de infecção pelo coronavírus. Muitas dessas mensagens recomendam o uso do álcool para beber, além de limpar e higienizar. Na Espanha, a Federação de Enologia afirmou, no fim de março, que “a sobrevivência do coronavírus no vinho parece impossível porque a combinação concomitante da presença de álcool, um ambiente hipotônico e a presença de polifenóis impedem a vida e a multiplicação do próprio vírus”. Enólogos asseguravam que o consumo moderado da bebida poderia ser usado como profilaxia, uma vez que “pode contribuir para uma melhor higiene da cavidade bucal e da faringe, onde é comum o vírus alojar-se numa eventual infecção (ACT, 2020. p.8).

As bebidas alcoólicas também ganharam destaque nesse cenário de eventos transmitidos durante o isolamento, em que marcas de cervejas, cachaças, vodcas e outros destilados aparecem como patrocinadoras de muitos desses eventos. Não

por acaso o Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR) verificou necessidade de entrar em cena e se posicionar diante de tal fato, após shows musicais que apresentaram artistas fazendo consumo de bebidas alcoólicas. O órgão recebeu diversas denúncias citando que o formato de comunicação publicitária não possui “mecanismo de restrição de acesso ao conteúdo das *lives* a menores de idade, e a repetida apresentação de ingestão de cerveja tem potencial estímulo ao consumo irresponsável do produto”. O órgão respondeu que os responsáveis pelas apresentações deveriam apresentar defesa, além de se adequarem os conteúdos às regras éticas (CONAR, 2020).

Além disso, diversas estratégias adotadas por fabricantes de bebidas alcoólicas surgiram, relacionando o consumo com a COVID-19. Enquanto a “falta de ar” era um dos sintomas que poderiam levar ao agravamento e óbito das pessoas acometidas pela COVID-19, as empresas de cerveja se utilizavam desse significante para investir, como, por exemplo a cervejaria brasileira que apresenta sua logo com pulmões em formato de lúpulo (Figura 2) e a Ambev, que “decidiu” fabricar oxigênio (Figura 3) e doar para o estado do Amazonas, que enfrentava uma crise da falta deste produto no início de 2021, indispensável no tratamento de casos graves.

Figura 2 – Estratégia de marketing adotada por uma cervejaria brasileira, trazendo pulmões com formato de lúpulo



A cervejaria brasileira Karsten criou um anúncio com seu logo representando pulmões e o slogan "Ar puro é igual cerveja de verdade: não pode faltar nunca!"

Fonte: Vital Strategies, 2021.

Figura 3 – Oxigênio produzido por fabricante de cerveja

TRANSFORMAMOS UMA CERVEJARIA EM USINA DE OXIGÊNIO HOSPITALAR



Fonte: AMBEV, 2021.

Sobre esses achados, percebemos que os fabricantes de bebidas alcoólicas possuem um *modus operandi* que extrapola os consumos propriamente ditos, tendo influência em outros aspectos da vida, digamos, cotidiana.

Dados trazidos pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS), exemplificam a experiência do Canadá, que aumentou o consumo em 20% entre as pessoas de 15 a 49 anos durante a pandemia (OPAS, 2020). A *WHO Regional Office for Europe* afirma que reduzir o consumo de álcool no período de isolamento social poderia funcionar como medida de proteção a possíveis riscos de saúde e sociais vinculados ao uso, já que o consumo excessivo traria maior vulnerabilidade, inclusive, no desenvolvimento de quadros mais graves em casos de infecção, e aumentaria os índices de violência doméstica, colocando mulheres e crianças em situações de maior risco. Além disso, os dados apresentam os profissionais de saúde como grupo vulnerável, e tal consumo poderia surgir como forma de lidar com o estresse devido ao aumento de carga de trabalho (WHO, 2020).

Em casos mais extremos e, conseqüentemente, mais graves, o isolamento permitiu aos dependentes de bebidas alcoólicas uma maior disponibilidade desses produtos. Lembro-me de receber um caso no serviço de saúde mental para usuários de álcool, crack e outras drogas onde atuo: o paciente dizia estar conseguindo se manter abstinente por alguns meses e a imposição do isolamento o deixou mais fragilizado, passando a ingerir uma mistura que fazia com refresco em pó e álcool em gel. Num outro momento, uma paciente pede que eu coloque álcool líquido na sua mão e na sequência cheira a mão sorrindo, como se despertasse nela uma memória olfativa da satisfação trazida pela bebida. Poderíamos neste caso dizer que tal memória é de cunho afetivo? Cheirar o álcool poderia ser a descoberta de uma estratégia de redução de danos que ajudaria a amenizar a vontade de consumo nos momentos de abstinência ou estaríamos caminhando na direção de um destino destrutivo? Não sei se essas perguntas encontrarão respostas aqui, talvez este trabalho se proponha a pautar e aproximar a academia de situações palpáveis, que nos permitam compreender a complexidade do objeto aqui pesquisado.

Tratando-se de situações palpáveis, nos deparamos com a questão da campanha de vacinação contra a Covid-19, por exemplo, que, diante do caos mundial, em que o número de mortes ultrapassava a marca de três milhões de pessoas no mundo até maio de 2021 (REUTERS, 2021) e os impactos

socioeconômicos ainda eram incalculáveis, teve início, no Brasil, somente em janeiro de 2021. Com esse início, as polêmicas e dúvidas em torno da vacina e dos consumos de bebidas alcoólicas também se iniciaram. “Se tiver ingerido álcool, posso me vacinar?”, “Quantos dias antes e quantos dias depois preciso suspender ou reduzir o consumo de bebidas alcoólicas?”

Não há evidências que informem de alguma interferência do consumo de álcool antes e após a imunização (FIOCRUZ, 2021) e, dessa forma, usuários graves do consumo de álcool, que possuem alguma dificuldade de interromper o uso, seguiram sem problemas para se imunizar, ou melhor, na realidade brasileira, diante do calendário previsto, esses indivíduos que realizam tratamento em algum dispositivo da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) foram incluídos no “Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19” nos grupos prioritários como “pessoas com deficiência permanente” e/ou “pessoas em situação de rua” (BRASIL, 2021).

Ressalta-se, então, a importância da vacinação para todos, tendo consumido álcool ou não, com ressalva para as situações de intoxicação no momento da imunização. Nesses casos, evidencia-se a necessidade de priorizar as avaliações das situações individuais.

Foi importante trazer a questão da pandemia para ser uma das discussões dessa tese, e como perspectiva para a questão da ampliação do conceito de comensalidade, tendo em vista que a pandemia trouxe a experiência de coisas novas, como, por exemplo, a utilização de recursos de plataformas digitais para promover encontros e o compartilhamento do momento das refeições. Será que durante esse momento de dimensão planetária, em que a situação de privação imposta estava dada, comer e beber entraria como uma das poucas possibilidades de descontração e prazer?

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Manuscrito 1: “O Diário de Bridget Jones e o controle dos corpos femininos”

O “O Diário de Bridget Jones” é um filme do gênero comédia romântica que apresenta aspectos relacionados aos corpos femininos e ao controle social e vigilância contínuos destes corpos ao retratar através da sua personagem principal os ditos “dilemas das mulheres” de uma sociedade ocidental contemporânea.

De forma simples e suave, assim como as estratégias de controle, o roteiro do filme permite explorar os mecanismos sutis, naturalizados e assimilados nas relações sociais daquilo que nos é imposto, permitido e proibido fazer em matéria de sexualidade e a respeito de nossas condutas sexuais, em especial as femininas. São normas de controle da forma física, dieta para manter o corpo magro, exercícios que tornam o corpo rígido, hábitos de higiene, moralidade nas roupas, controle de condutas na vida sexual, no matrimônio, na gestação ou na amamentação que, às vezes, parecem engraçados, mas que aparecem de forma clara no filme.

O tema da sexualidade foi inicialmente estudado pelo filósofo francês Michel Foucault (1988) no primeiro volume da *História da Sexualidade 1 – A vontade de saber*, em sua primeira edição do ano de 1977. O autor descreve a maneira pela qual, a partir do final do século XVIII, o falar sobre o sexo se configura como uma prática implicada em relações de poder-saber, deslocando o olhar de um discurso cujo o corpo é essencialmente definido em torno do sexo e de características próprias fundamentadas na estrutura biológica para uma análise da relação de poder que existe nos discursos sobre o sexo, o comportamento e a moralidade. Enfatiza a atenção para o interesse no controle social do corpo numa sociedade em transformação.

Para o autor, nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento de maior rigidez, mas sim o de maior instrumentalidade, utilizável no maior número de manobras, podendo inclusive servir às variadas estratégias de poder (FOUCAULT, 1988). Nessa perspectiva, a nossa sociedade é regida pela norma e pelos mecanismos, em grande parte médicos, que em seu seio distinguem o normal daquilo que é anormal. A medicina começa a não ter domínio que lhe seja exterior e tem sempre uma palavra a dizer, tornando-se uma das grandes atribuições do poder

médico definir as normas de saúde e os comportamentos saudáveis e impor aos indivíduos um agir em conviência com essas normas.

Desde o surgimento dos mecanismos e das estratégias de *biopoder* que buscam o controle do corpo social, paralelamente a este contexto histórico, surge uma série de procedimentos disciplinares que irão se ocupar da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade, ou seja, disciplinas que se propõem a governar a vida, sendo esta disciplina uma tecnologia refinada de poder (FOUCAULT, 1978-1979). No entanto, os dispositivos de controle nas sociedades contemporâneas são mais sutis e estão presentes no senso comum, dissimulados como recomendações corriqueiras nos cuidados com a dieta, os cabelos, as unhas, as roupas “adequadas”, o comportamento em público, as relações com parceiros e a maternidade. São regras gerais, mecanismos de controle do corpo feminino, presentes nas relações sociais e disseminadas entre as mulheres como questões individuais. São regras morais coletivas que aparecem como normas individuais de conduta, mostrando que a eficácia da sujeição à norma está na naturalização e banalização dos procedimentos e julgamentos considerados corretos.

Foucault (1988) ainda destaca que, referente a todas as manifestações do sexo, não existiam estratégias únicas e globais para toda a sociedade, mas parece possível, a partir do século XVIII, distinguir conjuntos estratégicos que atingiram certa eficácia na ordem do poder e produtividade na ordem do saber a respeito do sexo.

Dentre estes, pôde-se destacar à época “a histerização do corpo feminino”, conforme cita Foucault, como campo de atuação e um dos dispositivos específicos de saber e poder. Desta maneira, os corpos femininos têm muito pouco das próprias mulheres, sendo resultado de discursos e práticas que tomam os corpos masculinos como referência de “perfeição”, entendendo que o corpo possui papel privilegiado nas relações de poder, saber e práticas (COLLING, 2015). Assim, o corpo é lugar de inscrições de significações que deve ser lido e interpretado, justamente por ser entendido como a exteriorização dos aspectos subjetivos que circulam por ele, sendo ainda fronteira entre o individual e o social (NOVAES, 2006). Ainda:

Objeto de maior regulação social, o corpo feminino é, por conseguinte, contido ao máximo em suas ações. Como fruto disso, espera-se que toda esta contenção resulte, simultaneamente, em uma corporalidade delicada, um comportamento polido e um gestual estudado minuciosamente em seus movimentos [...]. O impacto que a feiura tem sobre a imagem da mulher é

justificado pelo discurso que diz que a feia é menos feminina [...] Estar magra é o melhor capital, portanto a melhor forma de inclusão social e, por fim, a moeda de troca mais eficaz” (NOVAES, 2006, p. 71-72).

A vista disso, nosso objetivo com este texto é, a partir de aspectos apresentados no filme, discutir a relação entre controle dos corpos femininos e o uso de substâncias, que nessa obra pode ser a comida, o tabaco e as bebidas alcoólicas. Levamos ainda em consideração que o comer e o beber juntos podem fortalecer o vínculo e a amizade, mas também podem enfatizar uma relação de poder existente, pois comer acompanhado nos coloca diante de um grupo, sendo o elo das relações sociais (LÉVI-STRAUSS, 2004; VISSER, 1998). Para tanto, analisamos as cenas do filme em que a personagem que dá nome à obra se insere em situações que envolvem o uso destas substâncias e cujas relações com as drogas mudam de acordo com a condição emocional da personagem.

4.1.1 O filme

“O Diário de Bridget Jones” é uma comédia romântica britânica, baseada no romance de mesmo título escrito por Helen Fielding em 1995. O filme foi lançado em 2001 pela Universal Studios, Studio Canal e Miramax Film Corp. Sua classificação é indicativa para os maiores de 14 anos de idade e com tempo de duração de aproximadamente 97 minutos. A obra cinematográfica possui em seu elenco principal Renée Zellweger (Bridget Jones), Hugh Grant (Daniel Cleaver) e Colin Firth (Mark Darcy).

A princípio, o filme parece ser mais uma comédia adolescente com assuntos rasos e um final feliz. Contudo, ao assisti-lo com a “lente” de um pesquisador, pode-se decantar uma série de questões do dito “universo feminino”, revelando-se como um importante lugar para observar determinados fenômenos, além de nos proporcionar boas risadas.

A naturalização do controle sobre o corpo feminino aparece no filme de forma caricata, como se a cobrança acerca dos cuidados com o corpo feminino e a moralidade que a personagem sofre fossem banais e engraçadas, como se fossem atributos e cobranças naturais, comuns para qualquer mulher, fazendo com que a identificação com a personagem se intensifique. Se as cobranças que Bridget experimenta fossem irreais, elas não gerariam tanta empatia com o público. A

eficácia do filme está justamente no fato de que o controle social sobre o corpo feminino e as práticas de Bridget Jones estão presentes na vida de muitas mulheres.

Na linguagem cinematográfica, a comédia tem por objetivo fazer ressaltar as fragilidades humanas, como, por exemplo, o vício, a negligência e até mesmo a insensatez (NOGUEIRA, 2010). A aproximação com a realidade cotidiana recheada pelo humor torna nossa tarefa mais amena e profícua. Esse riso pode assumir diversos lugares e diversos significados. O riso pode, segundo Silva (2010), se expressar de formas variadas, sendo capaz de sugerir diversos recursos, dentre os quais se destacam a comicidade, o humorismo, a ironia, a caricatura, a paródia e a sátira.

A ironia pode ser utilizada como manobra para expor situações sérias. Através da ironia, o indivíduo é capaz de verbalizar verdades que não seriam ditas em outros contextos. A sociedade é responsável por definir possibilidades de condutas, em que algumas são aceitas outras nem tanto. A função do riso é justamente tornar visível este mundo que está excluído, reconhecendo outras realidades possíveis (SILVA, 2010).

O riso também pode assumir o papel de superioridade, visto que o indivíduo que ri, involuntariamente, compara os defeitos dos outros com os dele, expressando uma imperfeição individual e coletiva no(s) outro (s), que exige imediata correção (BERGSON, 1983). O cômico, assim, tem potencial para descobrir e desnudar involuntariamente as “qualidades” e “defeitos” físicos e morais do outro. Adjetivos esses, que foram construídos e sustentados pela sociedade.

Ao tornar o corpo e o comportamento da personagem risíveis, dignos de julgamento e condenação pública, percebemos justamente a eficácia da regra, pois as mulheres reafirmam a sujeição à regra ao condenar Bridget pelo peso, com suas roupas e “comportamentos inadequados”. Elas se identificam com a personagem como o arquétipo a ser evitado, moralmente condenável, pois Bridget Jones as revela pelo quanto somos risíveis e caricatos.

4.1.2 Quem é Bridget Jones?

Bridget Jones é uma britânica, solteira, trinta e dois anos, trabalha em uma editora de livros. Juntamente com a virada do ano, Bridget decide ter controle sobre

a sua própria vida e começa a escrever um diário¹⁸. Nesta mesma cena, a personagem diz que nesse diário irá contar “*toda a verdade* sobre Bridget Jones” e todas as situações vivenciadas que se relacionem com essas promessas (daí o título do filme). Grifamos esta fala (toda a verdade) para enfatizar o desafio que circula em torno das informações que a personagem decide “revelar” para si mesma em um diário, entendendo que regras impostas socialmente, muitas vezes, fazem com que as mulheres omitam determinadas informações sobre seus corpos e hábitos, como os mencionados no filme: o peso, a quantidade de cigarros que fuma e o consumo de bebidas alcoólicas: peso: 62kg; cigarros: 42; unidades alcoólicas: 30-50¹⁹. Na sequência desta cena, Bridget elenca algumas metas para o ano que está por vir, conforme descrito abaixo (UNIVERSAL, 2001):

Resolução 1: Obviamente perder 9 quilos.

Número 2: Sempre colocar a calcinha de ontem no cesto.

“Igualmente importante, achar um namorado direito e sensível... e parar de me envolver com alcoólatras *workaholics*... homens com fobia de compromisso, *voyeurs*, megalomaniacos impassíveis ou perversos.” (UNIVERSAL, 2001). Percebe-se que Bridget decide escrever um diário com o objetivo de reorganizar e retomar o controle de sua vida a partir de situações consideradas como fracassadas, como, por exemplo, ser agenciada pela mãe para arranjar um namorado ou ser mal sucedida em uma atividade importante no trabalho. As metas escolhidas e destacadas são quase um compilado geral do desejo feminino. A partir de uma análise biopolítica, o dispositivo da confissão atende à necessidade de controle sobre os corpos a fim de torná-los dóceis e adequados a um determinado contexto social. Foucault, (1988) revela que

A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não “demanda” nada mais do que revelar-se; e que, se não chega a isso, é porque é contida à força, porque a violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular à custa de uma espécie de liberação (FOUCAULT, 1988, p. 60).

¹⁸ Cena em 00:07:16.

¹⁹ Cena em 00:07:13.

O controle está presente nesse cotidiano sem que ele seja percebido. Ele se apresenta de maneira quase visceral e surge naturalizado por Bridget. Para Francini (2017), os dispositivos de poder e controle aparecem na modernidade como um dispositivo complexo que atua nos corpos de minorias, se valendo de um caráter biológico excludente, evidenciado pela normatização do sujeito, seja pela doença ou pelo gênero.

Sendo assim, o filme apresenta diversas situações vivenciadas pelas mulheres, muitas vezes naturalizadas pela sociedade de maneira refinada. Para Wollz & Prado (2016), as obras cinematográficas, através do contexto apresentado, traduzem os aspectos da vida cotidiana, em que os atores sociais representam os papéis sociais vivenciados corriqueiramente pelos sujeitos em sociedade, que também estão sujeitos às regras, representando papéis pré-determinados.

Ao longo de todo filme, a personagem se apresenta como uma pessoa atrapalhada e inadequada em diversas situações. Francini (2017), ao analisar o conto “La mujer amaestrada”²⁰, nos aponta que a bestialização reforça a condição social da mulher, estando mais ligada à irracionalidade, se afastando da razão, não se encaixando num modelo cartesiano normalizado. Diante deste estereótipo malsucedido de mulher, Bridget se propõe a dar resolutividade aos seus “problemas”. A busca pela adequação de Bridget se dá através de uma construção do corpo feminino que, em consonância ao espaço social em que está inserido, deseja a magreza, o comedimento e, em última análise, o pertencimento que o matrimônio pode gerar. Tedeschi (2008) defende que a afirmação do espaço social feminino se constrói pelo matrimônio, reforçando um ideal de lar e de maternidade, resultando em práticas culturais que limitam as mulheres à esfera privada.

4.1.3 O peso de Bridget incomoda muita gente

Não é incomum encontrar uma mulher que esteja insatisfeita com seu corpo e com seu peso corporal. Também não é difícil encontrar conteúdos, seja pela mídia

²⁰Conto do livro Confabulário, de 1952, do escritor mexicano Juan José Arreola que narra um espetáculo ao ar livre da mulher adestrada, onde os “loucos domesticados” eram a atração principal e reavivando a memória das feiras medievais

escrita, falada ou digital, abordando o perfil de “corpo ideal” para o público feminino e, na maioria das vezes, este perfil está relacionado à beleza feminina, a um padrão de número de manequim ou a valores em quilogramas informados pela balança. Desta maneira, esta insatisfação aparece como reflexo das exigências sociais que existem sobre o corpo feminino e da busca pela beleza.

Essas exigências sociais não são questões surgidas recentemente e não se restringem à vida no universo urbano contemporâneo; pelo contrário, para Vigarello (2004), o início do século XX assiste a uma mudança radical da silhueta e dos padrões de beleza corporal, principalmente para as mulheres. Entre 1910 e 1920, os corpos se libertam e as formas se alongam, como se as linhas do corpo ganhassem autonomia e acompanhassem a profunda transformação social em curso. A mulher, que ingressava no mercado de trabalho, buscava uma imagem de movimento e atividade por meio de uma elegância apropriada aos “novos tempos” de desenvoltura e liberdade. Uma nova mulher emergia das profissões mais ativas, e a ilusão de ter conquistado seus direitos fez com que ela passasse a valorizar e investir mais no seu corpo, preferencialmente, magro e adequado às normas de moral e de higiene.

A “mulher que trabalha” deve também ser “agradável de se ver”, tanto na chegada quanto na saída do trabalho. A atuação feminina no mundo do trabalho cria novos critérios estéticos e cuidados com o corpo, e a publicidade dos anos 1930 destaca a liberdade e a necessidade de se adequar à nova ordem estética que prega a vida ao ar livre, a ginástica e o corpo bronzeado. E longe de ser uma simples moda, trata-se de uma revisão pedagógica em que cada um precisa buscar o embelezamento e o prazer, criando uma nova forma de afirmação do indivíduo moderno. O corpo feminino começa a ser trabalhado e passa a exibir os signos da cultura física e da atividade esportiva. Os músculos se tornam visíveis, elásticos, deixam de ser propriedade exclusiva do universo masculino. Os editoriais das revistas de beleza dos anos 1930 destacam “uma silhueta esbelta e esportiva, com membros finos e músculos sem gordura, e a figura enérgica e livre é hoje a imagem ideal da beleza feminina” (VIGARELLO, 2004, p.200). O uso dos *maillots* destaca as formas e transformam os critérios de beleza, ressaltando qualidades e defeitos, fazendo com que a balança passe a fazer parte do cotidiano. O peso é decretado

“elemento primordial da beleza feminina” e o excesso de peso jamais deve ser considerado como sintoma de saúde. Ao contrário, ele pode ser perigoso e um risco.

Ferreira (2008) enfatiza que, nos últimos anos, apesar de vencer as barreiras relacionadas à estrutura de poder, conquistando liberdade e reconhecimento, o corpo feminino ainda se mantém refém da ditadura da beleza. Os cuidados obsessivos com seus corpos em busca de um modelo idealizado de beleza exigido socialmente ofuscam as conquistas das últimas décadas. Indo ao encontro da fala do autor, podemos citar ainda a entrevista de Renée Zellweger, ao *The Hollywood Reporter* (THR), para a divulgação, em 2015, do filme “O bebê de Bridget Jones”, gravado 12 anos depois do primeiro filme²¹. Na ocasião, enfatiza-se a idade atual da atriz e especula-se sobre ela ter feito cirurgia plástica no rosto. Renée responde dizendo que necessita fazer algumas reivindicações sobre as verdades de sua vida e comenta:

Não que seja da conta de ninguém, mas eu não tomei a decisão de alterar meu rosto e fazer uma cirurgia nos olhos. Esse fato não é de grande importância para ninguém. Embora tenhamos evoluído para reconhecer a importância da participação feminina na determinação do sucesso da sociedade, e tomar como certo que as mulheres são portadoras de padrões em todos os domínios de posição e influência de alto perfil, o duplo padrão usado para diminuir nossas contribuições permanece, e é perpetuado pela conversa negativa que entra em nossa consciência todos os dias como entretenimento sarcástico [...] Muito magra, muito gorda, mostrando a idade, melhor como morena, coxas de celulite, escândalo de *facelift*, ficando careca, barriga gorda. Sapatos feios, pés feios, sorriso feio, mãos feias, vestido feio, riso feio; material de manchete que enfatiza as variáveis implícitas destinadas a determinar o valor de uma pessoa, e serve como parâmetros em torno de uma margem sugerida muito estreita dentro da qual cada um de nós deve existir para ser considerado socialmente aceitável e profissionalmente valioso, e para evitar o ridículo doloroso (*The Hollywood Reporter*, 2016).

Freitas *et al.* (2010) afirmam que em tempos que antecedem o século XIX já se apresentavam padrões para os corpos femininos. Corpos volumosos e rotundos eram tipicamente de pessoas abastadas e nobres, estando associados a poder financeiro e político. O autor afirma ainda que as primeiras décadas deste mesmo século surgem como marcadores temporais da mudança de visão estética do corpo, redirecionando o olhar, antes para a obesidade, mirando em direção à magreza.

²¹ “O Diário de Bridget Jones” foi o primeiro filme de uma sequência. O segundo, gravado em 2004, recebeu o título de “Bridget Jones no limite da razão” e o terceiro, gravado doze anos depois do primeiro, foi intitulado de “O bebê de Bridget Jones”.

Fernandes (2006) acrescenta que existe um interesse nos estudos epidemiológicos para investigar comportamentos ligados ao desejo de perder peso, trazendo a confirmação de que grande parte das mulheres se sentem insatisfeitas com seus corpos, mesmo quando não se encontram acima do peso.

O corpo feminino passa a ser objeto de consumo, não apenas pelo setor de vestuários, mas também por produzir e agenciar subjetividades. A gordura acaba por ser a “personificação” da falta de cuidado, sinônimo de desleixo e fraqueza de caráter (VILHENA, 2008).

Não ao acaso que a exigência do casamento que recai sobre uma mulher e a solteirice aparecem como um fracasso - o excesso de peso da personagem aparece como possível motivo desse fracasso. Não é à toa que ao longo de todo o filme a personagem principal recebe diversas intervenções relacionadas ao seu peso corporal. Desta maneira, selecionamos as cenas em que isso acontece (Quadro 1).

Quadro 1 - Compilado de cenas contendo falas relacionadas ao peso de Bridget Jones

CATEGORIA	CENA	MINUTAGEM	FALA	QUEM FALA?	CONTEXTO
Peso corporal	1	00:01:21	"Aí está você, barrilzinho"	Mãe de Bridget	Bridget ao ser recebida pela sua mãe em casa para a festa de Ano Novo, intitulada de "Peru ao curry"
Peso corporal	14	00:42:51	"Não disse que ela era magra?"	Lara	Bridget surpresa ao encontrar uma outra mulher na casa de Daniel Cleaver.
Peso corporal	20	00:57:12	"Nem mais magra, nem mais esperta"	Amiga de Bridget	Reação da amiga de Bridget ao ouvir a protagonista contar que Mark Darcy gosta dela do jeito que ela é.
Peso corporal	22	01:04:25'	"Ei, Bridget, você está magra. Está fantástica"	Amiga de Bridget	A amiga complementa as felicitações de aniversário, comemorando igualmente a magreza de Bridget no dia do seu aniversário.
Peso corporal	créditos	01:33:20'	"Garota saudável e bem constituída. Uma garota pele e osso não dá conta"	Pai de Mark Darcy	Falando sobre o que acham de Bridget Jones e Mark Darcy juntos

Fonte: Elaborado pela autora.

O matrimônio vem a ser um dos dispositivos de controle da sexualidade com que Foucault (1988) trabalha, atendendo a necessidade de domesticação dos corpos femininos que historicamente são vistos como os que se excedem nos prazeres. Para o filósofo, o casamento é também um dos artifícios de governamentalidade pastoral, articulando “atos de verdade” e práticas de obediência. Numa perspectiva foucaultiana, trata-se de um vínculo de simpatia intensa e respeitosa, da procriação e da desqualificação do prazer.

Retomando a análise de Francini (2017) em *La Mujer Amaestrada*, torna-se necessário o adestramento da mulher, visto que esta é considerada ao longo dos tempos como um sujeito indefinível pelas suas concepções binárias, que circula entre o meio racional e flerta com o meio animal, transitando por estes dois mundos, muitas vezes de maneira negativa. O peso corporal (que aparece no filme de maneira vinculada ao casamento) vem a ser mais um instrumento de controle e regulação social dos corpos e, desta forma, perder peso aparece como uma necessidade óbvia para a personagem principal. A naturalidade dessa cobrança e a banalização da aceitação como uma norma incontestável é o que nos chama atenção na medida em que a regra está interiorizada de tal forma que o controle sobre o corpo não é considerado abusivo; ao contrário, o descontrole de Bridget nos cuidados com o corpo e a não sujeição de todas as mulheres à regra é que aparecem como absurdos. A sujeição não causa estranhamento; pelo contrário, é o “normal”; anormal é não obedecer.

Seixas e Birman (2012) chamam a atenção para o fato de que, se no século XIX, o controle dos corpos se dava através do sexo e da reprodução, nos dias atuais ele se institui e se reafirma nos fenômenos populacionais e também no domínio do corpo magro e saudável. A preocupação com a beleza e os cuidados com o corpo, longe de serem uma questão menor, estão presentes em toda a história do ocidente e, por meio dessa preocupação, podemos ver refletidos os conflitos que estão além do corpo, na ordem social, reproduzindo questões morais, políticas, religiosas, econômicas e/ou culturais, que aparentemente não se referem à beleza do corpo, mas que se fazem presentes na construção dos juízos de valor individuais ou sociais do que é considerado belo. Neste sentido, os valores relativos ao belo, reúnem ao mesmo tempo, numa síntese semiológica, as contradições de cada cultura ou

momento histórico. Ou seja, desde a sua origem, a estética está em permanente diálogo com outras formas de pensamento e o que é considerado belo vai ser atravessado por essas outras formas de pensar, estranhas ao julgamento meramente sensível.

Segundo Santos (2015), existe uma luta constante no que tange ao cuidado que a mulher deve ter consigo mesma. Isso perpassa a aparência física, em que a ideia central é “fazer algo por si mesma”, ou seja, para aumentar o seu valor competitivo no mercado sentimental, a mulher deve se valer de minuciosos conhecimentos relativos à cosmética, nutrição e atividade física, para que esse corpo, marcado pela dissociação entre o prazer sexual e a reprodução tenha acesso a diversificados bens de consumo.

Vale ainda ressaltar que um filme não é apenas uma junção de cenas gravadas de maneira aleatória, quer dizer, ele é recheado de intencionalidades para reforçar a mensagem que se deseja transmitir ao público. A construção da personagem opera uma síntese semiológica, ela reúne os atributos que constituem o estereótipo do corpo feminino considerado inadequado, revelando então as normas de adequação à ordem estabelecida, como mostra a figura 4. Desta forma, quando a confecção do todo é idealizada, tem por objetivo levar o espectador às sensações idealizadas pelo cineasta, e o poder de manipulação de acordo com cada narrativa tem a capacidade de levar esse espectador a vivenciar os momentos que passam na tela, justamente pelo fato de as cenas estarem carregadas de significados (SCHUCH *et al.*, 2014).

Figura 4 – Tamanho da calcinha de Bridget Jones sugerindo o tamanho da silhueta da personagem



Fonte: O Diário de Bridget Jones, 2001

Apesar deste texto não objetivar análises sobre os conceitos que circulam no campo da sétima arte, torna-se importante, numa análise fílmica, entender as mensagens subjetivas que se apresentam através de um recurso. Ele nos ajuda a compreender as mensagens das entrelinhas; os pormenores que muitas vezes são negligenciados.

No caso do filme analisado, nos chama a atenção um recurso de posicionamento da câmera, utilizado diversas vezes ao longo da obra, denominado *contra-plongée* ou “câmera baixa”, plano em que a câmera se encontra posicionada abaixo da altura dos olhos e está virada para cima. Tem por objetivo destacar a imponência e superioridade de quem está sendo filmado (SCHUCH *et al.*, 2014). No caso de Bridget Jones, este enquadramento é utilizado para dar destaque ao “bumbum” da personagem, seja numa troca de roupa íntima²², seja numa matéria mal sucedida em seu novo emprego num canal de televisão²³, reforçando o estereótipo e volume do corpo gordo, ou ainda para evidenciar a falta de habilidade com as tarefas culinárias²⁴. Mais uma vez apresenta-se a intencionalidade do cineasta.

4.1.4 Bridget Jones e seus “(des)controles”

É interessante notar que para além da busca pelo matrimônio, que é o fio condutor da trama, a questão do controle dos impulsos está pontuada em várias cenas, articuladas ou não à busca por esse controle. As cenas analisadas são acontecimentos em que Bridget de alguma forma se relaciona com a comida, o álcool e o cigarro, ou seja, substâncias com as quais mantém uma relação desregrada que caracteriza, assim, as drogas da personagem. Isto se desenvolve ao longo do filme a partir de três eixos centrais: 1) o aumento de autoestima da personagem em obter êxito numa investida amorosa com seu chefe (Daniel Cleaver); 2) a frustração após descobrir que Daniel está noivo de outra mulher e 3) quando Mark Darcy revela seu amor por ela “do jeito que ela é”.

²² Cena em 00:17:46.

²³ Cena em 00:51:59.

²⁴ Cena em 01:01:13.

Ao analisar a primeira situação²⁵, percebe-se que, após alguns fracassos na vida pessoal e profissional, Bridget Jones começa a flertar com seu chefe, Daniel Cleaver (Hugh Grant). Nesse período, a personagem muda sua maneira de se vestir, que passa de uma vestimenta mais formal e discreta priorizando tons pastel, para um vestuário composto por saias e vestidos mais justos e decotados, com transparências e peças íntimas à mostra. Após o flerte decorrente dessa “mudança” estética da personagem, os dois realizam alguns encontros amorosos, sugerindo que eles estão namorando. Bridget consegue emagrecer, pois substitui, segundo sua fala no filme, a comida por sexo e reduz o consumo de cigarros.

Já no segundo momento²⁶, durante uma viagem romântica, Daniel Cleaver diz precisar interromper o passeio pois precisa retornar para casa com urgência para resolver questões de trabalho. Bridget segue para uma festividade de sua família sozinha e, ao sair da festa, decide ir ao encontro do namorado. Ao chegar à casa dele sem avisar, Bridget o surpreende com outra mulher, que posteriormente será identificada como a noiva de Daniel. Com o término do relacionamento e o fim do sonho de se casar, todos os esforços de Bridget para se adequar a um padrão socialmente esperado vão por água abaixo: ela ganha peso, aumenta o consumo de cigarros, e a ingestão de bebidas alcoólicas dispara, conforme descrição a seguir nas falas de Bridget (UNIVESAL, 2001):

Em momentos como estes continuar a vida parece impossível.²⁷
 E comer tudo o que há na geladeira parece inevitável.²⁸
 Desistir e aceitar o estado permanente de solteira.²⁹
 Ou não. E desta vez eu escolho não.³⁰
 Em vez disso eu escolho a vodka.³¹
 Peso: 63,5kg mais 42 tortinhas.³²
 Unidades alcoólicas: milhares.³³

Finalmente, na terceira ocasião destacada, Bridget reduz consideravelmente o peso e o número de cigarros consumidos por dia³⁴.

²⁵ Cena em 00:26:41.

²⁶ Cena em 00:46:41.

²⁷ Cena em 00:46:41.

²⁸ Cena em 00:46:43.

²⁹ Cena em 00:46:50.

³⁰ Cena em 00:46:58.

³¹ Cena em 00:47:09.

³² Cena em 01:14:24.

³³ Cena em 01:14:29.

Essa sequência de acontecimentos aponta para a interconexão entre aspectos emocionais vividos pela personagem e o aumento e diminuição do uso das substâncias em questão. Contudo, mais importante que localizar em classificações, diagnósticos e o tipo de uso dessas substâncias que Bridget Jones³⁵ faz, nos interessa entender como é a relação da personagem com as tais substâncias e um permanente deslocamento: ora é a comida, ora o cigarro ou a bebida alcoólica. O fato de que os objetos que trazem conforto e satisfação à personagem sejam substâncias consumidas pela boca nos faz refletir sobre a oralidade presente nessas relações de consumo.

Segundo Frédéric Yvan (2011), os problemas alimentares e as adições apresentam como traço comum uma perturbação da oralidade: enquanto na bulimia e na anorexia há um excesso ou privação de alimento, as adições também passam pela via oral e pelo tubo digestivo, podendo até mesmo ser pensados como um envenenamento da boca. Enquanto as primeiras estão também associadas a problemas específicos do corpo e sua imagem, as adições fazem com que o pensamento seja parasitado por dificuldades que levam à busca da droga. Traço marcante é sem dúvida a dependência que se instala na relação com essas substâncias, mas que também se apresenta em outros aspectos da vida.

Outras dependências entram em jogo: dependência repulsiva ao olhar de uma mãe provocando seu filho até ele “comer nada”, de acordo com a célebre fórmula de Lacan; dependência – enganadora – ao olhar de um “grande irmão” [*big brother*], substituto de um pai carente, que iniciará o jovem homem nas alegrias da garrafa ou do fumo e será rapidamente substituído pela figura do traficante. Dependências que, sob uma luz bruta, fazem o reencontro, observado e teorizado pela psicanálise, entre uma intimidade que remonta aos primeiros momentos da vida e à dimensão social dessa vida – o momento da inserção na cidade a partir da puberdade (YVAN, 2011, p. 8, tradução nossa).

Vale ressaltar o fato de que essas substâncias trazem uma certa satisfação, ainda que venham posteriormente acompanhadas da culpa e da frustração. Essa

³⁴ Cena em 00:57:41.

³⁵ Por exemplo: se enquadrarmos o uso de bebida alcoólica da personagem na classificação proposta pelo *Substance Abuse and Mental Health Services Administration* (SAMHSA, 2018), a mesma estaria no padrão de consumo de risco denominado “*Binge Drinking*” (beber se embriagando), em que o indivíduo consome grande quantidade da substância (cinco doses para homens e quatro doses para mulheres) em uma única ocasião, dentro de um período de duas horas, ainda que a frequência desse consumo possa ser esporádica, sem que este uso tenha alguma relação com alguma classificação de transtornos e doenças.

satisfação remonta, em última análise, às primeiras experiências de satisfação, aquelas que foram vivenciadas no seio da relação de dependência do bebê com sua mãe. Pois o bebê depende do amor, do desejo e dos cuidados da mãe, ao mesmo tempo que é ela que lhe oferece a “primeira experiência de satisfação” por meio da alimentação. E é essa experiência de gozo, experiência mítica sem dúvida, que o indivíduo buscará repetir, tornando-se dependente dessa experiência, mais do que da substância que faz uso.

Assim, para Yvan, “o homem assim como a mulher bulímica comem muito não somente com o objetivo de preencher, mas eventualmente de se esvaziar. Sua oralidade é também um dito, um endereçamento desesperado e incessante a um parceiro que não pode jamais lhe escutar” (2011, p. 8, tradução nossa).

Franco (2013) afirma que o alimento nos leva, pela via da oralidade aos fundamentos psíquicos, às primeiras fases do desenvolvimento sexual, aos primeiros investimentos do eu. As perturbações da oralidade falam de relações de amor desastradas, de dependência extrema, de ódio e do narcisismo. Diante disso, apela-se para os mecanismos típicos da fase oral, numa tentativa de dar conta do que foi perdido.

Ainda sobre a oralidade, Birman (1999) nos indica que existe uma relação desenfreada e desesperada pela busca de objetos que livrem estes indivíduos do sofrimento colocado pelas exigências sociais, ficando evidente uma inabilidade destes de lidar com o mal-estar na cultura e sua conseqüente angústia. No filme em análise, podemos identificar esse mal-estar nas exigências de adequação do corpo, das condutas e das escolhas da personagem principal, assim como sua desistência em atender a esse ideal que a leva ao descontrole. Nesse sentido, fica evidente o quanto a relação desastrosa de Bridget Jones com a comida, a bebida e o cigarro fica atenuada quando ela se envolve emocionalmente com um homem, redistribuindo as experiências de satisfação possíveis. Sexualidade e cultura se mostram em permanente conflito ao mesmo tempo em que buscam conciliações para as satisfações de uma exigência ou de outra.

Paralelamente aos fenômenos observados no filme, podemos entrelaçar o conceito de comensalidade para os usos de Bridget Jones, entendendo que a comida e a bebida alcoólica são responsáveis por mediar relações sociais existentes no filme. Para Carneiro (2005), é o ato de comer junto, partilhando a comida,

atribuindo sentido ao ato da partilha. Para Wollz & Prado (2016), a comida ou a falta dela é capaz de desencadear emoções e revelar códigos e relações sociais. Claude Fischler, em entrevista cedida à Mirian Goldenberg, em 2011, afirmou ainda que o homem “come” os significados e partilha com seus pares uma infinidade de representações no ato de comer. Na comensalidade condensam-se significados outros, que se tornam também o lócus privilegiado dos discursos de controle dos corpos (Figura 5).

Figura 5 – Olhares que aguardam Bridget Jones a responder perguntas sobre sua vida pessoal.



Fonte

: O Diário de Bridget Jones, 1995.

No filme, podemos citar os almoços em família em que sua mãe sempre tece comentários sobre casamento e o suposto excesso de peso de Bridget³⁶, ou no jantar com os amigos em que Bridget é a única solteira entre os presentes e recebe uma avalanche de questionamentos sobre o fato de ainda estar solteira após os trinta anos³⁷. O momento da partilha da comida favorece esse discurso de controle, autorizando os que estão em torno da mesa a verbalizar o que normalmente não fariam, provavelmente por um clima de descontração e aproximação que o “comer junto” proporciona. Ali aparecem os afetos, os conflitos e as regras sociais.

É à mesa que os comensais interagem, trocam experiências, afinam-se ou desafinam-se em gostos e preferências. É lugar de troca simbólica. É lugar de unificação antropológica em que a linguagem do cuidado com o outro, do afeto, do cuidado de si, do sabor, dos gostos e das preferências significa ou

³⁶ Cena em 00:01:26.

³⁷ Cena em 00:53:07.

ressignifica o sujeito, independentemente de outras linguagens que possam ali existir (OLIVEIRA *et al.* 2019. p. 146).

4.1.5 Considerações finais

O sexo, através da sexualidade, é tomado, a partir do século XIX, como o lócus de controle dos corpos, através da regulação da vida dos indivíduos. A sexualidade se apresenta para além de um discurso sobre a organização fisiológica do corpo. Apresenta-se como prolongamento de uma analítica do poder em que a interiorização da norma corresponde a uma inserção dócil nos corpos e à sua subjetivação. E isso se perpetua até os dias atuais, ou seja, os corpos femininos são frutos das relações de poder regidas por um padrão de referência, que era o corpo masculino. O poder biomédico também surge como um dos marcadores que imperam e ditam regras que se imprimem no corpo feminino. A questão está justamente na forma sutil e naturalizada em que isto se coloca para a sociedade, empreendendo uma moralidade sobre esses corpos.

A análise fílmica, nos permite uma aproximação com o campo das artes e traz um elemento considerado atemporal, que é o cinema. Um filme permite, de maneira trágica ou cômica (como é o caso do gênero do filme aqui analisado), nos confrontar com acontecimentos próximos ao cotidiano, sem que haja a necessidade de enquadrar excessos em diagnósticos e nomenclaturas definidos.

Utilizar uma obra cinematográfica como “lugar de olhar” nos auxilia na compreensão dos fenômenos sociais, mesmo que não tenhamos a expertise das técnicas. Esta aproximação nos traz um enriquecimento teórico para as análises no campo da AN.

O peso corporal, ainda hoje, é um campo de incidência moral, produzindo subjetividades no corpo (principalmente aos que se encontram acima do considerado “ideal”). O excesso de peso, por vezes, aparece como feiura, desleixo e até mesmo fracasso. O surgimento das medidas antropométricas traz para este mesmo corpo a reafirmação da irregularidade, do erro, que necessita de correção.

O imperativo ao emagrecimento que a personagem evidencia no filme faz parte de um contrato social. Estar fora dos padrões pode ser um problema, mas estar acima do peso em processo de emagrecimento ou na tentativa aumenta muito a aceitação social (vira, por vezes, solidariedade). Bridget Jones é o exemplo de

mulher que não se enquadra nos modelos construídos e socialmente “impostos” ao gênero feminino, principalmente, no que diz respeito ao consumo alimentar, às bebidas alcoólicas e ao cigarro. Diante das representações do feminino ao longo da história, a sociedade de maneira muito frequente exige atitudes comedidas – independentemente do contexto – para as mulheres.

Bridget Jones de alguma maneira é a relativização deste enquadramento, mostrando que as pessoas são plurais e reagem de formas diferentes de acordo com cada momento, ou seja, que é possível conviver com alguns excessos e restrições pontuais (sem qualquer apologia às atitudes que venham a oferecer algum dano ou risco).

A comédia é capaz de abordar temas que comumente são difíceis, trazendo leveza ao que está sendo dito. Neste caso, de amenizar a culpa que aparece por trás das regras e cobranças socialmente impostas. Faz-se necessário acompanhar os contextos histórico-culturais que ampliam o espaço feminino (do privado para o público) a fim de compreender melhor o consumo de substâncias (psicoativas ou não).

Finalmente, o presente texto faz uma tentativa de incluir as discussões sobre a comida, o fumo e o consumo de álcool no universo feminino, entendendo que tais pautas muito raramente habitam o universo da pesquisa no campo da AN. A tentativa é de afastar o reforço de um olhar moralmente instituído no campo para um olhar mais compreensivo dos consumos que fazem parte da vida de cada um.

4.1.6 Referências

CARNEIRO, H.S. Comida e Sociedade: Significados sociais na história da alimentação. *História: Questões & Debates*, n. 42, p. 71-80, 2005.

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BIRMAN, Joel. Feitiço e feiticeiro no pacto com o diabo. In: *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p.197-216.

COLLING, A. M. A construção histórica do corpo feminino. *Caderno Espaço Feminino*, v. 28, n. 2, p.180-200, 2015..

FERNANDES, M.H. *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FERREIRA, F.R. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, v. 12, n. 26, p. 471-83, 2008.

FOUCAULT, M. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)* São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCINI, A.C.M. Loucura e assujeitamento do corpo feminino, no conto “La mujer amaestrada”, de Juan José Arreola. *Revista Landa*, v. 5, n. 2, p.7-16, 2017..

FRANCO, S.G. Morrer pela boca. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam*, v. 16, n. 1, p.17-27, 2013.

FREITAS, C.M.S.M. *et al.* O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, v. 24, n. 3, p. 389-404, 2010.

GOLDENBERG, M. Cultura e Gastro-anomia: Psicopatologia da alimentação cotidiana. Entrevista com Claude Fischler. *Horizontes Antropológicos*, n. 36, p. 235-256, 2011.

LÉVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. Mitológicas, v. 1.

NOGUEIRA, L. *Manuais de cinema II: gêneros cinematográficos*. Lisboa: LabCom Books, 2010.

OLIVEIRA, R.G. *et al.* Corpo, consumos e comensalidade na cidade: reflexões sobre os afetos na publicidade. *Interin*, v. 24, n. 1, p. 139-156, 2019.

SANTOS, J.S.M. “O diário de Bridget Jones”: gênero e normatização do corpo feminino em um romance “chick-lit”. In: XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES. [...]. Paraíba: Realize Eventos e Editora, v.1, 2015. 2015.

SEIXAS, C.M; BIRMAN, J. O peso do patológico: biopolítica e vida nua. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 19, n. 1, p. 13-26, 2012.

SILVA, F.M. As várias faces do riso. *Travessias*, v. 4, n.1, p.211-228, 2010.

SCHUCH, R.M.G. *et al.* A criação de um glossário cognitivo a partir de um estudo sobre enquadramentos de cenas. *Travessias*, v. 8, n. 6, p. 1982-5935, 2014.

SUBSTANCE ABUSE AND MENTAL HEALTH SERVICES ADMINISTRATION. Key substance use and mental health indicators in the United States: Results from the 2017 National Survey on Drug Use and Health (HHS Publication No. SMA 18-5068, NSDUH Series H-53). Rockville, MD: Center for Behavioral Health Statistics and

Quality, Substance Abuse and Mental Health Services Administration. Disponível em: <<https://www.samhsa.gov/data/>>. Acesso em: 30 de mar. 2019.

THE HOLLYWOOD REPORTER. Renée Zellweger responde aos rumores sobre cirurgia plástica: "Eu preciso fazer alguma reivindicação sobre as verdades da minha vida". Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/news/renee-zellweger-responds-plastic-surgery-917704>. Acesso em: 12 de fev. 2019.

TEDESCHI, L.A. *A história das mulheres e as representações do feminino na história*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

UNIVERSAL, S. O Diário de Bridget Jones. EUA, 2001. 97 min.

VIGARELLO, G. *Historie de la beauté: le corps at l'art de embellir de la Renaissance à nos jour*. Paris: Editions de Seuil, 2004.

VILHENA, J. *et al.* Comendo, comendo e não se satisfazendo: apenas uma questão cirúrgica? Obesidade mórbida e o culto ao corpo na sociedade contemporânea. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, v. 7, n. 2, p. 379-406, 2008.

VISSER, M. *O ritual do jantar: as origens, evolução, excentricidades e significado das boas maneiras à mesa*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.

WOLLZ, L.E.B.; PRADO, S.D. Cinema e comensalidade: aspectos simbólicos da comida a partir da linguagem cinematográfica. In: *Cinema e comensalidade*. Curitiba: CRV, 2016. p. 37-51. Série Sabor Metrópole, v. 6.

YVAN F. De bouche à Oreille: psychanalyse des comportements alimentaires et addictions. *Savoirs et clinique. Revue de Psychanalyse*, n. 13, 2011, p. 7-10.

4.1.7 Ficha técnica

Título original	Bridget Jones's Diary
Título em português	O diário de Bridget Jones
Direção	Sharon Maguire
Roteirista	Richard Curtis, Andrew Davies, Helen Fielding
Ano produção	2001
Estreia	Agosto / 2001
Duração	97 minutos
Países de Origem	EUA, França, Irlanda, Inglaterra
Produção	Tim Bevan e Eric Fellner
Elenco principal	Renée Zellweger, Gemma Jones, Celia Imrie, James Faulkner, Jim Broadbent, Colin Firth, Charmian May, Hugh Grant, Paul Brooke, Felicity Montagu, Shirley Henderson, Sally Phillips.
Comentários / Sinopse	Bridget Jones, uma mulher de trinta anos, decide, entre as resoluções de Ano Novo, escrever um diário. Bridget

	<p>revela, a cada capítulo, as suas qualidades e os seus defeitos, além de expor com muito humor situações que fazem parte do dia-a-dia de várias mulheres nesta mesma faixa de idade: problemas com o trabalho, a busca do homem ideal etc. Cada capítulo do livro trata de um determinado dia na vida desta anti-heroína, que sempre inicia o seu relato contabilizando o peso e as calorias, cigarros e unidades alcoólicas que consumiu no dia anterior.</p> <p>Oscar 2002 (EUA). Indicado para o prêmio de Melhor Atriz (Renée Zellweger).</p> <p>BAFTA 2002 (Reino Unido). Indicado ao Prêmio Alexander Korda de melhor filme britânico. - Indicado nas categorias de melhor ator (principal) (Colin Firth), melhor atriz (principal) (Renée Zellweger) e melhor roteiro adaptado.</p> <p>Prêmio Leão Tcheco 2002 (República Tcheca). Indicado na categoria de melhor filme estrangeiro.</p> <p>European Film Awards 2001. Venceu na categoria de melhor ator (Colin Firth). Indicado nas categorias de melhor ator (Hugh Grant), melhor filme e melhor diretor.</p> <p>Globo de Ouro 2002 (EUA). Indicado nas categorias de melhor filme - musical / comédia e melhor atriz de cinema - musical / comédia (Renée Zellweger).</p> <p>Prêmio Goya (Espanha). Indicado na categoria de Melhor Filme Europeu.</p> <p>Grammy 2002 (EUA). Indicado na categoria de melhor álbum de trilha sonora de filme, televisão ou outra mídia visual.</p> <p>MTV Movie Awards 2002 (EUA). Indicado na categoria de melhor beijo (Renée Zellweger e Colin Firth).</p>
--	---

4.2 Manuscrito 2 – “Famílias, comensalidades e subjetividades: o imperativo da compulsão no filme Krishna.

4.2.1 Famílias em cena

Historicamente somos vistos como seres que tendemos a nos agrupar. A amizade, os mais variados graus de parentesco e a formação da família são exemplos de laços sociais. Para além dos vínculos de sangue e da perpetuação da espécie através da procriação, a família se constituiu ao longo dos tempos como uma instituição que abriga função social importante.

Os padrões morais, religiosos, as normas sociais desde o surgimento das famílias atravessam a constituição das mesmas. O Cristianismo, por exemplo, através das suas escrituras consideradas “sagradas”, com o Antigo e Novo Testamento trouxeram uma dimensão divina no que diz respeito à criação das famílias. Isso ocorre mesmo quando olhamos a Bíblia numa perspectiva da obra literária que mais influencia a cultura ocidental até os dias atuais (VITORINO *et al.* 2016).

Tais fatos reforçam ideias que consideram as religiões “como alavancas decisivas na história do mundo”, conduzindo-as ao mais puro misticismo (ENGELS, 1984, p. 9). Mas, ao levarmos em consideração que, em termos práticos, a produção dos meios de subsistência e a continuação da espécie caminham lado a lado, pode-se dizer que estes também são fatores decisivos na história. Para Engels, (ENGELS, 1984, p. 2), “a ordem social em que vivem os homens de determinada época ou país, está condicionada por duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e da família, de outro”.

E ainda se levarmos em consideração o papel da consanguinidade no regime social, tão difundida em povos selvagens, bárbaros, que prevalece nas Américas, Ásia, povos africanos e Austrália,

“as designações “pai”, “filho”, “irmão”, “irmã”, não são simples títulos honoríficos, mas, ao contrário, implicam em sérios deveres recíprocos, perfeitamente definidos, e cujo conjunto forma uma parte essencial do regime social desses povos.” (Engels, 1984, p.29).

Ou seja, por mais que tenhamos atualmente uma pluralidade maior em relação aos formatos familiares, existe um modelo familiar que impera e se perpetua ao longo das gerações. A tríade pai, mãe e filho (a) até hoje é compreendida como um modelo a ser seguido e o mais socialmente aceito, e tal fato pode contribuir nos processos de sofrimento dos membros de cada família e sua forma de inserção nela. Em achados iconográficos da constituição da família a partir do século XIV, realizados por Ariès (1986), conseguimos observar como homens, mulheres, crianças e velhos viviam socialmente, o que dá pistas de uma organização que se estruturava em torno dos membros das famílias. No século XVI, as principais fotografias que retratavam as famílias daquele momento eram realizadas nas mesas fartas, principalmente, com frutas, e, mais tarde, no século XVIII, sob influência dos holandeses, a família seria representada a partir de alguma ação característica de

momentos cotidianos, como, por exemplo, “homens reunidos em torno da lareira, uma mulher tirando um caldeirão do fogo, uma menina dando de comer ao irmãozinho” (p. 207). Esses elementos nos dão pistas de uma organização familiar, do papel social de cada membro.

Levando tais fatos em consideração, podemos dizer que o “estar” do homem e o “estar” das mulheres se diferenciavam na medida em que os homens passavam a maior parte do tempo na rua, e mulheres passavam muito mais tempo no interior das residências nas ocupações domésticas. Aos homens era permitido um maior contato com o mundo, e às mulheres era reservado o espaço privado e uma invisibilidade do contexto público. Nesse contexto, a mulher dominava o espaço culinário como espaço social, mas apenas na esfera privada (COSTA, 2004).

As vivências femininas ainda estavam muito arraigadas ao espaço doméstico (ainda que suas tarefas não se resumissem às tarefas domésticas), e, mesmo agregando gradualmente sua participação na vida pública, cabia a ela ordenar os horários das refeições, definir o cardápio, conservar os alimentos, reservar os ingredientes e escolher os utensílios adequados e suficientes para este processo, com isso, as mulheres ganham um lugar de destaque como promotoras dos momentos de partilha, entendendo que estes sempre estiveram a cargo delas através do legado de cuidar (MOREIRA, 2012).

Assim como as famílias, a comensalidade também assume uma função social e estruturante da sociedade. O espaço onde ocorre o preparo da comida e a culinária propriamente dita constitui o sentido social da comida, da estrutura sexual do trabalho e, ainda, das relações que se estruturam em torno do comer, evidenciando elementos que extrapolam as dimensões biológicas (LEVI-STRAUSS, 2004).

Destacamos ainda que, nem sempre as famílias são o porto seguro, lugar de apoio irrestrito e de convivência tranquila. A família pode ser também o lugar da tensão, conflito e impossibilidade de comunicação, o que foge da premissa estereotipada do modelo tradicional, que problematiza o lugar da comensalidade como lugar da harmonia. Se as reuniões em torno da mesa podem ser consideradas como um lugar de convergência e da boa convivência familiar, a comensalidade em família também pode ser o lugar no qual memórias, mágoas e traumas familiares afloram. Tendo as relações em torno da mesa, da comensalidade e dos rituais

familiares mediadas pela comida, pretendemos compreender essa dinâmica que dá à ritualística em torno da comida um lugar de destaque nas famílias, aflorando processos psíquicos aparentemente individuais, mas que traduzem não só harmonia, mas também adoecimento familiar e transformações sociais e estruturais de uma sociedade.

Por isso, destacamos olhares para além da compreensão dos fenômenos sociais que dão à comida e à comensalidade lugar de destaque nas famílias, pois operam também, no nível simbólico, processos psíquicos que atuam como constituintes individuais, acompanhando as transformações sociais, estruturais e estruturantes de uma sociedade. Para compreender esses constituintes individuais e subjetivos elegemos a psicanálise como referência teórica privilegiada por investigar minuciosamente os determinantes do funcionamento psíquico individual e também coletivo.

4.2.2 Aproximações entre a nutrição e a psicanálise

Freud, em suas primeiras teorias sobre a dinâmica de funcionamento do aparelho psíquico, propôs uma divisão em três sistemas: consciente, pré-consciente e inconsciente, dando especial destaque ao sistema inconsciente na determinação dos fenômenos psíquicos. O inconsciente corresponderia à parte mais arcaica do aparelho psíquico, acolhendo grande parte dos determinantes da personalidade e poderia emergir na esfera do consciente na forma de sonhos, atos falhos, chistes, esquecimentos ou lapsos e, principalmente, na forma de sintomas para os quais a medicina não oferecia explicações e tratamentos suficientes.

Os sonhos poderiam ser entendidos como uma das maneiras de realização de desejos reprimidos, mesmo que os conteúdos se apresentem de forma distorcida; os atos falhos seriam “equivocos” cometidos ao ler, escrever ou ouvir alguma palavra ou conteúdo, encaixando outro termo no lugar; o chiste seria uma maneira de apresentação de um conteúdo inconsciente que se mostra, utilizando o humor como atalho, sendo “o chiste da ordem do simbólico, e o humor, da ordem do real” (MORAIS, 2008). Já os sintomas, na teoria freudiana, ganham uma dimensão de retorno de conteúdos recalçados através da formação de compromisso, como forma

de fazer valer o desejo, permitindo que o indivíduo “apresente” seu sofrimento, ofertando, inclusive, certa proteção.

Num segundo momento de sua teorização, o autor apresenta uma organização não de acordo com o aspecto inconsciente dos fenômenos, mas a partir de instâncias psíquicas, um modelo cujos elementos interagem e se influenciam mutuamente, mas cada um com uma função específica (LIMA, 2010). Ao propor a coexistência do id, do ego e do superego, Freud inaugurou uma nova forma de entender o funcionamento psíquico, e o inconsciente deixa de ser algo arcaico e é trazido para a superfície dos fenômenos cotidianos que interrogam os sujeitos.

Mesmo com as mudanças no entendimento do aparelho psíquico, Freud nunca deixou de considerar como o funcionamento social influenciava nos acontecimentos psíquicos, impondo ao sujeito a construção de mecanismos de defesa que regulassem a insistência da pulsão e possibilitassem o convívio social. Assim, as satisfações substitutivas oriundas do recalque de desejos inaceitáveis contribuíram também para a formatação de uma sociedade que reiterava seus parâmetros morais e de conduta (FREUD, 1930).

No que diz respeito à alimentação, Freud reconheceu desde muito cedo a importância do alimento como primeiro objeto de desejo e de satisfação, acompanhando o sujeito ao longo de toda sua vida. Também não se furtou a identificar e entender a dinâmica em jogo em determinados sintomas relacionados à alimentação, como a recusa a comer de pacientes anoréxicos ou a compulsão por comer de outros. Ademais, encontram-se numerosos relatos em sua obra de sonhos cuja temática principal gira em torno da alimentação, da comida e do comer. Seja na análise caprichosa feita acerca do banquete totêmico (Freud, 1912/1913), seja na preponderância que atribui em sua obra à pulsão oral, Freud não recuou diante dos desafios postos pela oralidade.

Dito isto, percebe-se que a comensalidade, a partir de sua função social se entrelaça com a carga imaginária, real e simbólica ancorada nos processos psíquicos individuais e/ou coletivos. Poderíamos dizer então que as pessoas se organizam a partir do que já experimentaram como vivência ao longo da vida, na maioria das vezes, de maneira inconsciente.

No percurso como nutricionista, me recorro de duas pacientes que recebi na época em que trabalhava em um serviço multidisciplinar, de caráter ambulatorial,

cuja equipe destinada exclusivamente ao acompanhamento de obesos graves era formada por enfermeiro, nutricionista, psicólogo, educador físico e endocrinologista. A primeira paciente era uma senhora com cerca de cinquenta anos de idade e a segunda acabara de fazer trinta anos, com diagnóstico de compulsão alimentar, diabetes e hipertensão arterial. A primeira dizia que o pão “*era o amor da sua vida!*” e que possuía muitas dificuldades em controlar a ingestão desse alimento, pois “quando era criança, meu pai não tinha dinheiro para comprar muitos pães e precisava dividir com todos os meus irmãos. Meu sonho era comer um pão inteiro. Hoje, como posso comprar quantos pães eu quiser, não me privo disso”. A segunda, dizia que gostava muito de fazer sexo grupal e um dos vídeos que fez havia sido divulgado nas redes sociais do bairro onde morava. Isso a prejudicou, correndo o risco de perder a guarda do neto. Sua fala testemunha efeitos no corpo, na busca por esse tipo de satisfação: “Depois disso, não sei o que aconteceu. Quando vi estava com duzentos quilos”.

Os relatos anteriores nos dão pistas de que as informações registradas no nosso aparelho psíquico poderiam colocar os indivíduos em diversas situações, entre as quais, aparentemente, não faríamos uma relação consciente imediata. Da mesma maneira, podemos verificar que a comida se vincula ao mesmo tempo ao prazer e ao desprazer, caracterizando a profunda ambivalência com que experienciamos o ato de comer. Perceber isso só é possível através de uma escuta atenta, entendendo que intervenções mecanicistas e que se reduzem a métodos prescritivos não conseguirão dar conta da complexidade do fenômeno alimentar, pois algo além do consciente opera nesses casos.

Vale destacar ainda que essa perspectiva que tem como foco os efeitos do inconsciente no comer e no corpo vai de encontro aos direcionamentos propostos pela *American Dietetic Association* (ADA) para os casos de compulsão alimentar. Essas recomendações que se tornaram hegemônicas na área da saúde colocam ênfase na responsabilização dos indivíduos e o foco do tratamento nas mudanças “racionais” do comportamento (ADA, 2011). Além disso, Seixas (2019) avalia que o conceito de compulsão possui papel fundamental na constituição do campo da psicanálise numa perspectiva oposta ao saber hegemônico do campo médico, tornando indiscutíveis as questões em torno das formações sintomáticas em relação ao corpo e suas especificidades. Trazer esse debate para o campo da Alimentação

e Nutrição torna-se, portanto, imprescindível, pois permite ampliar um leque do que se denominam “resultados exitosos” pelo olhar das disciplinas médicas na condução de casos de compulsão.

Resoluções objetivas e pragmáticas para algumas problemáticas promovem o declínio de práticas que tomam algumas imprecisões como possibilidades e não apontam a dimensão da complexidade da relação com o corpo, a comida, o inconsciente, o (des)prazer e o afeto, que está para além das situações mais extremas. Essa dimensão pode ser encontrada nos nossos pequenos gestos e prazeres cotidianos que passam despercebidos. Portanto, avançaremos nos pontos de interseção entre psicanálise e nutrição, sem perder de vista os aspectos sociais implicados em ambas.

Para compreender de que maneira os processos psíquicos influenciam e são influenciados no desenvolvimento das chamadas compulsões, tomaremos o filme *Krishna* cuja análise da dinâmica em jogo na compulsão por bebidas alcoólicas nos aponta a delicadeza com que sentimentos, memórias e perdas influenciam as compulsões. Para tal, conduziremos essas análises sob as luzes das contribuições da psicanálise freudiana, tomando como referência as teorias que envolvem o conceito de pulsão e compulsão à repetição.

A pulsão é entendida por Freud como a fronteira entre o psíquico e o somático, caracterizada por ser a quantidade de energia que possui a satisfação como meta, em que o recalque e a sublimação agiriam de maneira defensiva, por serem possíveis destinos dessa energia, evitando a realização direta do desejo, promovendo uma regulação. É ela quem nos dá notícias de que existe um corpo. Nesse sentido, a compulsão à repetição seria uma das expressões que Freud denominou de pulsão de morte (Freud, 1920): à medida que a relação transferencial se inicia, o conteúdo recalcado se afrouxa, e a repetição aparece.

Para tal, pretendemos analisar três pontos centrais do filme em que a comida, a cozinha e o álcool se apresentam de maneira peculiar nessa família, a saber: 1) a arquitetura das relações; 2) *Krishna* e sua relação com a maternidade e 3) o comportamento sintomático como forma de existir. Nessa perspectiva será analisado como determinadas situações podem funcionar como gatilho para acionar o imperativo *Beba!*, não permitindo qualquer possibilidade de negociação.

A escolha do filme *Krishna* para compor nosso corpus de análise perpassa justamente pelo fato de a obra apresentar um desenho das relações familiares a partir de cenas de comensalidade do filme (A24, 2016), cuja protagonista se vê diante do ritual familiar em torno da mesa e percebe o jogo de adaptação ou não, inclusão e exclusão, harmonia e conflito que está presente em muitas cenas aparentemente banais. Por ser uma pessoa que faz uso considerado prejudicial de álcool, com um histórico de conflitos familiares decorrentes desse uso, a simples possibilidade de preparar e servir um jantar pode se transformar em um drama familiar. Se o ritual não é seguido à risca e o sujeito não corresponde às expectativas de seu papel naquela família, o jogo de cena familiar entra em colapso. A obra nos presenteia com cenas, em que a questão da oralidade, da comensalidade, do álcool e da família se dão de maneira multifacetada, ora servindo à pulsão de vida tentando se enlaçar por meio da comida em relações já desgastadas, ora pela vertente da pulsão de morte que se expressa no caráter compulsivo do sintoma.

4.2.3 A vida imita a arte ou a arte imita a vida?

Krishna é um drama estadunidense de 2016 e narra a história de uma mulher que retorna para rever seus familiares em um evento após longo período distante. Apesar do filme não deixar claro de onde, especificamente, *Krishna* está retornando e nem por quanto tempo ficou afastada, percebe-se que esse distanciamento tem relação com o uso problemático de medicamentos e bebidas alcoólicas. Da mesma maneira não é dito de que comemoração se trata, mas pela movimentação e pelo empenho dos personagens em realizar um encontro familiar depreende-se que se trata do Dia de Ação de Graças, evento central na cultura americana que é comemorado com a reunião da família em torno da mesa.

A cena de abertura do filme é uma tela preta que nos incomoda por quase 30 segundos (00":33"). Em seguida a imagem de *Krishna* surge lentamente na tela. O fundo preto permanece. A câmera se posiciona em close em direção ao seu rosto e nele permanecemos até 01':12". Aos poucos o que parecia um ruído dá lugar a uma música modal, um tom dramático que vai subindo aos poucos e revelando um rosto envelhecido de mulher, com muitas marcas de expressão. Na medida em que a

música sobe de intensidade é possível ver as lágrimas brotando nos olhos de Krisha.

Essa técnica de filmagem causa impacto à medida que a câmera se aproxima do rosto da atriz e não se pode ver mais nada, além do rosto dela e do fundo preto. O *close* faz com que o espectador reconfigure as relações de tempo e espaço, para se conectar com as emoções do rosto que aparece na tela. Para Dutra, (2016) o *close* interrompe uma narrativa, sem que o espectador se desligue por completo dela. Dessa maneira, quem assiste se conecta a algo que só é possível se ver marcado no rosto de alguém: os sentimento e emoções, dando ênfase ao que está sendo retratado. A cena de abertura já informa ao espectador que a atmosfera do filme é de um expressionismo sombrio.

Na sequência, a primeira cena da narrativa (até o quadro com o título do filme em 00:07':50") é dividida em dois momentos, que são reveladores³⁸. Normalmente os diretores constroem a primeira cena muito cuidadosamente, e muitos detalhes importantes da trama são revelados neste primeiro momento. O perfil psicológico da personagem começa a ser desenhado a partir de pequenos detalhes, tais como: a chegada em um carro utilitário em mau estado de conservação em contraste com os carros novos e bem-cuidados que estão estacionados na casa; um pedaço da roupa pendurado para fora do carro enquanto ele ainda está em movimento; os cabelos soltos e aparentemente sem muitos cuidados ou sinais de vaidade; uma roupa excessivamente larga e solta que também dá um certo ar de relaxamento à personagem; um andar de uma pessoa meio desorientada, que esquece a mala no carro, erra a casa, pisa em uma poça, xinga várias vezes, com um dedo machucado, criando para a personagem um perfil de uma pessoa desastrada, ansiosa e meio perdida.

Nos cinco minutos iniciais do filme é possível perceber que estamos diante de uma mulher envelhecida, confusa e, aparentemente, em estado de sofrimento psíquico. No segundo momento, a personagem entra na casa, cumprimenta as pessoas, mostra ausência de intimidade com todos que estão ali e sequer reconhece alguns adolescentes, dando a entender que não os vê a muito tempo. A chegada brusca de um personagem marca claramente a passagem da formalidade

³⁸ Cena iniciada em 00:01':15" e que segue até a personagem entrar na casa, aos 00:05':00".

de uma visita inesperada para a recepção de uma pessoa indesejada. Os primeiros momentos do filme trazem à tona um conflito familiar.

Os detalhes destacados acima nos levam a compreender a importância de direcionar o olhar para as minúcias; os pormenores, já que são eles que servirão de matéria-prima para as análises, tomando como premissa um método utilizado pelos historiadores de arte, (ou “método morelliano”). Tal método afirma que “nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter, mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós”, assim como a psicanálise, que, segundo Freud, tem “por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou despercebidos dos detritos ou refugos da nossa observação” (GINZBURG, 1989, p. 146).

Ao chegar ao endereço de destino³⁹, a personagem não tem certeza de que chegou à casa certa. Leva alguns segundos parada na frente da porta, respira fundo, ajeita a roupa e os cabelos, numa tentativa de se mostrar mais adequada, e só depois parece criar coragem de tocar a campainha. O que dá a certeza de que ela encontrou a casa de sua família são os latidos de cachorros (“Cachorros, ok! Casa certa”). Um homem atende e ela não o reconhece, (“Quem é esse cara?”) descobrindo depois que ele é Alex, marido de sua sobrinha Briana.

Ao entrar⁴⁰, a câmera faz uma imagem panorâmica da casa. No fundo da imagem, quatro pessoas conversam na sala. Pela janela dessa sala observamos um homem de costas no lado de fora da residência. As pessoas mantêm suas atividades mesmo com a chegada de Krisha sem que venham cumprimentá-la. O cunhado de Krisha aparece atrás das grades da escada e, mesmo vendo que a cunhada chegou, não se aproxima. A primeira a falar com Krisha é Robyn, sua irmã, que se apresenta com uma expressão emocionada e ao mesmo tempo preocupada com a demora para chegar. Robyn tenta abraçar Krisha calorosamente, mas esta recusa o abraço forte dizendo estar suada. Robyn insiste (“Mas eu quero te abraçar”) e mesmo assim Krisha se afasta. Ela segue para chegar até a sala da casa. Só então o cunhado se aproxima para abraçá-la e ela já informa estar suada, recusando o abraço mais caloroso, que se resume a um “tapinha nas costas”, como quem não quer muita aproximação.

³⁹ Cena iniciada em 00:04':25” que segue até 00:05':00”, quando Krisha entra na casa.

⁴⁰ Cena iniciada aos 00:05':00” que segue até os 00:06':00”, com o aparecimento do bebê no filme.

Durante quase todo tempo que cumprimenta os que estão na casa, Krisha não se separa da sua bagagem – uma mala de rodinhas – apesar das diversas ofertas das pessoas para auxiliá-la a carregar. Krisha não abraça as pessoas; ela é sempre abraçada, e se manter agarrada à mala ajuda a não ter mãos disponíveis para tal. A mala só é liberada quando a personagem se reencontra com os mais jovens da casa... neste momento, ela abraça, beija e acaricia os demais, com palavras e gestos mais afetuosos, principalmente quando avista Rose, um bebê com cerca de aproximadamente quatro meses, filha de Briana e Alex.

Quando um certo clima de descontração predomina no ambiente, ouve-se um barulho do giro da maçaneta, anunciando a chegada de alguém⁴¹. Ao contrário do que aconteceu com a chegada de Krisha, todos se viram para verificar quem chegou, e as atenções/tensões se voltam para Trey, filho de Krisha. Trey entra em casa, anuncia que primeiro irá guardar suas bolsas e só depois volta para cumprimentar a mãe. Os dois se abraçam, e desta vez quem encerra o abraço é Trey. Agora, quem usa o recurso da mala como argumento para manter o afastamento é Trey. Ele se oferece para guardar a mala e, mesmo com a negativa dela, ele leva a mala para o segundo andar da casa, deixando Krisha ali, parada. Os demais observam atentamente este reencontro e o incômodo fica evidente. Este reencontro claramente desestabiliza a personagem de maneira completamente diferente do reencontro com os demais, e permanecer ali fica insuportável, ela se retira em direção à porta, dizendo que precisa buscar o restante de suas coisas no carro. Após essa contextualização, os desencontros, reencontros, distanciamentos e reaproximações dela com sua família nos chama a atenção.

Krisha esbarra num circuito familiar que se mantém acontecendo, apesar de sua ausência, e precisa, desde o primeiro momento se reaver com mudanças marcadas pela passagem do tempo. Não por acaso, a cena se encerra com uma pausa e o nome da obra surge numa tela de fundo vermelho⁴². Esse recurso marca um tempo para o espectador fazer uma pausa para respirar e digerir, preparando-se para o que está por vir.

Nesse reencontro já marcado pelo desencontro, Krisha tem a missão de preparar o prato principal para o jantar: um enorme peru, denominado por ela “quase

⁴¹ Cena iniciada em 00:07':02" que segue até os 00:07':49".

⁴² Cena 00:07':50"

mutante”⁴³. Em aproximadamente 83 minutos, o filme narra as relações familiares fragilizadas e esgarçadas por uma constante tentativa da protagonista em provar que superou as dificuldades com o uso de álcool. Sendo assim, Krisha possui a tarefa/missão de cozinhar para a família e realizar as refeições sem que haja algum tipo de conflito naquele dia.

Essa função de partilhar a comida com os demais, assim como partilhar uma atmosfera harmoniosa (ou não), já poderia ser identificada em momentos históricos marcantes na cultura ocidental, como, por exemplo, em “O Banquete”, de Platão, uma das obras fundamentais na formação do pensamento filosófico ocidental, em que discorre sobre o amor (Eros) (Platão, 385-380 a.C.) durante o momento de uma refeição. Outro exemplo são os fatos representados por Leonardo Da Vinci através, da expressão artística denominada “A Última Ceia” (Da Vinci, 1495/1498), em que o artista mostra detalhadamente as expressões corporais e faciais dos discípulos de Cristo, quando este revela estar sendo traído.

Tempos mais tarde, a obra freudiana nos traz uma dimensão que inaugura modelos primitivos de uma organização social, descrita por Freud através do banquete totêmico. Numa aproximação mais antropológica da obra freudiana, o autor narra a história dos integrantes de uma horda patriarcal, em que os irmãos se rebelam contra um pai tirano e ciumento, cometendo o parricídio, devorando-o num banquete. No ato de devorar o pai, realizaram uma identificação com ele, pois, ao comê-lo, adquiriam também parte da sua força (FREUD, 1912/1913). Justamente pela ambivalência entre amor e ódio pela figura paterna, compreende-se que “o parricídio é indispensável à criação da cultura” (MONZANI, 2011, p. 246), pois ele nos introduz no mundo da culpabilização e renúncia, passando de um estado de forças a um mundo de relacionamentos, alianças e solidariedade (MONZANI, 2011). O pai morto tornou-se mais forte do que quando era vivo, portanto,

a refeição totêmica, que é, talvez, o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião (FREUD, 1912/1913, p. 91).

⁴³ Cena 00:13':33”

Tais fatos nos convocam a refletir que o momento de compartilhamento de um alimento também é de partilha de pensamentos, valores e afetos, tornando-se um espaço privilegiado às experiências humanas.

O filme, categorizado como drama, gênero que muitas vezes objetiva retratar problemáticas complexas vivenciadas por um ser humano comum e suas consequências emocionais, tenta explorar questões em torno de normas e valores de uma sociedade a partir de errâncias e tensões dos personagens (NOGUEIRA, 2010). O percurso leva o espectador a experimentar todas as emoções e conflitos da personagem principal que culminam numa cena considerada por nós o “ponto-chave” do filme. O ângulo da câmera, posicionada bem próxima ao rosto dos personagens, também é um recurso utilizado que nos permite a aproximação às emoções vivenciadas por esses personagens.

A figura principal possui uma falange do dedo indicador da mão direita amputada, e, ao longo do filme, Krisha faz e desfaz um curativo no membro. Podemos observar que, metaforicamente, o vazio deixado pela falta do dedo é, por excelência, objeto da pulsão, já que a falta é o que há de mais variável no funcionamento pulsional, assim como, para entrar nas relações simbólicas, é necessário, no mercado das trocas simbólicas, “perder uma parte de si mesmo”, constituindo-se assim como sujeito desejante (LACAN, 1964; 1962/1963).

O sintoma familiar se põe em cena, tendo início aos 40':02”, por uma fala dita pelo cunhado Doyle. Na cena, Doyle diz que a cunhada é danificada, “como um pássaro que deu de cara com muitos para-brisas”. Enquanto a fala de Doyle reverbera em Krisha, do segundo andar da casa ela observa o filho deitado no chão da sala acariciando seu cachorro. Uma música de fundo se confunde entre um temporizador de cozinha que mais parece uma bomba relógio prestes a explodir. Na sequência, o peru ainda não está pronto; Krisha tampouco! Ainda faltam os últimos ajustes da maquiagem e o vestido vermelho. Ainda falta mais que isso. Faltam a Krisha os recursos simbólicos para que ela consiga lidar melhor com esse retorno. Enquanto se maquia, um quadro de uma criança aparece no fundo, é a presença do filho ainda criança fazendo companhia a ela.

Na sequência, chega à casa, Gigi⁴⁴ (mãe de Krisha), uma idosa cadeirante, visivelmente com lapsos de memória. Para chegar até sua mãe, Krisha atravessa um corredor no segundo andar repleto de quadros pendurados na parede com fotos antigas de seus familiares, onde o “estar perto” é quase uma imposição. A roupa vermelha de Krisha e os cabelos brancos são os mesmos de sua mãe. A fala confusa de Gigi nos provoca a mesma confusão: ao falar de sua mãe, fala da Krisha como mãe, ou dela mesma como mãe de Krisha. Evidenciam-se aí os conflitos em torno da maternidade, ao se culpar por ter feito algo de errado na criação da filha, culpa essa compartilhada por Krisha, que assume ao responder: “quem sempre faz as coisas erradas sou eu!”. A partir daí torna-se insuportável permanecer ali por perto. Krisha abre a geladeira como se procurasse algo.

Ao retornar para o interior da casa⁴⁵, ela confere o forno, avista sua mãe ofertando gracejos para a bebê e, em seguida, observa seu filho chamando os tios para conversar. O peru ainda não está pronto, Krisha tampouco! Novamente, o recurso do close é utilizado, dirigindo toda a atenção do espectador para as emoções da personagem.

Trey Edward Shults, diretor e roteirista do filme, possui em sua filmografia três obras: *Krisha, It comes at night* (Ao cair da noite, lançado em 2017) e *Waves* (lançado em 2020), que abordam roteiros envolvendo tramas familiares e processos psicológicos que perpassam essas famílias. Segundo o site oficial do filme, ele foi filmado em apenas nove dias servindo como locação a casa dos pais de Trey, que também interpreta o filho de Krisha no filme. O elenco em sua maioria foi composto por seus amigos e familiares. A atriz que vive a personagem principal, Krisha Fairchild, é tia do diretor e roteirista, e a personagem Robyn é sua mãe. Além disso, a atriz Billie Fairchild, que interpreta a mãe de Krisha tem doença de Alzheimer na vida real, e em muitos momentos não teria real consciência de que estava atuando (A24, 2017). O motivador para a elaboração do roteiro ainda teria sido a presença de um tio alcoolista que participou de um conturbado evento familiar, dando origem, primeiramente a um curta-metragem lançado em 2014, seguido do longa de mesmo nome no ano seguinte (A24, 2017).

⁴⁴ Cena iniciada em 00:41:39”

⁴⁵ Cena iniciada aos 00:48:20” que segue até os 00:49:52” com o close no rosto de Krisha.

Da mesma maneira que a história familiar de Trey tornou-se motivador para a composição do roteiro, esse filme, por diversas vezes ativa lembranças da minha atuação profissional. Por vezes (que não são poucas), encontro pessoas com histórias de laços familiares esgarçados e esgotados devido ao uso prejudicial de álcool. Pensar, juntamente com os familiares, estratégias que reduzam os conflitos ajuda a dar lugar para o sofrimento, como, por exemplo, lançar mão do leito de acolhimento à crise⁴⁶ como recurso de redução dos danos causados pelo consumo intenso de bebidas.

Assim como a comida, o leito de atenção à crise, possui função de hospitalidade, medida que proporciona

“o afastamento de situações conflituosas, visando o manejo de situações de crise motivadas por sofrimento decorrente de transtornos mentais, incluindo-se o uso de álcool e outras drogas e que envolvem conflitos relacionais caracterizados por rupturas familiares, comunitárias, limites de comunicação e/ou impossibilidades de convivência, objetivando a retomada, o resgate e o redimensionamento das relações interpessoais, o convívio familiar e/ou comunitário.” (BRASIL, 2012).

Com isso, o filme vai ao encontro do que Metz (1972) defende como a realidade ser a matéria-prima do cinema, em que os significantes que surgem na tela se ligam aos nossos, não sendo possível separá-los. Ele nos oferta não apenas o reflexo do mundo, mas também do espírito humano, na medida em que entrelaça técnicas e sonhos. Esses dois caminham pareados, que, para além de refletir a realidade, se comunicam com o campo do imaginário, “lançando-se cada vez mais alto, em direção a um céu de sonho, ao infinito das estrelas [...] banhada em música, povoada por presenças adoráveis e demoníacas, fugindo da terra e do que deveria ter sido” (MORIN, 1972, p.14 tradução nossa).

Dunker e Rodrigues (2015) acreditam ainda que o cinema pode ser pensado como campo de linguagem para propor narrativas, do ponto de vista criativo e discursivo, sobre modalidades de sofrimento e subjetividades. Nesse sentido, os autores entendem que, do ponto de vista prático, fazer cinema e fazer psicanálise teria algo em comum.

⁴⁶ Os leitos de atenção à crise ou leitos de acolhimento (diurno e noturno) são recursos disponibilizados pelos CAPS com funcionamento de 24 horas como parte do Projeto Terapêutico Singular do usuário que já realiza acompanhamento na unidade. O Ministério da Saúde, por meio da portaria n.º 854/2012 orienta que o uso deste recurso não ultrapasse quatorze dias (BRASIL, 2012).

Ainda que não saibamos se a arte imita a vida ou se a vida imita a arte, o que esse filme sensível e intenso nos mostra com todas as suas cores e sons é que a vida e a arte caminham lado a lado retroalimentando-se. Deixemos em aberto a pergunta.

4.2.4 A cozinha, a comida e o comer na arquitetura das relações

Vamos acompanhar os principais elementos que conduzem a obra até o ponto-chave do filme, analisando esses elementos e os principais desdobramentos que seguem após essa cena. Levando em consideração que grande parte das cenas são filmadas na cozinha da casa de Robyn (irmã de Krishna), entendemos que o espaço físico da cozinha e as cenas envolvendo as relações em torno da comida marcam a importância das questões relativas à oralidade nas compulsões. São, portanto, objetos privilegiados na análise do filme. A cozinha também é o local da intimidade; do cotidiano familiar, e o acesso não é livre para os que são convidados da casa. Inclusive, “entrar pela porta da cozinha” pode ser ambíguo, podendo significar alto grau de intimidade ou até mesmo desconsideração aos que entram pela porta deste cômodo. Nem sempre uma visita é convidada para ir à cozinha, e há os que recebem os prestadores de serviço pela porta da cozinha.

Para além de equipamentos e utensílios destinados ao preparo do alimento, é de suma importância chamar a atenção para os elementos subjetivos da cozinha. É justamente por incorporar uma certa possibilidade de informalidade que a cozinha pode também estreitar ou até mesmo afastar os laços entre aqueles que compartilham a mesma mesa, seja ela física ou não (ALMEIDA *et al.* 2020). Da mesma forma que aproxima, pode colocar à prova uma convivência insuportável. Sendo assim, “o afeto dá o tempero, aumenta ou diminui a fome, altera o sabor dos pratos. O corpo biológico sucumbe o corpo afetivo e as paixões da alma alteram o apetite do corpo.” (FERREIRA *et al.*, 2016).

O modelo de cozinha proposto no filme, conceitualmente conhecida como “cozinha aberta” ou mais comumente “cozinha americana”, tem relação com o processo histórico de evolução deste cômodo dos lares. Essa arquitetura aberta não está descolada das relações que os indivíduos estabelecem com os outros espaços da casa e da interação vivida pelos habitantes daquele espaço. Além disso, sofre

também forte influência política, econômica e cultural no que diz respeito às propostas de projetos arquitetônicos desse espaço (FLAMÍNIO, 2006; OLIVEIRA; MONT'ALVÃO, 2010)

Essa cozinha integrada com a sala é cenário principal do filme e palco tanto do Dia de Ação de Graças, quanto das desgraças que a família vivencia e tenta a todo momento reprimir. Desde sua origem, o evento de Ação de Graças é uma data de considerável importância cultural para a população americana e inglesa, comemorada na quarta quinta-feira do mês de novembro, objetivando celebrar as boas coisas da vida. Possui uma relação íntima com eventos que entrelaçam as questões alimentares a partir de festivais de colheitas. Durante os anos de 1620-1621, a antiga colônia de *Plymouth*, localizada no nordeste dos Estados Unidos, atualmente conhecida como *Massachusetts*, vivenciou um intenso inverno, provocando, conseqüentemente, um período de escassez de comida. Já o outono, foi presenteado por uma farta colheita, e com o auxílio dos índios *wampanoags*, os colonos ingleses aprenderam a caçar, pescar e cozinhar abóboras, milho e amoras. A partir de então, os colonos europeus, como forma de gratidão, passaram a convidar seus confrades para celebrar “com perus selvagens, patos, gansos, peixes, frutos do mar, milho, vegetais verdes e frutas secas” (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA, 2011).

O filme não diz em nenhum momento que o feriado é o de Ação de Graças. Essa informação é encontrada apenas no site da empresa que produziu o filme, mas os códigos e as regras que se apresentam ao longo da obra, deixa implícita a referência ao feriado. O peru assado como prato principal do jantar, a reunião familiar em torno da mesa torna evidente a referência, sem que seja necessário dizer.

No filme, o ato de cozinhar assume um papel importante para aquela família, ficando claro que, caso Krisha cumpra tal função com êxito, a personagem parece ser capaz de se reinserir novamente no convívio familiar. Diante de diversos desafios que vão desde refazer os laços familiares até terminar o dia sem qualquer inconveniente, o que é especialmente focado são os conflitos em torno da maternidade: é Krisha como filha que ao se reencontrar com sua mãe desenterra ressentimentos passados, mas também assistimos o sofrimento de Krisha mãe que

tenta resgatar uma relação com seu filho Trey que foi destruída pelo uso do álcool desde tenra idade do filho.

Isso nos faz lembrar que na relação mãe-bebê o leite é o primeiro alimento a que o bebê tem acesso e que faz passar o mal-estar causado pela sensação de fome. Mas o leite não alivia só a fome. Ele também traz a presença da mãe, sua voz, seu calor e tudo mais que faz dessa experiência uma experiência de satisfação e prazer. Essa experiência marca a íntima relação entre o alimento e o desamparo a que o ser humano é lançado no momento do nascimento. Desamparo e mal-estar, a partir daí caminham lado a lado.

Na perspectiva da psicanálise, o leite vem a ser o primeiro alimento ofertado para o bebê através de uma relação erótica e desejante entre a mãe e a criança – e é necessário que seja assim. O leite paira sob o imaginário das pessoas. Ele é a personificação do cuidado. O leite protege, acolhe e alimenta. O lactente possui uma relação objetal com o seio materno, em que há uma satisfação e um prazer ao sugar o leite, que ele (bebê) julga ser dele. Ele estabelece uma relação simbólica de uma presença e disponibilidade absoluta da mãe para com o bebê (DOLTO, 2012).

Esse primeiro encontro com o alimento marcará a vida de cada sujeito. Para Freud, (1836-1939), essa satisfação que o lactente sente após se saciar por completo no colo da mãe terá uma relação com sua vida sexual posterior, estabelecendo significações em torno da região oral e com os alimentos ingeridos. Sobre a oralidade, em sua relação com a pulsão de autoconservação, Freud ainda afirma que:

“a atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela. [...] A necessidade de repetir a satisfação sexual separada da necessidade de nutrição, uma necessidade que é inevitável, quando os dentes aparecem e a alimentação não é mais exclusivamente sugada, e sim mastigada. A criança não se utiliza de um objeto exterior para sugar, mas sim de uma área da própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque assim independe do mundo externo que ainda não consegue dominar, e porque dessa maneira cria praticamente uma segunda zona erógena, embora de valor menor. A inferioridade dessa segunda área será um dos motivos que a farão, depois, buscar a parte semelhante - os lábios - de outra pessoa ("Pena que não posso beijar a mim mesma", podemos imaginá-la dizendo.)” (FREUD, 1836-1939, p. 86-87).

Ou seja, o que o sujeito busca é a memória que ele constituiu e que marca alguma satisfação, e é a parcialidade da satisfação que convida ao retorno, vide as

zonas erógenas parciais. A satisfação plena está na fantasia, e nenhum alimento trará satisfação à pulsão oral, pois não é apenas a boca que alivia a dor da fome.

O choro do bebê anuncia a entrada de Krisha de volta para casa após o reencontro dela com sua mãe⁴⁷. O choro é a representação (através da boca) do incômodo do sujeito que ainda não está inserido na linguagem. Só aos poucos ele vai criando elementos, principalmente em sua relação com a mãe, para simbolizar seus desconfortos e satisfações.

Tomando como base achados históricos (inclusive aos que antecedem os estudos psicanalíticos) da dimensão histórico-cultural em torno desse primeiro alimento (leite materno) oferecido ao recém-nascido, Bosi e Machado (2005) nos dão pistas de que podemos perceber idas e vindas sobre a temática. Pistas que vão desde vestígios encontrados em sítios arqueológicos, que revelam o encontro de substitutos para o leite materno; passando, entre os séculos XVI e XVIII, por uma recusa de mulheres burguesas em amamentar seus filhos, por acreditarem que isso traria prejuízos aos seus corpos.

As amas de leite ficavam responsáveis por amamentar os filhos das patroas, o que resultou, nesse período, em um aumento da mortalidade infantil. A partir de então, as amas deixaram de dar seus peitos, substituindo-os por leite de vaca oferecido em pedaços de chifres furados. Tal prática foi iniciada a fim de evitar que os afetos fossem transmitidos às crianças, pois acreditavam que “sugando o leite, sugava-se também o caráter e as paixões de quem o amamentava” (BOSI; MACHADO, 2005. p.4).

Ainda no século XVIII, vinculada ao discurso de mortalidade infantil, surge o que Costa, (2004) denominou de “mulher higiênica”. Essa mulher, que vinha num movimento de emancipação do poder patriarcal, retorna ao núcleo familiar pelo poder médico.

como efeito disso, a nosso ver, a mãe deveria compulsoriamente amamentar porque essa tarefa, além de proteger a vida, regulava a vida da mulher. A mulher que não amamentasse isentava-se automaticamente de uma ocupação indispensável de seu lugar no universo disciplinar (COSTA, 2004, p. 258).

Vinculam-se, então, a esse discurso o amor materno ao aleitamento materno. Conclusivamente a este fato, Bosi e Machado (2005) nos convocam a refletir que,

⁴⁷Cena iniciada aos 00:48:14”.

apesar dos diversos achados em torno da tríade: mãe – bebê – aleitamento, ainda assim, as pesquisas e os discursos dos profissionais de saúde ao abordar a temática fundamentam-se numa perspectiva biologicista, com ênfase nos nutrientes, atrelada a um discurso de culpabilização.

Além disso, se faz necessário compreender as práticas alimentares, representadas aqui pelo fenômeno do aleitamento materno, que “transcendem a dimensão natural e que, muitas vezes, estão presos aos determinantes sociais e às representações da cultura” (BOSI; MACHADO, 2005.p.2).

Dessa maneira, podemos dizer que a maternidade e sua relação com a comida passaram por um processo de construção social, a partir de um discurso disciplinar que enquadra as relações (intra) familiares em normas disciplinares. Esse discurso parece estar entranhado em Krisha que deseja retornar e ser validada como uma “boa mãe” por essa família e retomar a relação com o filho. Quando ela lhe fala “Eu quero que sejamos próximos... Trey, quero que tenhamos uma relação real” (32’04”), “Eu vou mudar a minha vida para poder ficar mais próxima de você” (32’20”), “Mas eu só quero me aproximar para compensar o tempo perdido” (32’29”), uma maternidade amorosa pode ser olhada a partir da conjugação e do equilíbrio entre três elementos: sexo, estabilidade conjugal e responsabilidade com os filhos (COSTA, 2004). Entretanto, as errâncias da personagem não encontram lugar nessa classificação e nessa família, formando uma barreira subjetiva entre ela e os demais.

Esses reencontros, recheados de tensão e angústia, podem ser considerados o estopim para a compulsão, pois promovem um desajuste entre as forças pulsionais, “empurrando” o sujeito para o lugar do sofrimento, muitas vezes de maneira inconsciente. Nas situações de compulsão, o sujeito faz a escolha por um objeto de desejo e investimento que ao mesmo tempo traz a angústia. Para Krisha, as situações a confrontam com seu fracasso na função materna e no papel de filha e trazem para a cena seu impasse em lidar com esse limite imposto no presente pelo que foi vivido no passado.

No nosso caso, o ato de beber parece preencher uma lacuna insaciável, e o que prevalece é o caráter imperativo e repetitivo da compulsão, fazendo uma ligação direta de Krisha com o álcool, ultrapassando os limites racionais A tesoura funciona

como abridor de garrafa e os quadros na parede novamente testemunham Krisha bebendo o vinho, num misto de angústia e satisfação⁴⁸ (Figura 6).

Figura 6 – Krisha lançando o vinho boca adentro enquanto os quadros a observam



Fonte: Krisha, 2015

Ainda na mesma cena, uma salva de palmas oriunda da canção “*Just In Time*”, interpretada por Nina Simone, saúda a abertura bem-sucedida da garrafa. A canção também não está presente ao mero acaso. A cantora e pianista, que foi uma das referências do Jazz norte-americano, apresentou durante sua vida diversas situações familiares conflituosas a partir de questões relacionadas com saúde mental, e sua trajetória também foi retratada numa obra fílmica denominada “*What happened, Miss Simone?*” (NETFLIX, 2015).

Dessa forma, o imperativo “*BEBA!*” é um imperativo de gozo⁴⁹. Esse caráter imperativo que força o sujeito a repetir situações desprazerosas, assim como acontecia com a cantora Nina Simone, que sem qualquer possibilidade de negociação, protagonizava momentos envolvendo o uso de substâncias psicoativas e de violência, muitas vezes de maneira inconsciente, que é característica principal

⁴⁸ Cena iniciada aos 00:50:06”

⁴⁹ A ideia de gozo é um conceito Lacaniano. O gozo (caráter repetitivo do sintoma) não é marcado pelo prazer, mas sim pelo desprazer. O gozo é um dos nomes lacanianos da pulsão de morte.

da pulsão de morte. Para a psicanálise, a pulsão de morte faz parte do funcionamento psíquico, mas ela é domada, por assim dizer, pela pulsão de vida, levando a uma regulação do aparelho psíquico. A pulsão de morte anda junto com a pulsão de vida, e elas se autorregulam. Nas compulsões por álcool e por comida, pode-se dizer que a vida não anda, porque o indivíduo está tomado pela pulsão de morte.

Krisha, agora já alcoolizada⁵⁰, retorna para a companhia dos demais e todos já estão preparados para o jantar de Ação de Graças, mas será que Krisha está pronta? Ela fita, por detrás da geladeira ainda ao som de Nina Simone, a irmã fazendo carinhos em Trey. O peru está pronto! É ela quem o retira do forno como etapa final para atingir sua meta. Aos 00:54':57" de filme o assado cai. Metaforicamente, fica insustentável suportar o peso que aquela ave carrega consigo, pois, junto com o peru, caem os ideais esperados para aquela noite: da partilha, da hospitalidade, da maternagem e do amor (Figura 7). Podemos dizer que tais elementos representam no filme as pulsões de vida, enquanto a queda do peru representa a pulsão de morte como protagonista no funcionamento psíquico da personagem.

Figura 7 – Sequência do peru assado retirado do forno até a sua queda



(a)

⁵⁰ Cena iniciada aos 00:51':48".



(b)



(c)



(d)

Fonte: Krisha, 2015

4.2.5 A ruidosa presença da pulsão de morte

O conceito de pulsão foi proposto por Freud desde seus primeiros escritos, ganhando notória relevância no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905), e percorre toda obra freudiana. Em 1915, Freud define a pulsão como a força que atua no aparelho psíquico e que faz um limite entre o psíquico e o somático. Seu desenvolvimento se dá por meio de processos dinâmicos que buscam reduzir a tensão da força pulsional através da satisfação. As pulsões também podem ser definidas como forças internas e fontes de excitação originadas no corpo que alcançam o psiquismo, das quais o organismo não consegue se proteger ou escapar (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000).

A teoria das pulsões sempre colocou questionamentos e incertezas para Freud, levando-o a elaborar fundamentalmente duas teorias distintas: num primeiro momento, Freud acreditava que o aparelho psíquico operava sob o domínio do princípio do prazer, ou seja, que os sujeitos buscavam na realização dos desejos uma parcela da satisfação inicialmente proibida. Assim diferencia as pulsões em pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais. Contudo, essa certeza foi se diluindo pouco a pouco, à medida que a psicanálise mostrava toda sua intensidade clínica.

Em 1920, Freud percebe que suas concepções iniciais sobre as pulsões não são capazes de dar conta do que é essencialmente humano e que se apresenta por meio da clínica e do sofrimento mental. Ele percebe que muitas vezes o sujeito caminha em direção a repetir experiências que lhe foram traumáticas, sob o império de um tipo de pulsão que não está a serviço apenas do princípio do prazer, levando-o a crer que elas podem se manifestar de maneira incompreensível, contraditória e frequentemente paradoxais (LINDENMEYER, 2015). Assim, Freud passa a considerar que em alguma medida o aparelho psíquico comporta uma certa quantidade de sofrimento que se expressa por meio da revivescência de situações desprazerosas.

Nesse segundo dualismo pulsional, o que se denomina “pulsão de vida” seriam as forças de excitação internas que nos direcionam para finalidades prazerosas, com caráter unificador e de natureza sexual. Já a “pulsão de morte”

caminha no sentido contrário, levando à busca pelo retorno a um estado inanimado, por meio da eliminação das tensões existentes no aparelho psíquico (FREUD, 1920). Lindenmeyer (2015) afirma que esse dualismo pulsional é responsável pela regulação do aparelho psíquico, em que nenhuma das duas pulsões possui papel de vilã, nem exclui um lado em detrimento do outro, sendo necessário que elas trabalhem em conjunto.

Chamamos a atenção que, assim como ocorre no desenvolvimento e amadurecimento de conceitos, não foi diferente com as teorias pulsionais, principalmente no que tange à pulsão de morte, apesar de controverso, inclusive para Freud, em muitos momentos, foi necessário compreender que, empreender a partir do reconhecimento da pulsão de morte é perceber que

encarar esse fato não é fácil, pois isso promove angústia, desestabiliza certezas, exige uma dialetização e, sobretudo, na lida com outros seres falantes, nossos semelhantes, impõe trabalharmos advertidos de que retrocessos são sempre possíveis, assim como haverá sempre dissociações, desintrações, desconstruções e, por que não dizer desmantelamentos? (BASTOS; ALBERTI, 2018, p. 212).

Desmantelamento e mal-estar. Advertidos sobre esse mal-estar próprio do ser humano, somos levados a identificar no filme elementos compartilhados e vivenciados pelo espectador com relação ao mal-estar da personagem, inserindo-os em seu universo subjetivo e apresentando os destinos que essas pulsões ganharam para esse sujeito. Podemos dizer que o mal-estar vivenciado por Krishna é representado de maneira minuciosa pela trilha sonora do filme analisado. A angústia que povoa o ambiente familiar com a chegada de Krishna parece ser aquele copo d'água que está prestes a transbordar.

A trilha sonora tem função importante nos filmes. O uso de sons não lineares, que se apresentam com notas distorcidas e que são amplificadas à medida que a trama avança, não é por acaso. Eles são usados para elevar o impacto emocional das cenas, e, por meio desse e de incontáveis recursos que se aprimoram dia a dia, o cinema permite ao espectador experimentar um universo no campo das subjetividades (BLUMSTEIN *et al.* 2010).

Em sua grande maioria, os sons que se apresentam são os diegéticos, ou seja, aqueles sons provenientes da própria cena, em que os personagens e os espectadores conseguem escutar. Os ruídos de passadas, os utensílios de cozinha

fazendo barulho na pia, os choros de bebê, a bola quicando na sala acompanhada de gritos dos que jogam, a mangueira jorrando água e os latidos dos cachorros são exemplos de sons diegéticos que compõem o filme. A personagem Krishna nos leva para dentro do filme à medida que compartilhamos esse mal-estar, essa angústia que ela sente e que vai sendo pontuada no filme por esses sons incômodos.

Esse desconforto também está presente pelo silêncio retumbante que acompanha Krishna nos momentos que se encontra destacada dos demais. Alves (2012) diz que o silêncio é uma ferramenta utilizada no cinema moderno, cujo efeito é enfatizar situações fundamentais na narrativa, além de possibilitar uma ligação direta do espectador com o estado de espírito de determinado personagem. As notas musicais distorcidas e tocadas pausadamente, parecem nos anunciar que devemos estar sempre alertas. A música, denominada "*Kichen Chaos*", com título autoexplicativo, nos permite entrar em contato com o caos interno provocado na personagem por este reencontro enquanto prepara a ave, noticiando que cozinhar organiza e desorganiza; aproxima e afasta; acalma, mas também pode convulsionar as relações.

Para Dunker e Rodrigues (2010), o corpo ancorado na poltrona, conduzido pelo diretor das cenas, permite que os olhos passem pela tela,. Para o autor

é exatamente nesse jogo que opera a narração cinematográfica, em estreita relação com o funcionamento mental do sujeito condenado a criar conexões e sentidos, [...] como se fossem instauradas "realidades paralelas", uma cena materializada que se distingue da outra. Estamos no domínio da complexidade do imaginário em junção com o aparato concreto que cria e reproduz a imagem em movimento (DUNKER; RODRIGUES, 2010, p. 42-43).

Faz-se necessário aqui não perder de vista que o cinema, que tem como produto final o filme, ainda assim é uma produção e, por mais que ele seja uma das maneiras de representar a sociedade, ainda assim ele continuará sendo uma narrativa; um discurso sobre um determinado objeto. Por mais que nos identifiquemos com o conteúdo que está sendo passado na tela diante dos olhos, ainda assim, são produções que visam atender a alguma demanda – assim como as cenas produzidas para impedir que o consciente dê lugar ao conteúdo inconsciente.

No filme Krishna as cenas, seus sons e suas cores colocam em evidência a cozinha, a comida e a bebida e todo mal-estar que lhes concerne. Esses elementos compõem a narrativa que conduz o espectador a se identificar com os conflitos

familiares vividos pela protagonista e nos permite pensar na questão das compulsões a partir do ponto de vista daquele que faz uso do álcool para o alívio de suas angústias, ou para reviver os conflitos que levaram ao desenvolvimento de uma relação de dependência de um determinado objeto, no caso o álcool.

4.2.6 O lugar do sintoma em Krisha

Desde o surgimento da medicina, os profissionais do campo biomédico canalizam seus esforços na tentativa de eliminar os sintomas relatados pelo seu paciente. Entretanto, questionando esse paradigma biomédico, colocamos a seguinte questão: o que dizer quando uma pessoa agenda uma consulta para eliminar desconfortos que acreditam ser provenientes de causas orgânicas, que desencadeiam afecções do corpo e da mente, mas, depois de fazer diversos exames, usar medicamentos propostos, dietas específicas, nada muda? A dor de cabeça não some, o estômago não para de doer, os quilos indesejáveis não reduzem.

Para a psicanálise, o sintoma fará referência a algo que não pode ser vivenciado conscientemente pelo sujeito e se apresenta no psiquismo segundo uma lógica inconsciente. Esse sintoma não pode ser removido com remédios ou cirurgias. Maia *et al.* (2012), ao discorrerem sobre o conceito de sintoma proposto por Freud, relatam que este visa restabelecer o desequilíbrio causado pelo conflito psíquico, ao mesmo tempo que tem como produto uma satisfação que o perturba. Dessa maneira, o sintoma tenta conciliar o que está proibido e as exigências da vida em sociedade, permitindo uma outra satisfação que substitua os desejos intoleráveis.

Se a compulsão de Krisha por álcool pode ser entendida como uma manifestação da pulsão de morte que escapa do enlace com a pulsão de vida, todo o conflito familiar que Krisha vivencia nos mostra o colorido vivo do sintoma. “Você é a encarnação do desastre e acabou de estragar um feriado perfeitamente tranquilo!”⁵¹, grita o cunhado, momentos depois de ter sido acusado por Krisha de ser o dono da garrafa de vinho encontrada no banheiro dela. Numa grande tela de

⁵¹ Cena iniciada aos 00:57:57”

televisão posicionada atrás de Krisha passa um vídeo de seu filho ainda criança na noite de Natal, abrindo presentes. Mesmo não conseguindo ver o que se passa na TV por estar de costas, ou mesmo por não conseguir virar-se para ver, os sons de risadas do filho ainda criança, refletindo uma atmosfera amistosa e feliz bastam para que a personagem entre novamente em contato com a infância do filho que ela não vivenciou, o que a assombra. Esse retorno leva Krisha a cair no sono na sequência⁵².

Vale lembrar que, depois da conceituação da pulsão de morte, a própria concepção freudiana do sintoma muda, pois passa a dar especial relevo ao caráter repetitivo do sintoma. Mas se há repetição no sintoma é na medida em que ele também serve à pulsão de morte. Essa profunda ambivalência é algo que se destaca indelévelmente na segunda tópica freudiana e marca para nós a complexidade das relações humanas com seus desejos, satisfações, sofrimentos.

O ato sintomático coloca Krisha num lugar definido – o lugar da alcólatra – e a imagem repetidamente retorna para a sala onde estão todos jantando sem ela, assim como representa a tentativa a todo custo de falar com alguém no telefone que não atende as suas ligações. A mesma exigência observada pela compulsão é protagonizada por Krisha, quando solicita uma cadeira e “o direito de sentar-se à mesa com a família para jantar” (Figura 8). O que assistimos novamente é o conflito. Robyn a retira da cena familiar e a leva para uma conversa particular. Krisha diz que “é muito para aguentar!” (1:11’:30”). Relata que “estava organizada e saudável, mas retornar para a família...” parece ser o retorno, através do ato, de algo que não pode ainda ser simbolizado.

⁵² Cena iniciada aos 00:58’:11”

Figura 8 – A exigência sintomática de Krisha



Fonte: Krisha, 2015

O pedido da irmã para que ela tente consertar os erros cometidos parece ficar insuportável para Krisha, e ela novamente repete o ato: bebe, e faz uso de comprimidos pela cavidade nasal. Daí em diante, o ato de beber e usar comprimidos de maneira pouco usual⁵³ (pela cavidade nasal) mantém em evidência o caráter devastador da pulsão de morte que ultrapassa as barreiras da consciência e do controle. Mais uma vez Krisha retorna para a mesa do jantar e os minutos finais do filme seguem numa catástrofe generalizada, sem qualquer possibilidade de negociação.

Todos acreditaram que ela estaria pronta, ela também acreditou. Isso se evidencia na fala de sua irmã Robyn, sobre a expectativa em torno de Krisha ao dizer: “Ela está sóbria, está pronta!”⁵⁴, mas ela não estava e talvez nunca esteja.

⁵³ Cena iniciada em 01:15:09”.

⁵⁴ Cena iniciada em 01:17:17”

Muitas vezes, a compulsão e o sintoma permitem que o sujeito tenha um lugar na família. No caso de Krisha, ela ainda não encontrou outra maneira de ser, senão a alcoólatra.

4.2.7 Considerações finais

Retomando a dimensão vital dos alimentos, compreendemos que não existe possibilidade de o indivíduo permanecer abstinente de comida, como é possível com as bebidas alcoólicas. No máximo, conseguimos suprimir um ou outro alimento de nossas vidas, mas a suspensão total da comida nos colocaria num caminho de finalização da existência. Sendo assim, é importante olhar por uma perspectiva que inclua alguma negociação com o sujeito que repete o que lhe causa sofrimento.

Se o indivíduo faz algum deslocamento do uso de álcool para a comida, mesmo que esse traga algumas impressões no corpo, mas que não seja tão devastador, tal fato já pode ser considerado algum avanço, já que as questões que envolvem o comer incorporam muito mais um caráter moral pelos efeitos marcados no próprio corpo. Os efeitos do uso nocivo de bebidas alcoólicas extrapolam as fronteiras corporais, devastando as relações.

No cotidiano dos CAPS ad, é comum observar que, um indivíduo que opte pela suspensão completa do uso de álcool comece a comer mais. E isso ocorre por transformações e alterações biológicas ou não. Quando uma pessoa sustenta realizar as refeições com a família e frequentar eventos familiares para compartilhar refeições sem conflitos, isso por si só já reduz os danos provocados pelo uso prejudicial.

Da mesma maneira, o indivíduo que opte por não parar ou não consiga cessar por completo a ingestão de bebidas alcoólicas é orientado a fazer tal uso estando alimentado, considerando a alimentação, nesses casos, como fator de proteção.

Ou seja, do ponto de vista das situações graves, a comida possibilita um caminho alternativo, sem que seja necessário limitar a discussão dicotômica sobre abandonar ou não o álcool, ampliando e trazendo diversas outras possibilidades.

No filme, a pulsão de vida se apresenta através do preparo da comida, numa tentativa de regular a pulsão de morte, predominante no ato de beber; já o álcool no

filme cumpre um papel que se articula com a pulsão de morte, na medida em que se apresenta de maneira devastadora na vida da personagem principal, que apresenta prejuízos nas relações familiares, seja com seu filho, com sua mãe ou sua irmã. No caso de Krisha, a comida faria frente a esta pulsão devastadora, por enlaçar as relações.

As três tentativas da personagem em permanecer junto com sua família numa atmosfera harmoniosa no momento do jantar nos mostram o caráter repetitivo e insistente do sintoma, além da compulsão à repetição como principal expressão da pulsão de morte. Dessa maneira, incluir os recursos ofertados pela clínica psicanalítica nos casos de compulsão nos ajuda a compreender que “a verdade do sintoma é uma verdade construída e, a partir da análise, o sujeito vai se dando conta de sua parte em seu sintoma, assumindo sua história.” (MAIA *et al.*, 2012 p.54), pois, apesar de trazer algum sofrimento, o sintoma também é fonte de satisfação, por revelar seu desejo. Pensar em instrumentos que possibilitem o sujeito acessar e ressignificar a sua verdade, “abrindo caminho para que a relação com o mundo e com o desejo não seja tão adoecedora” se faz necessário, tendo em vista que as ações e intervenções nutricionais ainda são muito verticalizadas (Garcez & Portela, 2019, p. 293).

Não é sobre suprimir e eliminar os sintomas, como as ciências biológicas propõem, mas sim investir em práticas que coloquem o sujeito como protagonista, sem culpabilizá-lo no processo de adoecimento e abrindo espaço para a escuta, permitindo, conseqüentemente, o esvaziamento de ações moralizantes, incluindo formas de existência multifacetadas.

Sendo assim, mais importante do que criar a fantasia de que haverá o momento ideal, é ter a dimensão de que a plenitude é uma falácia, já que a satisfação não se dá ao alcançar o objeto, mas sim no percurso.

4.2.8 Referências

ADA. American Dietetic Association. *Position of the American Dietetic Association: Nutrition Intervention in the Treatment of Eating Disorders*, 2011.

ALMEIDA, L. *et al.* Os sentidos da cozinha de Centros de Atenção Psicossocial e a inserção do nutricionista no cuidado em saúde mental. Rio de Janeiro, 2020. v. 44, n.º especial, p. 292-304.

APA. American Psychiatric Association. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5*. Porto Alegre: ArtMed. 2014. 948p.

ARIÈS, P. (1986) *História social da criança e da família*. 2.ed. Editora Guanabara. Rio de Janeiro, 1986. (Obra original publicada em 1975).

A24. *Krishna*. 2016. Disponível em: <https://a24films.com/films/krisha>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

BIRMAN, J. (2005). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2005.

BOSI, M.L.; MACHADO, M.T. Amamentação: um resgate histórico. Escola de Saúde Pública do Ceará. Jul/dez, 2005. v1, n1.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Portaria n.º 854, de 22 de agosto de 2012*. Brasília, 2012.

COSTA, J.F.. *Ordem médica e norma familiar*. Edições Graal. Rio de Janeiro, 2004.

DA VINCI, L. *A Última Ceia*. Têmpera e óleo. 4,60m x 8,80m. Milão, 1495/1498.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1984.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos (1900-1901)*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.4

_____. Além do Princípio do Prazer (1920). In: _____. *História de uma neurose infantil: (O homem dos lobos); Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Obras Completas, São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v.14.

_____. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936). In: _____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. Obras Completas, São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.

_____. Totem e Tabu (1912-1913). In: _____. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v.11

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v.6

GARCEZ, N.L.; PORTELA, M.V.Z. *Diagnóstico diferencial na clínica psicanalítica entre sintoma e fenômeno psicossomático*. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, 2019. v. 22 n.º. 2

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.

LACAN, J. *O seminário, livro 10. A angústia*. J. Zahar. Rio de Janeiro, 2005. (Original publicado em 1962-63)

_____. *Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Edição brasileira, 1988. Jorge Zahar Editor Ltda.

LÉVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido*. Mitológicas. Cosac & Naify. São Paulo, 2004. v.1

LIMA, A. P. *O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia*. Rev. psiquiatr. clín. São Paulo, 2010. v.37 n.6

LINDENMEYER, C.. *A inadmissível pulsão de morte*. Reverso. Belo Horizonte, 2015. jun. v.37 n.69

MONZANI, L.R. *Totem e Tabu: uma revisão*. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, 2011. v. 23, n. 33, jul./dez. p. 243-255.

MORAIS, M.B.L. *Humor e Psicanálise*. Estud. Psicanal. Belo Horizonte, 2008. out. 31.

MOREIRA *et al.* *Commensality and care: orphan girls and young women in the context of HIV/Aids*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., 2012. v.16, n.42, p.651-64, jul./set.

NETFLIX. *What happened, Miss Simone?* Disponível em Netflix streaming, 2015.

NOGUEIRA, L. *Manuais de Cinema II: Gêneros cinematográficos*. Livros LabCom, Covilhã, 2010.

PLATÃO. *O Banquete*. In: *Pensadores*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Vitor Civita, São Paulo, 1972. 269p. (Original publicado em: 385-380 a.C.

RUSSO, J. A; VENÂNCIO, A.T.A. *Classificando as pessoas e suas perturbações: a "revolução terminológica" do DSM III*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 2006. 9(3), 460-483.

VITORINO *et al.* *A ética alimentar nos banquetes bíblicos: passagem, comunhão e poder*. Demetra, 2016; 11(2); 275-296.

4.2.9 Ficha técnica

Título original	Krishna
Título em português	Krishna

Direção	Trey Edward Shults
Roteirista	Trey Edward Shults
Ano produção	2015
Estreia	2016 (Estados Unidos) / 2017 para filmes online
Duração	83 minutos
Países de Origem	Estados Unidos
Produção	Chase Joliet, Trey Edward Shults e Justin R. Chan
Elenco principal	Krisha Fairchild, Robyn Fairchild, Trey Edward Shults, Olivia Grace Applegate, Chase Joliet, Alex Dobrenko, Crhis Doubek, Bil Wise, Bryan Casserly, Atheena Frizzell, Augustine Frizzell, Billie Fairchild.
Comentários/Sinopse	<p>Depois de anos de ausente, Krisha (Krisha Fairchild) se reúne novamente com sua família para o jantar do Feriado de Ação de Graças. Ela percebe que diante dela está a oportunidade de consertar os erros do passado, cozinhar o peru para a família e provar para seus entes queridos que ela mudou para melhor. Porém, os delírios de Krisha conduzem o feriado para uma experiência atordoante que ninguém vai esquecer.</p> <p>Prêmio Austin Film Critics Association 2016 – indicado na categoria “Melhor Primeiro Filme”</p> <p>Festival de cinema de Cannes 2015 – indicado nas categorias “O grande prêmio Nespresso” e “Câmera d’Or”</p> <p>Festival de Cinema Deauville – indicado na categoria “Grande Prêmio” e vencedor na categoria “Prix de la Critique”</p> <p>Gotham Awards 2016 – vencedor na categoria “Prêmio de diretor revelação Bingham Ray”</p> <p>Independent Spirit Awards 2015/2016 – vencedor na categoria “Prêmio Jhon Cassavetes”</p> <p>Associação de Críticos de Cinema de Los Angeles 2016 – vencedor na categoria “Prêmio Nova Geração”</p> <p>Conselho Nacional de Revisão 2016 – vencedor nas categorias “Os dez melhores filmes independentes” e “Melhor estreia na direção”</p> <p>Círculo de Críticos de Cinema de Nova Iorque 2016/2017 – vencedor na categoria “Melhor primeiro filme”</p> <p>Festival Internacional de Cinema de Reykjavík – vencedor na categoria “Prêmio FIPRESCI”</p> <p>South by Southwest – vencedor nas categorias “Grande prêmio do júri – recurso narrativo” e “Prêmio do júri – recurso narrativo”.</p>

4.3 “A saideira” - uma análise do filme “Druk: mais uma rodada”

“Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente. Não ousar é se perder”⁵⁵.

Diante do percurso trilhado por esta tese, percebeu-se que seria importante realizar uma análise a mais, algo que pudesse brindar nosso percurso e retomar os conceitos trabalhados por nós até aqui.

Aproveitamos, então, o filme Druk não só para uma análise individualizada, configurando-a como um bloco a mais na composição da tese, mas como uma oportunidade para traçar paralelos, em alguns momentos do texto, com as demais obras analisadas.

Lançado em 2020 no circuito mundial, Druk teve sua data de lançamento no Brasil em março de 2021 e nos parece interessante para arrematar nossa caminhada. É uma comédia dramática de origem dinamarquesa que traz elementos que relacionam os ciclos da vida e suas relações com a bebida alcoólica. A narrativa segue pela perspectiva dos quatro professores, cujas questões vivenciadas só podem ser compartilhadas enquanto também compartilham bebidas alcoólicas. É nesse compartilhamento que surgem novas possibilidades de enfrentar as dificuldades que cada um vivencia naquele momento, mas também a recordação do que perderam ao longo da vida.

Ao acreditarmos que o filme será mais um enlatado nos moldes cinematográficos norte-americanos, que traz conflitos existenciais de adolescentes no último ano do ensino médio, a obra nos surpreende com um formato quase pedagógico ao abordar as temáticas em questão como um pesquisador que necessita encontrar um caminho para seguir no curso com suas hipóteses. A obra foi premiada na categoria de “melhor filme estrangeiro” na cerimônia do Oscar 2021.

A primeira cena do filme já nos provoca com questionamentos do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard: “O que é a juventude? Um sonho? O que é o amor? O conteúdo do sonho.”⁵⁶. Essas reflexões parecem ser as principais questões, que gerarão alguma dose de sofrimento aos personagens principais da obra, que circundam em torno da passagem do tempo e da perda da juventude.

⁵⁵ Cena iniciada em 00:55:58”

⁵⁶ Cena iniciada em 00:00:39

Refletem sobre como algumas situações estão atreladas às relações amorosas, à paternidade e ao trabalho.

Martin, interpretado pelo ator Mads Mikkelsen, professor de história, casado com Anika, tem dois filhos. O filme deixa claro que as coisas não caminham bem no que diz respeito à vida amorosa e profissional. Se em casa, sua presença parece ser completamente dispensável; na escola, isso não é diferente. Sua habilidade de lecionar é colocada à prova por alunos e pais. Segundo seus amigos, Martin, na juventude, gostava bastante de dançar e iria receber uma bolsa para fazer PhD, mas precisou adiar seus planos devido ao fato de que os filhos eram pequenos. Sua função como provedor também é frágil, na medida em que sua esposa também está inserida no mercado de trabalho: sua renda não é a única para prover as necessidades da família. Há doze anos, Martin era considerado “o cara” pelos demais.

Peter, professor de música, interpretado por Lars Ranthe, solteiro, sem filhos, é quem propõe organizar os resultados, escrevendo um artigo sobre os efeitos da presença constante de álcool no organismo humano. Na maioria das vezes é ele quem traz exemplos de pessoas famosas (ligadas à arte) que tiveram êxito em suas performances profissionais fazendo uso de álcool. A vida pessoal do personagem não é muito explorada no filme.

Tommy, professor de educação física, dá aula para crianças. Mora na companhia de seu cachorro e tem dificuldades de falar sobre sua ex-companheira. Sempre que alguém pergunta por ela, o mesmo passa por cima do questionamento como se nada tivesse sido perguntado. No desenrolar da obra, Tommy é quem recolhe os efeitos mais dramáticos decorrente do uso de álcool.

Nikolaj, professor de psicologia, interpretado por Magnus Millang, é casado, possui três filhos. A vida profissional do personagem é pouco explorada. Raros são os momentos em que o mesmo aparece lecionando. As questões centrais de Nikolaj circulam em torno dos desafios da paternidade. Segundo ele, o fato de que ele tenha parado de molhar a cama com urina o auxiliou a construir uma nova conexão com sua esposa.

É interessante observar como essas questões, quando vivenciadas por homens, surgem de forma antagônica a quando falamos do universo feminino. No contexto das heteronormatividades e das representações de “masculinidades

hegemônicas” baseadas em estereótipos, as experiências vivenciadas por homens em seu processo de hominização, muitas vezes, são pautadas pela violência, pelo individualismo e pela ausência de autorreflexão emocional, o que pode levar a consequências devastadoras (SILVA, 2019). As construções sociais do que é “ser-homem” difundem-se amplamente por meio de práticas cotidianas que impossibilitam hábitos de autocuidado, reforçando a ideia de inatingibilidade (MARTINS; NASCIMENTO, 2020).

No que diz respeito às emoções, elas são retratadas no filme *Druk* de maneira contida. A máxima de que “homem não chora” é revisitada em alguns momentos, por exemplo, quando Martin pergunta ao amigo Tommy sobre sua ex-companheira⁵⁷ e o assunto é rapidamente interrompido, ou quando Martin é convocado e pressionado por pais e alunos para uma reunião com o objetivo de questionar e criticar sua atuação profissional⁵⁸. Ou seja, assuntos que podem trazer alguma fragilidade à tona geralmente são evitados. E, por mais que essas emoções estejam ali, elas “não podem” ser externalizadas, e o álcool cumpre a função de inverter a lógica construída socialmente – é no ato de beber que esses assuntos conseguem aparecer. Já em *Bridget Jones* e em *Krishna* – obras analisadas nesta tese, cujo protagonismo assenta-se no universo feminino –, a título de comparação, as emoções encontram-se na superfície, na iminência de transbordar. O choro é visita frequente.

No campo profissional, Martin sente-se desestimulado e se vê atrelado a uma rotina familiar com sua esposa e filhos, marcada pelo desencontro e desinteresse. Isso se evidencia em uma cena em que a esposa Anika (interpretada por Maria Bonnevie) circula rapidamente pela casa⁵⁹, saindo para trabalhar e dizendo que trabalhará todos os dias à noite na semana. Martin permanece deitado e sua presença parece não fazer muita diferença.

Em seguida, ele questiona Anika sobre ele ter se tornado sem graça, e ela devolve com outra pergunta, fazendo uma relação de quando os dois eram mais jovens, e só então responde: “Você não é mais o Martin que conheci”. Vale ressaltar que esta cena ocorre no final do dia, quando o personagem já tinha enfrentado

⁵⁷ Cena iniciada em 00:11':57”

⁵⁸ Cena iniciada em 00:07':39”

⁵⁹ Cena iniciada em 00:06':34”

situações desconfortáveis na escola em que trabalha⁶⁰, em que uma aluna verbaliza que o conteúdo da aula “está uma bagunça” e, durante uma refeição em casa, que parece ser o almoço⁶¹, em que sua presença parece ser completamente desnecessária para sua família.

A virilidade masculina, que muitas vezes está associada à ascensão, ao destaque profissional, à potência sexual e à jovialidade, no filme *Druk*, o uso do álcool surge como forma de manter os personagens conectados ao mito do homem viril. As práticas alimentares (incluindo aqui o consumo de bebidas alcoólicas) não se furtam a este fenômeno, pois são influenciadas pelas dinâmicas sociais. Para homens idosos, a decisão de comer no ambiente doméstico e fora de casa; de beber em casa ou com amigos, devido à saída da figura feminina de casa “decorrente de viuvez, separação ou qualquer outro fato” possuem significados que passam por “questões de sociabilidade, coesão social, distinção e prestígio, além de reforçar uma concepção de masculinidade/virilidade” (CAVALCANTE, et.al. 2015, p. 617). No filme, é durante um jantar de comemoração do aniversário de quarenta anos de Nikolaj⁶², quando os quatro amigos se embriagam, que os sorrisos se tornam mais fartos e as lembranças de como eram na juventude são encaradas de maneira mais leve. Mirian Goldemberg, em entrevista cedida para o caderno “Viver Bem” do site UOL (STEFANELLI, 2018), discorre sobre as diferentes maneiras de encarar o processo de envelhecimento entre homens e mulheres e demarca que o envelhecimento para pessoas do sexo masculino coloca à prova suas capacidades laborais, relacionadas à noção de inutilidade, ainda que não estejam centradas no corpo. E, mesmo que os professores ainda não sejam considerados idosos, a passagem do tempo os aproxima dessa possibilidade. Já o envelhecimento de Krishna é evidenciado em diversos momentos. Em cada recurso do close, evidenciam-se não apenas as emoções da personagem, mas suas rugas marcam no corpo a lembrança de ter envelhecido.

Retomando o jantar em comemoração ao aniversário de Nikolaj, observamos o quanto as questões relativas à comensalidade e à convivialidade evidenciam regras e normas sociais entranhadas na cultura. Ao redor da mesa observamos

⁶⁰ Cena iniciada em 00:05':22”

⁶¹ Cena iniciada em 00:06':18”

⁶² Cena iniciada em 00:12':35”

taças⁶³ (Figura 9) que nos anunciam as bebidas que serão servidas. Esse código social é possível de ser decifrado sem que esteja explícito, já que “os protocolos se apropriam de linguagens não verbais – gestuais, simbólicas e códigos – que moldam a interação dos convivas à mesa e, principalmente, com o alimento servido” (NISHIMURA; QUEIROZ, 2016).

Na continuidade da cena, os amigos decidem beber champanhe, e o profissional responsável por servir detalha minuciosamente sobre o ano de fabricação e os aspectos sensoriais da bebida. Seguiu-se com chope e cerveja. Entre um gole e outro, os quatro amigos falam de como estão suas vidas. Martin decide inicialmente beber água com gás, por estar dirigindo, e abre a discussão sobre ser sensato, informando que “a Rússia foi construída por gente bebendo vodca e dirigindo”⁶⁴. A comida servida é um *caviar de baerii*. Novamente o garçom detalha informações da origem da comida e sugere que a preparação seja degustada com vodca.

Figura 9 – Jantar com mesa posta e diferentes qualidades de copos e taças



Fonte: Druk: mais uma rodada, 2020.

Os elementos de distinção social através do comer e do beber, principalmente em público, determinam as preferências, definidas à priori a partir do gosto (também construído socialmente). Assim, a construção do gosto é determinada não apenas

⁶³ Cena iniciada em 00:12':35"

⁶⁴ Cena iniciada em 00:17':03"

por questões econômicas, mas também por um capital cultural, que determina as “escolhas”. Essa lógica reforça a dominação de classes dominantes na medida em que classifica e distingue os indivíduos, justamente por criar uma atmosfera de familiaridade aos que compartilham hábitos e preferências (BOURDIEU, 2007). Ou seja, as informações detalhadas sobre as preparações que estão sendo consumidas não estão na cena por acaso, deslocadas de um contexto. Elas atendem à necessidade de demarcar que a bebida também se conjuga com a mesa rica, farta e elegante, podendo também carregar esses aspectos ou interrogá-los. Isso agrega valor ao que está sendo consumido, mas também confere *status* ao comensal, que deseja ser diferenciado, através do que come e do que bebe.

Buscando o diálogo com as demais obras analisadas nesta tese, em Bridget Jones, os consumos alimentares e os excessos de bebidas alcoólicas sempre são advertidos pelo risco de ganho de peso; no filme *Druk*, esses consumos em nenhum momento têm relação com alguma consequência para o corpo. Ou seja, as intervenções que incidem sobre o corpo feminino perdem força no corpo masculino. O filme *Druk* em nenhum momento menciona que algum dos personagens pode engordar por conta do uso excessivo de álcool, sendo o peso considerado um “problema” do universo feminino. Em contrapartida, se o peso não surge como uma questão para os homens, a virilidade ganha destaque como se fosse uma característica espontânea, e não como fruto de uma construção social (VINUTO *et al.*, 2017). O uso de álcool reafirma esse lugar, mas também é uma das possibilidades de afrouxar regras impostas socialmente, em que a embriaguez permite que os corpos se lancem para o mundo (VARGAS, 2008).

A virilidade também pode ser reafirmada pela via do trabalho na medida em que o posto de “homem provedor” é colocado à prova. Para Saffioti, (2004),

o papel de provedor constitui o elemento de maior peso na definição da virilidade. Homens que experimentam o desemprego por muito tempo são tomados por um profundo sentimento de impotência [...] Além do sentimento de impotência ser gerador de violência, pode resultar também em impotência sexual. Há homens que verbalizam preferir morrer a ficar sexualmente impotentes. E nem neste caso se permite ao homem chorar (SAFFIOTTI, 2004. p. 35).

No filme *Druk*, o álcool é o instrumento utilizado para se atingir aumento da performance profissional⁶⁵⁶⁶⁶⁷⁶⁸. Não perdendo de vista que os personagens

⁶⁵ Cena iniciada em 00:31':00”

⁶⁶ Cena iniciada em 00:34':15”

principais exercem a função de professor e parte do filme se passa no ambiente escolar, podemos dizer que o padrão de consumo de álcool por profissionais docentes poderia estar relacionado a uma necessidade de adaptação do ambiente escolar, que é carregado de estresse e exaustão, exigindo que esses profissionais mobilizem suas capacidades físicas e afetivas para “atingir objetivos de produção acadêmica” (FRANCO, 2016).

No tocante às questões da paternidade, apenas Martin e Nikolaj são pais. O primeiro com dois filhos adolescentes e o segundo com três filhos pequenos (sendo um deles bebê de colo). A relação entre Martin e seus filhos parece ser indiferente, ficando evidente nos poucos diálogos entre eles, e, quando conversam, é com a mãe que isso acontece. Existe uma tentativa de migrar da posição de “provedor” para uma posição mais “afetiva”, como possibilidade de aproximação da sua esposa e de seus filhos ao organizar um acampamento entre família⁶⁹. Da mesma forma, Nikolaj parece não se sentir confortável e tem dificuldades de estar à frente nos cuidados com seu filho menor. O desconforto parece ter origem nos papéis sociais do que se espera das funções paterna. Troca de fraldas, noites sem dormir e cuidados com a alimentação de um bebê, historicamente, eram desempenhados por mães. Não à toa que Krisha se sente culpada por não ter estado presente durante a infância do filho. Se a falta de traquejo de Nikolaj o faz sofrer, a culpa de Krisha a adocece.

4.3.1 Na prática, a teoria é outra

Uma das cenas iniciais do filme trazem jovens disputando uma corrida no lago⁷⁰, isso possui algumas regras, como, por exemplo: 1) beber uma caixa de cerveja inteira enquanto dão a volta no lago; 2) uma cerveja por pessoa em cada banco; 3) cada time possui um árbitro, garantindo que a caixa seja levada de volta até o ponto de chegada; 4) o árbitro não pode beber cerveja; 5) se vomitarem, um minuto será subtraído da equipe; 6) um último banco é o ponto de chegada, onde os

⁶⁷ Cena iniciada em 00:47'50”

⁶⁸ Cena iniciada em 00:56'10”

⁶⁹ Cena iniciada em 1:01':08”

⁷⁰ Cena iniciada em 00:00:50

membros da equipe deverão beber a última cerveja e, por fim, 7) o vencedor ganha o valor das garrafas.

Logo depois do término da atividade, os jovens participantes, que neste momento encontram-se alcoolizados, seguem pelas ruas do bairro escalando postes públicos⁷¹, entram na estação do metrô com engradados de cervejas, distribuindo bebidas para os passageiros, até que algemam⁷² um agente de segurança do metrô no interior do trem após este solicitar que o grupo “pare com a bagunça e respeite os outros passageiros!”. Por conta das consequências da “corrida alcoólica do lago”, a direção da escola que os jovens estudam propõe uma “política de álcool zero” para o semestre seguinte, pois, segundo a diretora, houve uma falta de limites.

Muitas vezes, olha-se para o caminho da abstinência como a única possibilidade de tratar a temática em relação ao consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes, limitando-se o diálogo e reforçando-se, conseqüentemente, uma lógica de controle que incide sobre os corpos com práticas moralizantes e excludentes. Ademais, é importante considerar o aumento do consumo de álcool pelos mais jovens e as consequências negativas relacionadas a este uso. A última Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou que 55,5% de estudantes que frequentavam o 9.º ano do ensino fundamental já tinham experimentado bebidas alcoólicas pelo menos uma vez na vida. Dos que experimentaram, 42,9% tinham consumido bebidas alcoólicas até trinta dias antes da pesquisa; 21,4% apresentaram episódio de embriaguez pelo menos uma vez na vida e 7,3% tiveram problemas com a família ou amigos, perderam aulas ou brigaram, uma ou mais vezes, porque tinham bebido (IBGE, 2015). Em 2018, o relatório da análise do consumo de álcool e doenças atribuídas ao consumo nas diferentes regiões do mundo identificou que, em relação à população jovem, 32% entre 15 e 19 anos são ex-bebedores e 29,7% são bebedores atuais no continente americano. Já no continente europeu 16% e 40,2% dos jovens de mesma faixa etária são, consecutivamente, ex-bebedores e bebedores atuais (WHO, 2018).

Ignorando os números que informam sobre consequências nocivas decorrente do uso de álcool, os professores decidem testar uma teoria de que as

⁷¹ Cena iniciada em 00:01':50"

⁷² Cena iniciada em 00:02':24"

peessoas se tornam mais felizes e produtivas vivendo com nível constante de álcool na corrente sanguínea.

Essa ousada teoria tem como base afirmações supostamente feitas pelo filósofo e psiquiatra norueguês Finn Skårderud, nas quais o homem nasce com um déficit sanguíneo de álcool de 0,05%. Em entrevista cedida à rádio norueguesa NRK, Finn afirma que foi realizada uma “leitura seletiva” de um prefácio que escreveu, e sua afirmação possuía um contexto (PALMEIRA, 2021).

Apesar de o autor da suposta "teoria" trazer a crítica em relação ao conteúdo de sua fala e ao uso recortado da mesma, nos cabe salientar que os filmes se autorizam a transitar entre verdades fantasiosas. Ainda assim, podemos considerar que *Druk* apresenta personagens muito reais que facilmente esbarraríamos por aí. Mesmo que o roteirista tenha tomado a frase dita por Finn como uma afirmativa que não permite nuances, podemos dizer que esse déficit de que trata o filme é algo que está colocado para os seres humanos, haja vista que estão permanentemente em busca desse algo que viria completar suas vidas e afastar toda a infelicidade (FREUD, 1930). Desta maneira, a tentativa por uma felicidade plena, que nos afaste de qualquer situação de desprazer é projeto falido. Contudo,

os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado. O mais grosseiro, embora também o mais eficaz desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis. Os dois efeitos não só ocorrem de modo simultâneo, como parecem estar íntima e mutuamente ligados (FREUD, 1930, p. 85-86).

Sendo assim, manter um nível constante de álcool na corrente sanguínea é a possibilidade de eliminar os desconfortos e sentimentos indesejáveis, anestesiando-os em busca de uma felicidade que, de maneira fantasiosa, acreditamos existir.

Apesar de não pretenderem criar um método científico, é exatamente isso que os professores acabam fazendo, no intuito de comprovarem a hipótese atribuída a Finn. Empreendem um verdadeiro método “científico” através da elaboração de um “artigo brilhante de psicologia”⁷³, ao que intitularam “Desenvolvimento da Pesquisa”.

⁷³ Cena iniciada em 00:28:40”

Objetivou-se coletar evidências de efeitos psicológicos, motores, verbais e psicorretóricos, somados de aumento do desempenho social e profissional, embasados teoricamente na hipótese do possível déficit de álcool no organismo⁷⁴. São citadas diversas personalidades artísticas para justificar tal hipótese, que se apresentavam alcoolizadas em público, como, por exemplo, o escritor norte-americano Hemingway, o pianista Klaus Heerfordt e o compositor Tchaikovsky. Os critérios definidos pelo grupo indicam que cada um precisaria ingerir uma quantidade equivalente a 0,05% de álcool ao longo do dia, não sendo permitido o consumo de bebidas alcoólicas nos finais de semana.

No tocante à frequência de ingestão, em terras brasileiras temos vários casos: diversas pessoas públicas que, além de serem reconhecidas pelos trabalhos desenvolvidos no campo da arte, tiveram seus nomes relacionados aos usos de bebidas alcoólicas nos mais variados contextos, que vão desde usos recreativos a usos prejudiciais. Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Tim Maia, Zeca Pagodinho são alguns dos inúmeros exemplos em que música e álcool foram ingredientes indispensáveis. Há quem diga que as principais composições de autoria desses artistas foram escritas em bares do Rio de Janeiro.

Essas mesmas pessoas já se viram, em algum momento de suas vidas, em situações acentuadamente relacionadas à comensalidade e ao uso de bebidas alcoólicas: Tim Maia, em um determinado momento de sua vida, decidiu fazer uma dieta “revolucionária” (nomeada dessa maneira pelo próprio cantor), restringindo o consumo de alguns alimentos. O cantor, utilizando um jogo de palavras, faz uma análise sobre a mudança de alguns hábitos, relatou que ao cortar álcool, gorduras e açúcar por duas semanas, perdeu quatorze dias – ironia sobre não ter perdido peso, mas sim dias vividos (o que parece ter mais importância para Tim Maia). Já Tom Jobim, ao receber prescrições médicas para suspender o consumo de uísque, se questionava como iria fazer, já que considerava a bebida “o melhor amigo do homem; uma espécie de cachorro engarrafado”. No filme *Druk*, a esposa de Nikolaj⁷⁵, irritada pelo fato do marido estar alcoolizado com frequência, informa que irá para a casa de sua irmã até que ele arrume toda a bagunça da casa. Nesse

⁷⁴ Cena iniciada em 00:28':52”

⁷⁵ Cena iniciada em 01:16':30”

momento, o cachorro emite um latido e logo na sequência deita ao lado da cama, como se informasse que não o deixará sozinho.

Zeca Pagodinho, além de ser conhecido como grande compositor e intérprete de sambas, aprecia beber uma cervejinha. Em momentos pandêmicos, o artista publicou um vídeo em suas redes sociais que, após ter sido infectado por Covid-19, precisou ressignificar o uso do álcool ao dizer: “Olha o que a pandemia fez comigo! Cheio de álcool, mas álcool só na mão”.

Ou seja, as fronteiras que determinam usos e, conseqüentemente, sua classificação dependem de uma série de fatores, determinando quais são os comportamentos que devem ser estigmatizados pela sociedade. Geralmente são os que não conseguem se enquadrar nas expectativas sociais previamente definidas. Levando em consideração os estudos sociológicos sobre práticas desviantes, realizado por Howard Becker, podemos dizer que a própria medicina modificou, ao longo dos tempos, o seu entendimento de quais práticas seriam enquadradas como doença. Se inicialmente os critérios de referência estavam a serviço de um corpo-máquina e suas funções físico-químicas, com o passar do tempo, a incapacidade e o sofrimento foram sendo incluídos como critério de seleção, e

em tudo podiam detectar qualquer sinal de funcionamento, com base, não importa a regra. [...] A metáfora médica aceita o julgamento leigo de algo como desviante e, pelo uso da analogia, situa sua fonte dentro do indivíduo, impedindo-nos assim de ver o próprio julgamento como parte decisiva do fenômeno (BECKER, 1963. p. 19-20).

Isso por si só já define os que são dos grupos dos desviantes e os que ocupam os grupos dominantes, ou seja, no filme *Druk*, a cena em que o professor de psicologia sugere que o aluno beba antes de realizar os testes finais para reduzir sua ansiedade frente à avaliação evidencia alguma flexibilidade frente aos desviantes: o desviante, dependendo do contexto, passa a ser quem determina a regra.

Becker nos informa que o desvio seria uma consequência bem-sucedida aplicada por outros; não pela qualidade do ato que a pessoa comete. O chamado desviante é alguém a quem o rótulo foi aplicado com sucesso (BECKER, 1963).

Para que isso aconteça, as regras sociais não precisam, necessariamente, constar em documentos e/ou diretrizes, basta um olhar (que aprova ou reprova) para que saibamos que um indivíduo “burlou” alguma regra social. Isso fica evidente no

filme, por exemplo, quando Tommy chega alcoolizado na sala dos professores⁷⁶ e os que estão ali o observam, nitidamente reprovando o comportamento do colega. Uma atmosfera que mistura reprovação e preocupação rondam a vizinhança quando Martin chega embriagado em casa ao amanhecer⁷⁷. O recurso do close na chave do carro que está na mão de Martin mostra que ele estava dirigindo alcoolizado – ali enfatizou-se mais uma atitude desviante. Na sequência, a figura do cachorro aparece novamente como afago através de uma lambida em seu rosto.

Vale à pena refletir o quanto o controle das práticas cotidianas recai e/ou define práticas desviantes, não nos deixando esquecer desse imenso baile social no qual todos estamos inseridos, com dimensões que se diferenciam de acordo com cada grupo.

4.3.2. Autores, vicissitudes e controvérsias

Thomas Vinterberg assina o roteiro e a direção. Em sua carreira profissional, Thomas inicia suas produções a partir de um movimento que se propõe, em 1995, juntamente com o cineasta Lars Von Trier, a criticar os moldes Hollywoodianos do “fazer cinematográfico”. O movimento ficou conhecido como “Manifesto Dogma 95”, englobando argumentos técnicos e éticos, com a proposta de produzir obras mais realistas e menos comerciais, em que a autonomia permanecesse nas mãos dos diretores e não dos grandes estúdios. Para isso, criou-se uma série de regras denominadas “Votos de castidade”, que os diretores deveriam seguir para permanecer nos moldes propostos pelo Dogma 95.

Em 1998, Thomas lança o filme “Festa de Família”, que ficou registrado como o primeiro filme promovido pelo Dogma 95. À época, o autor provocou alguns questionamentos, por assumir ter utilizado uma iluminação especial nas filmagens, descumprindo as regras propostas pelo Dogma. Mesmo assim, tal fato “não depõe contra os ideais do manifesto, entretanto, suas estritas normas não tinham um fim

⁷⁶ Cena iniciada em 01:24':40”

⁷⁷ Cena iniciada em 01:56':45”

em si, mas procuravam provocar uma nova forma de fazer cinema.” (THEBAS, 2021)⁷⁸.

Ainda que o filme traga questões muito contemporâneas no que diz respeito à comensalidade e às bebidas alcoólicas, não podemos perder de vista os aspectos socioculturais implícitos nessa discussão. No que tange à ingestão de álcool, as bebidas eleitas como preferidas pela cultura de determinado povo e os rituais ao redor da mesa também não escapam das representações subjetivas no comer e no beber. Reforçando essa dimensão ampliada sobre os alimentos, a alimentação e, porque não dizer, a comensalidade, Pollan (2008) nos presenteia ao dizer que

“Se um alimento é mais que a soma de seus nutrientes e uma dieta é mais que a soma de seus alimentos, logo, uma cultura alimentar é mais que a soma de seus cardápios — abrange também os modos, os hábitos alimentares e as regras tácitas que, juntos, determinam a relação de um povo com a comida e com a alimentação. A maneira como uma cultura se alimenta pode ter tanta relação com a saúde quanto o conteúdo da alimentação [...] a refeição compartilhada promove o ato de comer de um processo mecânico de abastecimento do corpo a um ritual de família e comunidade, de mera biologia animal a um ato cultural.” (POLLAN, 2008. p. 197/204).

Se os momentos de compulsão parecem ser mais solitários, tanto quando se come compulsivamente (Ex.: Bridget comendo um pote de sorvete após ter passado por uma decepção amorosa) e quando se bebe (ex.: Krisha virando a garrafa de vinho no banheiro após dificuldades para lidar com as situações familiares), Druk nos permite observar as nuances possíveis desses extremos. É possível beber em excesso com os amigos, solitário, nos momentos alegres ou nos momentos de tristeza. A comida também cumpre a função de ressignificar as relações em torno da mesa.

As refeições realizadas na casa de Martin, onde ele, sua esposa e seus filhos se reúnem para realizar as refeições⁷⁹ (regados com água e sucos) contrastam com os momentos do personagem ao redor da mesa com seus amigos. Se com a família, existe uma atmosfera em que o silêncio e o desânimo prevalecem e o personagem parece estar sozinho apesar da presença dos demais; os momentos com os amigos, sempre acompanhados de bebidas alcoólicas são mais calorosos, descontraídos e falantes (Figura 10). Para garantir seu consumo de álcool antes de iniciar sua

⁷⁸ Disponível em: <https://www.institutodecinema.com.br/mais/conteudo/movimentos-do-cinema-o-que-foi-o-dogma-95>. Acesso em: 16 jul. 2021.

⁷⁹ Cena iniciada em 00:06:18”

jornada de trabalho e assim testar a hipótese de Finn, ou talvez, por perceber que a vida parece ser mais atrativa na presença do álcool, o consumo, que era feito inicialmente nos espaços externos (no restaurante ou no trabalho), gradativamente vai sendo levado para dentro de casa⁸⁰⁸¹.

Figura 10 – Contraste durante as refeições realizadas em família e os momentos com os amigos



(a) Fonte: Druk: mais uma rodada, 2020.

(b)

Tendo todos esses aspectos em vista, chamamos a atenção para o fato de Druk ser um filme cuja narrativa se passa na Dinamarca, um país nórdico da Europa com invernos intensos de 0° e verões amenos com temperatura média de aproximadamente 16°, passando ainda por períodos glaciais (BRASIL, 2021). Druk

⁸⁰ Cena iniciada em 00:39':30"

⁸¹ Cena iniciada em 00:47':02"

parece se passar no período do verão, período que carrega também o sentido de liberdade, pois é possível estar ao ar livre. Isso fica evidente nos figurinos dos estudantes, que utilizam roupas leves⁸², como, por exemplo camisetas, saias e bermudas durante as aulas e até mesmo nas atividades externas, como, por exemplo, durante as aulas de educação física, em que o sol é predominante⁸³.

A Dinamarca, possui em sua formação histórica a civilização viking, pertencente ao período pré-histórico. Os vikings eram em sua maioria camponeses marinheiros que viviam nos territórios atuais da Dinamarca, Suécia e Noruega. No que diz respeito à sua alimentação, achados documentais informam que a caça e a pesca garantiam grandes volumes de alimentos. A cultura viking é conhecida pela sua fartura e excesso no momento das refeições. A culinária dinamarquesa baseia-se, principalmente no centeio e batata, e o cultivo desses alimentos se iniciava na primavera para garantir as reservas nos períodos do outono e inverno (BRASIL, 2021).

Em relação às bebidas alcoólicas, as cervejas e o hidromel⁸⁴ eram as mais consumidas. Inclusive, a cultura cervejeira foi introduzida no país (e em outras regiões da Europa invadidas pelos vikings) justamente pela forte influência dos vikings, principalmente, no período entre 709 a 1.066 d.C. (CLUBE DO MALTE, 2021). Além disso, as principais atividades agrícolas do país são o cultivo de trigo e cevada, que fortalecem a produção de cervejas na região (BRASIL, 2021).

O Natal e o Ano Novo dinamarquês, assim como em muitos países, até os dias atuais, carregam consigo as tradições em torno da comida. O almoço de Natal envolve pratos típicos dinamarqueses, sempre acompanhados por “cervejas, *schanapps* (destilado dinamarquês feito de batata), vinho, *glögg* – vinho servido quente com alguns temperos adicionados.” Curiosamente, no período do Natal, as cervejarias produzem cervejas mais fortes que o usual (BRASIL, 2021).

O Ano Novo, ao contrário do Natal que as pessoas costumam passar com os familiares, geralmente é uma festividade que ocorre entre amigos, com um jantar farto. O bacalhau cozido, a couve ensopada e o lombo de porco estão entre os pratos principais, geralmente, acompanhados de champanhe (BRASIL, 2021).

⁸² Cena iniciada em 00:25':20”

⁸³ Cena iniciada em 00:56':10”

⁸⁴ Bebida obtida a partir da fermentação de mel e água.

Atualmente, observa-se que 40% das bebidas alcoólicas consumidas no país é de cerveja, seguida de 29,8% e 27,2% de vinho e bebidas espirituosas⁸⁵, respectivamente (WHO, 2018). As bebidas espirituosas, muito consumidas no continente europeu, aparecem frequentemente em Druk, reforçando os aspectos culturais arraigados no cotidiano dos dinamarqueses.

A trajetória do roteirista, recheada de controvérsias, mas também de compromissos éticos, marca o encontro com essa tese na medida em que ela não se propõe a um fim específico e recortado sobre as temáticas em torno dos consumos de álcool, mas sim provocar as consideradas verdades dogmáticas.

Em nossa trajetória analítica, fizemos isso ao historicizar os momentos em que drogas, alimentos, licitudes e ilicitudes se entrelaçam, mas também se distanciam. Ao chamarmos para a conversa os conceitos que evidenciam as dimensões biológicas, sociais e psíquicas do fenômeno da alimentação e suas influências no controle dos corpos através da criação de subjetividades, questionamos o lugar do álcool na comensalidade contemporânea, sendo inclusive atravessada pelo momento da pandemia.

No “Diário de Bridget Jones”, esse ir e vir da personagem se esbalda na alegria e na tristeza, em que o termômetro para o feminino muitas vezes é um certo ideal de corpo e sucesso, tanto profissional quanto pessoal. Bridget apenas se lança, colhendo os efeitos quase desastrosos por tentar dar conta de anseios de outrem. Em Krisha, a compulsão promove partidas, e a comida auxilia nas chegadas. Na saúde, a ciência nos informa dos benefícios de que se ingiram algumas doses de vinho por dia, prevenindo-se doenças e malefícios cardiovasculares, além dos benefícios provocados pelos laços sociais promovidos no comer e no beber. Na doença, seja ela provocada pelo alcoolismo ou pelo comer compulsivo e seus efeitos destrutivos, assinalam-se os dualismos que atingem as mais diversas dimensões da comensalidade. O dualismo pulsional abordado nas análises do filme Krisha também nos auxilia a compreender que os indivíduos não necessariamente traçarão uma trajetória de vida linear, sendo necessário que as perspectivas terapêuticas ultrapassem as barreiras normativas de cuidado.

⁸⁵ São bebidas que possuem em sua composição álcool destilado, como, por exemplo, rum uísque, conhaque, brande e vodka.

Em Druk, esse ir e vir das relações através da passagem dos anos, que deixa suas marcas nos corpos masculinos com suas peculiaridades, nos anuncia que a vida se rearruma constantemente, até quando a morte nos separa. Seja ela a morte da finalização da existência, como acontece com Tommy ao velejar alcoolizado⁸⁶, seja pelo “investimento” da pulsão de morte, com que Freud, (1920) nos incomoda ao assumir que “o objetivo de toda vida é a morte” (p. 49). Enterra-se um amigo, formam-se os alunos... comemos, bebemos, choramos e brindamos. A todo momento alguma coisa morre em nós, para que possamos renascer em outra. Da mesma maneira que morte e vida caminham juntas, bebida e comida fazem laços e desenlaces. Não nos cabe aqui moralizá-los, mas sim incluí-los em nossas pautas. O próprio gênero do filme, uma comédia dramática, já nos informa que as situações que vivenciamos não necessariamente precisam uma coisa ou outra; elas podem ser dramáticas, mas ao mesmo tempo nos arrancar boas risadas. E isso não quer dizer que elas sejam menos complexas.

Retomando a frase que inaugura este texto, ressaltamos que ela provém da citação de uma aluna na aula de psicologia. A aula acontece no dia seguinte ao que o professor que ministra essa disciplina fizera uso inalatório de vodca. Essa prática também foi observada em Krisha, quando a personagem cheira medicamentos de uso oral. Seria essa prática uma tentativa de potencializar os efeitos do uso, ousadia ou desespero? Não cabe a nós aqui avaliar, mas sim problematizar.

Em Druk, depois de trajetórias com enlaces e rompimentos, os amigos decidem por suspender “o estudo da teoria de Skårderud, devido a enormes efeitos sociais negativos e ao risco de alcoolismo”⁸⁷. Nesse momento, evidencia-se a comida⁸⁸, justamente, por fazer o enlace e suporte nas situações mais dramáticas devidas ao efeito do consumo de álcool.

Compreendendo a importância de recuar por conta de efeitos nocivos decorrentes do uso excessivo de álcool, a comida também funciona como articulador das relações, quando os amigos encontram um caminho do meio entre as situações de abuso, abstinência e uso recreativo. Observamos que, ao contrário do que ocorre

⁸⁶ Cena iniciada em 01:38:10”

⁸⁷ Cena iniciada em 01:22:28”

⁸⁸ Cena iniciada em 01:46:30”

nos momentos iniciais do filme, a mesa possui mais comida que copos e taças⁸⁹, como mostra a figura 11.

Figura 11 – Mesa posta durante um almoço, em que a comida prevalece em relação à quantidade de bebidas



Fonte: Druk: mais uma rodada, 2020

Até as algemas, que no início do filme foram consideradas um problema, no final, elas não parecem ser tão problemáticas assim ao algemarem a diretora na festa de formatura.⁹⁰

O reencontro de Martin com a dança⁹¹ numa das cenas finais do filme, além de marcar o (re)encontro dos professores com a juventude, nos informa que não escapamos desse baile, sendo necessário compreender que nossas ações diárias estão inseridas nesse jogo coreografado, em que nos exigem passos cadenciados com a música (Figura 12). Um pequeno deslize pode ser entendido como descompasso. Esse baile não permite passos fora do lugar, tampouco pisões no pé do parceiro. Para Martin, a dança é liberdade, que também o insere no grupo. Só foi possível que ele voltasse a dançar quando decidiu assumir suas próprias desarmonias e desequilíbrios, não os colocando apenas no lugar do erro, ou seja, respeitando o ritmo possível para cada um.

⁸⁹ Cena iniciada em: 01:45'50"

⁹⁰ Cena iniciada em 01:44:20"

⁹¹ Cena iniciada em 01:50':25"

Figura 12 – Reencontro de Martin com a dança



Fonte: Filme Druk: mais uma rodada, 2020

Os afetos que debruçamos sobre o álcool e sobre a comida estão muito além da substância propriamente dita; estão na relação que cada qual estabelece com ela. Não é à toa que, apesar dos percalços provocados pelos usos prejudiciais, até hoje continuamos evocando “saúde⁹²” a cada brinde, mesmo que as durezas científicas que excluem as individualidades nos informem do contrário.

4.3.3 Referências

ALEXANDRE, P. A alimentação viking era a mais rica da Idade Média na Europa. 2017. Disponível em: <https://historiablog.org/2017/04/05/a-alimentacao-viking-era-mais-rica-da-idade-media-na-europa/> Acesso em: 18 de jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Escola Britânica. Dinamarca. 2021. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Dinamarca/481136#toc-9481136> Acesso em 18 de jul. 2021.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores da Dinamarca. Dinamarca no Brasil. Brasília, 2021. Disponível em: <https://brasilien.um.dk/pt/sobre-a-dinamarca/dinamarca-em-geral/clima> Acesso em: 18 de jul 2021.

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento, São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

⁹² Cena iniciada em 00:13:41”

CASTRO, *et al.* Educação física, nutrição e... bebidas alcoólicas! Um paradoxo para o campo biomédico e um elemento de distinção social. *Demetra*. Rio de Janeiro, 2014. 9(4) p. 881-892.

CAVALCANTE, C.M.S. *et al.* Sentidos da alimentação fora do lar para homens idosos que moram sozinhos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, 2015; 18(3):611-620.

CLUBE DO MALTE. Dinamarca. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://www.clubedomalte.com.br/pais/dinamarca> Acesso em: 19 de jul. 2021.

FRANCO, L.C. Padrão de consumo de álcool e tabaco entre professores universitários. Brasília, 2016. 113p.

FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer e outros textos. (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2010. v.14.

_____. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. (1930-1936). *Obras Completas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE - 2015. Rio de Janeiro - RJ. 2016.

MARTINS, A.M.; NASCIMENTO, A.R.A. "Eu não Sou Homem Mais!": Masculinidades e Experiências de Adoecimento por Câncer da Próstata. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.* Belo Horizonte, mai/ago 2020. v.13 n.2.

NISHIMURA, J.S.; QUEIROZ, S.G. Cultura material e alimentação: A evolução dos utensílios à mesa e a consolidação de comportamentos durante a refeição. *Demetra*. Rio de Janeiro, 2016. 11(4). p. 951-964.

PALMEIRA, C. Nascemos com déficit de álcool no sangue? Consultor de filme do Oscar nega. *TecMundo*, 2021. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/216175-oscar-consultor-filme-premiado-nega-temos-deficit-alcool.htm> Acesso em: 07 de ago. 2021.

POLLAN, M. Em defesa da comida: um manifesto. 2008. Edição digital: Intrínseca. Rio de Janeiro, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, D.S. É preciso construir caminhos para outras masculinidades. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Radis, 2019. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/e-preciso-construir-caminhos-para-outras-masculinidades>> Acesso em: 04 de ago. 2021.

STEFANELLI, B. Mulheres e homens encaram o envelhecimento de formas diferentes. *Viver Bem UOL*, 2018. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/12/05/mulheres-e-homens-encaram-o-envelhecimento-de-formas-diferentes.htm> Acesso em: 07 de ago. 2021.

THEBAS, I. INSTITUTO DE CINEMA SP. Movimentos do cinema: o que foi o Dogma 95? São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.institutodecinema.com.br/mais/conteudo/movimentos-do-cinema-o-que-foi-o-dogma-95> Acesso em: 16 de jul. 2021.

U.E. União Europeia. Bebidas espirituosas. 2021. Disponível em: https://ec.europa.eu/info/food-farming-fisheries/plants-and-plant-products/plant-products/spirits_pt Acesso em: 19 de jul. 2021.

VARGAS, E.V. Fármacos e outros objetos sociotécnicos: notas para uma genealogia das drogas. *In: Drogas e Cultura: novas perspectivas*. EDUFBA. Salvador, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Global status report on alcohol and health. Genebra, 2018.

4.3.4 Ficha técnica

Título original	Druk
Título em português	Druk: mais uma rodada
Direção	Thomas Vinterberg
Roteirista	Thomas Vinterberg e Tobias Lindholm
Ano produção	2020
Estreia	12 de setembro de 2020 (mundial); 25 de março de 2021 (Brasil)
Duração	117 minutos
Países de Origem	Dinamarca
Produção	Frans van Gestel, Kasper Dissing, Laurette Schillings, Sidsel Hybschmann e Sisse Graum Jorgensen
Elenco principal	Lars Ranthe, Mads Mikkelsen, Magnus Millang, Thomas Bo Larsen, Maria Bonnevie, Aksel Vedsegaard, Diêm Camile G., Frederik Winther Rasmussen, Helene Reingaard Neumann, Magnun Sjørup, Martin Greis-Rosenthal, Silas Cornelius Van e Susse Wold.
Comentários/Sinopse	Quatro professores do ensino médio enfrentam problemas em suas vidas. Na tentativa de tornar a vida mais feliz e produtiva, decidem testar a teoria de que ao manter um nível constante de álcool em suas correntes sanguíneas suas vidas tendem a melhorar. No decorrer desse experimento, cada um deles segue um rumo, percebendo que nem tudo é tão simples assim. Oscar 2021 – vencedor na categoria “Melhor filme estrangeiro”

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENFIM, A RESSACA!

Tendo em vista os aspectos observados e analisados ao longo dessa tese, apresentamos as nossas (in)conclusões, através de algumas considerações finais.

Importa-nos aqui reforçar o nosso interesse pela comida em seu estado sólido e líquido, tendo em vista a importância dos seus signos; são eles que nos dão a dimensão da complexidade do ato de comer e beber, não se limitando apenas como um ato mecânico, descolado de uma organização social e psíquica. Foi a comida que nos possibilitou incluir as subjetividades em nossas análises.

Dito isto, compreendemos que o cinema é campo fértil para observar as complexidades colocadas nas relações do comer e do beber, e a comensalidade compõe essa rede de sentidos. Reiteramos o quanto a análise fílmica como ferramenta metodológica nos auxiliou nesse sentido.

Não há consenso nem um caminho único para pensar os mais variados usos que as sociedades fazem de bebidas alcoólicas. Cada cultura se apropriará desse uso, de acordo com o que faça sentido para cada uma delas. Bebidas alcoólicas imprimem fortes marcas identitárias em diversas culturas, reforçando e consolidando os bens imateriais de um povo. Assim como a aguardente de cana registra nossa identidade, países ao longo dos tempos constroem relações com bebidas alcoólicas.

Ademais, não podemos perder de vista que questões econômicas e políticas atravessam fortemente esses consumos. A moralização que norteia políticas de regulamentação e controle, fundamentada por achados científicos, retroalimentam discursos hegemonicamente construídos, reforçando uma lógica reducionista de olhar para os fenômenos humanos.

Por isso, foi interessante observar a maneira como a indústria cinematográfica lida com a temática do álcool, colocando-o num grupo separado das demais substâncias. Isso nos dá informações de como a sociedade se relaciona com o álcool. A moralização, o enquadramento numa situação patológica, ou até mesmo a normalização de determinados consumos irão depender de inúmeras regras socialmente construídas, que recaem sobre os corpos de maneiras diferentes.

Sendo assim, propomos que estudos, ao discutir a comensalidade, incluam a dimensão da relação dos indivíduos com as bebidas alcoólicas, já que existe um apagamento, no campo da Alimentação e Nutrição, de um hábito que atinge os mais

variados níveis em que o álcool é utilizado com os mais variados fins: como medicamentos, como celebração, laços sociais, comunicação, afetos ou até mesmo para aplacar e anestesiarem dores e sofrimentos além da esfera física.

Desta maneira, ao observar e analisar os fenômenos que pairam em torno do comer, do beber e da comensalidade, torna-se necessário compreender as dicotomias que cercam o campo da AN e caminhar na direção das dualidades. Estas operam de maneira muito mais compreensiva nas mais variadas abordagens desse campo. O dualismo pulsional reforça tal ideia, na medida em que podemos incluir os retrocessos como algo que é inerente à existência; não como desajuste, deficiência ou aquilo que deve ser corrigido.

Ao analisar o “Diário de Bridget Jones”, percebemos que a comensalidade, que envolve o consumo de diversas substâncias, como por exemplo, a comida, o álcool e até mesmo o cigarro, pode ser compreendida à medida que aprofundamos o olhar nas questões que incidem de maneira pormenorizada nos corpos femininos. A comédia, através do recurso do riso, pode amenizar, mas, ao mesmo tempo, reforçar a desqualificação de maneiras ditas “não convencionais” do que se construiu socialmente como ethos para uma mulher.

As análises propostas pelo filme *Krishna* nos permitiram perceber que o conceito de comensalidade, historicamente associado à uma atmosfera amistosa, é colocado à prova quando falamos sobre usos prejudiciais. Da mesma forma, afrouxamos nossos olhares em relação aos modelos familiares tradicionais, que não permitem deslizamentos. *Krishna* nos informa que se faz necessário incluir expressões multifacetadas de existência, já que o sintoma pode não apenas adoecer, mas também dá lugar e organiza o sujeito no mundo.

É justamente na escolha por analisar o filme *Druk*: mais uma rodada que apresentamos a possibilidade de aprofundar as discussões que entrelaçam a comensalidade e os consumos de álcool. Apesar de os usos e consumos de álcool se desenrolarem de forma diferente quando observados no universo masculino, esse filme nos permitiu compreender que a comida, assim como em *Krishna*, é capaz de promover o enlace. Ele nos oportunizou, ainda, compreender que nem todos os consumos estão a serviço do sofrimento e das situações patológicas. Para este filme, faz-se necessário um aprofundamento em relação aos conceitos, mas atendeu ao que se propôs na composição desta tese.

Chamamos ainda a atenção para a comensalidade, que nesta tese foi o fio condutor das nossas discussões. Diante das percepções observadas nos conteúdos analisados, concluímos que se torna imprescindível considerar a ampliação do conceito de comensalidade, incluindo os mais variados consumos de bebidas alcoólicas, justamente, por assumir que as pessoas bebem, atingindo ou não as nossas expectativas, principalmente, nas situações cuja prescrição surge como forma de intervenção.

Talvez, incluir o recurso de uma escuta atenta seja um caminho interessante que nos auxiliará, enquanto profissionais nutricionistas, a compreender as informações que estão nas entrelinhas, sem que moralizemos as nossas intervenções. Muitas vezes, a culpabilização é mascarada com um discurso de responsabilização.

REFERÊNCIAS

- ABRACERVA. Estatuto da Associação de brasileira de microcervejarias. 2013. Disponível em: < <https://abracerva.com.br/sobre/estatuto/>> Acesso em: 22 de out. 2020.
- ACT. Boletim de Monitoramento: Ações de Responsabilidade Social. Junho, 2020. Disponível em: https://actbr.org.br/uploads/arquivos/_BOLETIM-MONITORAMENTO-JUNHO.pdf Acesso em: 25 de out. 2020.
- ALCOÓLICOS ANÔNIMOS (AA). Disponível em: < <https://www.aa.org.br/informacao-publica/sobre-a-a/quem-somos> > Acesso em: 19 de jan. 2020.
- ALGRANTI, L.M. Aguardente de cana e outras aguardentes: por uma história da produção e do consumo de licores na América portuguesa. *In: Álcool e drogas na história do Brasil*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.
- ALZUGUIR, F.V. Álcool e gênero: uma combinação moral. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?infoid=9131&sid=43>. Acesso em: 18 ago. 2020
- AMARANTE, P.D.C. *et al. Loucos pela Vida- a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Coleção Panorama/SDE/ENSP: Editora FIOCRUZ, 1995.
- AMBEV. Juntos à distância: estamos juntos contra o COVID-19. Conheça nossas iniciativas. 2020. Acesso em: <https://www.ambev.com.br/juntosadistancia/> Acesso em: 14 de ago. 2021
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA) *et al. Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5)*. American Psychiatric Pub, 2014.
- ANDRADE, T.M; FRIEDMAN, S.R. Princípios e práticas de Redução de Danos e extensão a outros campos da intervenção e do saber. *In: Panorama atual de drogas e dependências*. 1 ed. São Paulo. Ed. Atheneu, 2006.
- ANDREW, J.D. *As principais teorias do cinema: uma introdução*. 1976. Tradução Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ARNAIZ, M.G. *Paradojas de la alimentación contemporânea*. Barcelona. Icaria Editorial, 1996.
- AUMONT, J. A imagem. (traduzido). 7. ed. Campinas: Papiros Editora, 2002
- BARBOSA, C.D.; FERREIRA, C.C.D. *O papel da nutrição no processo reabilitatório de dependentes de álcool*. Cadernos UniFoa, nov. 2011.
- BARCELLOS, D.M.N. *et al. Alimentação saudável e qualidade de vida: fenômeno midiático na cidade*. RECIIS – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. Out/dez 2016. 10(4)

BASTOS, F.I.P. *et al.* (Org.). III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017. 528 p.

BAZARELLO, P.R. Bebida alcóolica é a nova pipoca dos cinemas nos EUA. 2017. Disponível em < <https://cinepop.com.br/bebida-alcoolica-e-a-nova-pipoca-dos-cinemas-nos-eua-136524/>> Acesso em: 21 de ago. 2021

BECKER, H.S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Tradução. Editora Hucitec. São Paulo, 1994.

_____. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008 (1963) 232p.

BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2005.

_____. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na contemporaneidade*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2012.

BOFF, L. *Comensalidade: refazer a humanidade. América Latina em movimento*, 2008. Disponível em: < <https://www.alainet.org/pt/articulo/127031>> Acesso em: 16 de jan. 2020.

BONOMO, J.R. Alimentando o luto: uma pesquisa sobre as comidas servidas nos velórios de Entre Rios de Minas e Belo Horizonte. *REVISTA M*. Rio de Janeiro, jul/dez 2018. v. 3, n. 6 p. 442-457.

BOSI, M.L.M.; PRADO, S.D. *Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva: constituição, contornos e estatuto científico*. *Ciênc. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 7-17, jan. 2011.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. *Introdução a uma Sociologia Reflexiva in: O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOUTAUD, J.J. *Comensalidade: compartilhar à mesa*. In: *O livro da hospitalidade*. MONTANDON, A. (org). São Paulo: SENAC, 2011. 1213-1230.

BRASIL. Casa Civil. *Decreto n.º 6.871*. Subchefia para assuntos jurídicos. Brasília, 2009.

_____. Ministério da Cultura. *A hora e a vez das mídias sociais*. Brasília, 2011. Disponível em: <http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/2008/02/29/a-hora-e-a-vez-das-midias-sociais/>. Acesso em: 10 de dez 2019.

_____. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares – cursos de graduação*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991>>. Acesso em: 04 de abr. 2019.

_____. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>> Acesso em: 31 de jan de 2021.

_____. Ministério da Saúde. Alimentação saudável para a pessoa idosa: um manual para profissionais de saúde. Ed. MS, Brasília, 2009. 1 ed. 36p.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus, porém não há motivos para pânico. Brasília, 2020. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1042-brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus-porem-nao-ha-motivo-para-panico>> Acesso em: 12 de ago. 2020.

_____. Ministério da Saúde. *Glossário temático alimentação e nutrição*. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília, 2008.

_____. Ministério da saúde. Guia alimentar para a população brasileira. Editora MS, Brasília, 2014. 2 ed. 156p.

_____. Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira. Editora MS, Brasília, 2006.

_____. Ministério da Saúde. Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos. Editora MS, Brasília, 2019. 1ed. 265p.

_____. Ministério da Saúde. Guia Alimentar para crianças menores de 2 anos. Editora MS, Brasília, 2005. 1ed. 152p.

_____. Ministério da Saúde. Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação Contra a Covid-19. Brasília, 2021.

_____. Ministério da Saúde. Portaria n.º 188, de 3 de fevereiro de 2020. Brasília, 2020.

_____. Ministério da Saúde. *SUS: 27 anos transformando a história da saúde no Brasil*. 2015. Disponível em: <<http://www.blog.saude.gov.br/35647-sus-27-anos-transformando-a-historia-da-saude-no-brasil>>. Acesso em: 04 de abr. 2019.

_____. Ministério da Saúde. UNASUS. Vacinação de Covid-19 já teve início em quase todo país. Disponível em <https://www.unasus.gov.br/noticia/vacinacao-contr-a-covid-19-ja-teve-inicio-em-quase-todo-o-pais> Acesso em: 14 de ago. 2021

_____. Presidência da República. Decreto nº6.871, de 4 de junho de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6871.htm> Acesso em: 22 de out de 2020.

_____. Presidência da República. Decreto n.º 9.761, de 11 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9761.htm> Acesso em: 31 de jan de 2021.

_____. Presidência da República. Decreto nº9.902, de 8 de julho de 2019. Acesso em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9902.htm> Acesso em 22 de out de 2020.

_____. Presidência da República. Lei 9.294 de 15 de julho de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9294.htm> Acesso em: 31 de jan. de 2021.

_____. Presidência da República. Lei 13.106, de 17 de março de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13106.htm Acesso em: 19 de set de 2020.

BURGOS, M.G.P.A; BION, F.M.; CAMPOS, F. Lactação e álcool: efeitos clínicos e nutricionais. ALAN, Caracas, 2004. v. 54, n. 1 p. 25-35.

CÂMARA, H.S.; MARTINS, M.L.B. *Uso de substâncias psicoativas e perfil nutricional de usuários do CAPS ad III, Palmas/TO*. Rev. Ciênc. Ext., 2017. v.13, n.1, p.8-15

CAMPOS, E.A.; REIS, J.G. Representações sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento em um centro de referência da cidade de São Paulo – Brasil. Interface - Comunic., Saúde, Educ. São Paulo, jul/set 2010. v.14, n.34, p.539-50.

CARNEIRO, H.S. A fabricação do vício. São Paulo, 2002. Disponível em <https://neip.info/texto/a-fabricacao-do-vicio/> Acesso em: 21 de ago. 2021

_____, H.S. Comida e Sociedade: Significados sociais na história da alimentação. *História: Questões & Debates*, Ed. UFPR, Curitiba, 2005.

CARVALHO, M. C. V. S.; LUZ, M.T.; PRADO, S. D. *Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica*. Ciência e Saúde Coletiva, 2011. v. 16, p. 155-163.

CARVALHO, M.C.V.S.; PERES-NETO, L. Comensalidade transmediatizada e a construção de novas sensibilidades. *In: Cinema e comensalidade*. Série Sabor Metrópole. V.6. Editora CRV. Curitiba – Brasil, 2016. p. 53-68

CASCUDO, L.C. Prelúdio da cachaça. 1.ed. digital. São Paulo: Global Editora, 2014

CASTRO, J.B.P. *et al.* Educação física, nutrição e... bebidas alcoólicas! Um paradoxo para o campo biomédico e um elemento de distinção social. Demetra, 2014. 9(4), 881-892

CASTRO, J.B.P. *et al.* "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço!": a décalage como ferramenta para compreensão de práticas corporais e alimentares. *Rev. Nutr.*, Campinas, jan./fev. 2015. 28(1):99-108.

CAVALCANTE, C.M.S Envelhecimento e comensalidade na linguagem cinematográfica. 2019. 132 f. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, 2019.

_____, C.M.S. Sentidos da alimentação fora do lar para homens idosos que moram sozinhos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, 2015; 18(3):611-620.

CAVALCANTE, E.F.L. Planejamento e coordenação de ações de alimentação e nutrição: enfrentamento do sobrepeso e da obesidade no município do Rio de Janeiro. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, 2017. 206p.

COGGIOLA, O. *O tráfico internacional de drogas e a influência do capitalismo.* Revista ADUSP, São Paulo, 1996. n. 7, p. 44-51

CONAR. Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária. Conar abre representação ética contra ações publicitárias na "Live Gustavo Lima". Disponível em: <<http://www.conar.org.br/>>. Acesso em: 22 de ago. 2020.

CONCETTA MONTAGNESE, B.S. *et al.* European food-based dietary guidelines: A comparison and update. 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0899900715000076?via%3Dihub>. Acesso em: 25 de jul. 2021.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. *Alimentação, sociedade e cultura.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. 496 p.

CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS, CFN. *A História do Nutricionista no Brasil.* Brasília. Disponível em: http://www.cfn.org.br/eficiente/repositorio/Comunicacao/Material_institucional/160.pdf. Acesso em: 03 de abr. 2019.

COSTA JÚNIOR, M.L. Álcool, cigarro e hábitos humanos. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. Port) [online]. 2010. v.6 n1. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762010000100001> Acesso em 21 de ago. 2021

COUTO, D.P. *Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito: história e filosofia da psicologia.* Psicologia em pesquisa. UFJF. Jan-jun. 2017. 11 (1)

DA FRANCE, P. Álcool no cinema incentiva o consumo de bebida por jovens. 2012. Acesso em: < <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/02/alcool-no-cinema-incentiva-o-consumo-de-bebida-por-jovens.html>> Acesso em: 21 de ago.2021

DA SILVEIRA, D. X. *Conceito de Redução de Danos surgiu após a Primeira Guerra Mundial.* São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2017/08/1912980-conceito-de->

reducao-de-danos-surgiu-apos-a-primeira-guerra-mundial.shtml. Acesso em: 01 de jun. 2019.

D'AVILA, R.F. *et al.* Adjuntos utilizados para produção de cerveja: características e aplicações. *Estudos Tecnológicos em Engenharia*, jul/dez 2012. vol. 8, n. 2, p. 60-68.

DICIO. Dicionário Online de Português, 2009. Disponível em: <
<https://www.dicio.com.br/live/>> Acesso em: 21 ago. 2020.

DONEDA, D.; GANDOLFI, D. O início da Redução de Danos no Brasil na perspectiva governamental: ação local com impacto nacional. *In: Panorama atual de drogas e dependências*. Dartiu Xavier da Silveira e Fernanda Gonçalves Moreira (orgs). São Paulo: Editora Atheneu, 2006.

DOUGLAS, M. *Constructive drinking: perspectives on drink from anthropology*. Collected works, London and New York, 1987. v. X

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Volume 1. Zahar. 1990.

ESCOHOTADO, A. *História general de las drogas*. 6 ed. Madrid, 2007.

FELDMAN, J.V. Perfil nutricional e consumo alimentar de alcoolistas em uma unidade de internação em adição. Porto Alegre, 2019. 52f.

FERREIRA, F.R. *et al.* Cinema pra quê? Uma introdução ao uso do cinema na formação em nutrição. *In: Cinema e comensalidade*. Série Sabor Metrópole. V.6. Editora CRV. Curitiba – Brasil, 2016. p. 17-36.

FIGURELLI, R.C. *Cinema, a sétima arte*. Extensio. 2013. v. 10. n. 15.

IORE, M. *O lugar do Estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas*. Novos estud. - CEBRAP n. 92 São Paulo. 2012

FISCHLER, C. Gastro-nomia e gastro-anomia. A sabedoria do corpo e a crise biocultural da alimentação moderna. *Gazeta de Antropologia*, 2010. 26 (1).

FLANDRIN, J.; MONTANARI, M. *História da alimentação*. São Paulo. Estação Liberdade, 1998.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION (FAO). *Plates, pyramids, planet. Developments in national healthy and sustainable dietary guidelines: a state of play assessment*. Food Climate Research Network (FCRN), 2016.

FONSECA, A.B. *et al.* Modernidade alimentar e consumo de alimentos: contribuições socioantropológicas para a pesquisa em nutrição. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2011. 16(9). 3853-3862.

FOUCAULT, M. *A História da Loucura*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972. 608 p

_____, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1989. 8 ed.

_____, M. Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979). Martins Fontes, São Paulo, 2008.

_____, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 288p, 1987.

FREITAS, M.C.S. *et al.* Sobre o campo da Alimentação e Nutrição na perspectiva das teorias compreensivas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2011. 16(1):31-38.

FREUD, S. (1920). *Além do Princípio do Prazer e outros textos*. (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2010. v.14.

_____. (1905) Tres ensayos de teoría sexual. In: _____. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

FONTOURA, Wagner. A hora e a vez das Mídias Sociais. Brasília, 2008. Disponível em < <http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/2008/02/29/a-hora-e-a-vez-das-midias-sociais/>> Acesso em: 10 de ago. 2020

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. *Antes do SUS: Como se (des)organizava a saúde no Brasil sob a ditadura*. 2018. Disponível em: <<http://cee.fiocruz.br/?q=antes-do-sus>>. Acesso em: 04 de abr. 2019.

_____. Covid-19: a ingestão de álcool pode comprometer a eficácia das vacinas? Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/pergunta/covid-19-ingestao-de-alcool-pode-comprometer-eficacia-das-vacinas> Acesso em: 14 de ago. 2021

GAMEIRO, N. *Ideias na mesa: o que é comensalidade?* Disponível em: <https://ideiasnamesa.unb.br/index.php?r=noticia/view&id=107>. Acesso em: 17 de out. 2019.

GRIEGER, J.D.; BOTELHO-FRANCISCO, R.E. Um estudo sobre influenciadores digitais: comportamento digital e identidade em torno de marcas de moda e beleza em redes sociais online. *AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*, Curitiba, 2019. Jan./jun. 8(1), 39-42.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Editora Perspectiva S.A. São Paulo. 1974.

HAMMER, B.; VALLIANATOS, H. The role of alcohol in Canadian family foodies practices: commensality, indentity, and every tastes. *Canadian Foods Studies*, mai, 2019. v.6 n^o2 p.136-151

HENRIQUES, P. *et al.* Políticas de Saúde e de Segurança Alimentar e Nutricional: desafios para o controle da obesidade infantil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2018. 23(12), p.4143-4152.

JORGE, M. S. B. *et al.* *Promoção da Saúde Mental – Tecnologias do Cuidado: vínculo, acolhimento, corresponsabilização e autonomia.* *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 7, p. 3051-3060, 2011.

JÚNIOR *et al.* O setor de bebidas no Brasil. *In: O setor de bebidas no Brasil.* Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital> Acesso em: 15 de out. 2019.

JÚNIOR, V.P. A gourmetização em uma sociedade desigual: um estudo sobre a diferenciação no consumo de alimentos industrializados no Brasil. Campinas, 2017. 185p.

JÚNIOR, V.P. 'Gourmetização' na indústria de alimentos é simbólica das diferenças sociais. *Jornal da UNICAMP – Edição Web*, 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2017/04/27/gourmetizacao-na-industria-de-alimentos-e-simbolica-das-diferencas-sociais>. Acesso em: 15 de nov. 2019.

KANEOYA, P. Harmonização – Cerveja e gastronomia. SEBRAE INTELIGÊNCIA SENSORIAL. 2015. Disponível em: < <https://sebraeinteligenciasetorial.com.br/produtos/noticias-de-impacto/harmonizacao-cervejas-e-gastronomia/55a7ea7314d0c01d007ffe37> > Acesso em: 22 de out. 2020.

KLOTZ-SILVA *et al.* Comportamento alimentar no campo da Alimentação e Nutrição: do que estamos falando? *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 2016. 26 [4]: 1103-1123.

KRAEMER, F.B. *et al.* O discurso sobre alimentação saudável como estratégia de biopoder. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 2014. 24 [4]: 1337-1359.

KUHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas* 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise* (Pedro Tamen, trad.), São Paulo: Martins Fontes, 4 ed. 2001

LÉVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido. Mitológicas*. Vol. 1. São Paulo: Cosac & Naify. 2004.

LIMA, R. S. *et al.* *Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade.* *Demetra*; 2015; 10(3); 507-522

LOURENÇO, E.U. O fenômeno da gourmetização. UnB – Universidade de Brasília. Faculdade de comunicação. Projeto experimental em publicidade e propaganda. Brasília, 2016.

MACHADO, L.V.; BOARINI, M.L. Políticas sobre drogas no Brasil: a estratégia de redução de danos. *Psicol. cienc. prof.* Brasília, 2013. Vol.33 n.3

MACIEL, M.E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos com Brillat-Savarin? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, dez. 2001. ano 7, n. 16, p. 145-156.

_____. Olhares antropológicos sobre a alimentação: Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, A.M., GARCIA, R.W.D., orgs. *Antropologia e nutrição: um diálogo possível* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 306 p. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-03.pdf>> Acesso em: 26 de set. 2020.

MAFFESOLI, M. Mesa, espaço e comunicação. In: DIAS, C. M. M. (org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.

MAIA, J.L.A.; CHAO, A.R.T. Boticas, butiquinhas, botecos, botequins: sociabilidades e comensalidades dos espaços de lazer popular do moderno Rio de Janeiro. In: *Consumos alimentares em cenários urbanos - múltiplos olhares* [recurso eletrônico] EdUERJ; Gramma. Rio de Janeiro, 2020.

MAIER, C. Politique de la Bouche. In: *Savoirs et clinique*. Revue de psychanalyse. N. 13, (80-87), 2011.

MAPA DA CACHAÇA. O que harmoniza com cachaça? São Paulo, 2020. Disponível em: < <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/o-que-harmoniza-com-cachaca/>> Acesso em: 22 de out. 2020.

MARQUES, F. Carlos Augusto Monteiro: da privação ao excesso de comida. Revista Pesquisa Fapesp. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/da-privacao-ao-excesso-de-comida/> Acesso em: 25 de out. 2020.

MASCARELLO, F. A história do cinema mundial. Campinas: Papyrus, 2006. 433p.

MASSON, E.; BUBENDORFF, S.; FRAISEÉ, C. Toward new forms of meal sharing? Collective habits and personal diets. *Appetite*, abril, 2018. v.123, p.108-113. METZ, C.

METZ, C. *A significação no cinema*. São Paulo: Perspectiva, 6ª reimpressão. 2014.

MONTEIRO, R. Cerveja: Um breve panorama da dimensão material e simbólica na cultura. In: *Alimentação e consumo de tecnologias*. Série Sabor MetrÓpole, 1ª ed. Curitiba: CRV, 2015. v.4

MORIN, E. Amor, poesia e sabedoria. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 72p

_____, E. *O cinema ou o homem imaginário*. É realizações Editora. 2014.

MOSS, M. Sal, Açúcar, Gordura: como a indústria alimentícia nos fisgou. Editora Intrínseca. Rio de Janeiro, 2013.

MUÑOZ, P.M.R. et.al. Influência do consumo de tabaco e álcool, de hábitos alimentares e atividade física em estudantes de enfermagem. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 28, 2320 ed. 2020.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS (NA). Disponível em: <
https://www.na.org/admin/include/spaw2/uploads/pdf/PR/PB2302_InfoAboutNA.pdf>
Acesso em: 19 de jan. 2020.

NIETZSCHE, F. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. Companhia das Letras. São Paulo, 2007.

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE CULTURA E ALIMENTAÇÃO (NECTAR). O projeto cinema e comensalidade. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <
<http://www.nectar.rio.br/index.php/component/spsimpleportfolio/item/18-o-projeto-cinema-e-comensalidade>> Acesso em: 16 de ago. 2021

OLTRAMARI, A.P.; LOPES, F.T. *Cinema, trabalho, organizações e sociedade: possibilidades e formação em Administração*. IV CBEO. Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Porto Alegre. 2016.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS). ONU destaca necessidade urgente de aumentar investimentos em serviços de saúde mental durante a pandemia de COVID-19. Disponível em:
<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6170:onu-destaca-necessidade-urgente-de-aumentar-investimentos-em-servicos-de-saude-mental-durante-a-pandemia-de-covid-19&Itemid=839>. Acesso em: 22 de ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). CID-10. Classificação Estatística Internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. USP, São Paulo, 1997. 10ª rev. v. 1

PERES-NETO, L. A redenção moral pelo consumo: ética, comunicação e o consumo consciente. In: *Corpo e Consumo nas cidades*. FREITAS, R.F.; PRADO, S.D. (org). Rio de Janeiro: Eduerj, 2014. P 25-45.

POLLO-ARAÚJO, M.A.; MOREIRA, F.G. Aspectos históricos da Redução de Danos. In: *Drogas e Redução de Danos: uma cartilha para profissionais de saúde*. Marcelo Niel & Dartiu Xavier da Silveira (orgs) – São Paulo, 2008.

PEIXOTO, M. Correio Brasiliense. Brasil lidera o ranking mundial de lives no Youtube. Disponível em:
<https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/06/06/interna_diversao_arte,861694/brasil-lidera-o-ranking-mundial-de-lives-no-youtube.shtml> Acesso em: 22 de ago. 2020.

PINHEIRO, A.R.O.; CARVALHO, D.B.B. Estado e Mercado: adversários ou aliados no processo de implementação da Política Nacional de Alimentação e Nutrição? Elementos para um debate sobre medidas de regulamentação. Saúde Soc. São Paulo, 2018. v.17, n.2, p.170-183.

POULAIN, J.P. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Ed. UFSC; 2013. 285 p.

PRADO, S. D. *et al.* *Alimentação e nutrição como campo científico autônomo no Brasil: conceitos, domínios e projetos políticos*. Rev. Nutr. Campinas, nov/dez. 2011. 24(6):927-937.

REPORTER UNESP. *Cultura do álcool: dos filmes, da publicidade e do hábito real*. São Paulo, 2017. Disponível em < <http://reporterunesp.jor.br/2017/06/28/cultura-do-alcool-dos-filmes-da-publicidade-e-do-habito-real/>> Acesso em: 21 de ago. 2021

REUTERS. Covid-19 Global Tracker. Disponível em: <https://graphics.reuters.com/world-coronavirus-tracker-and-maps/pt/>. Acesso em: 01 set. 2021.

RIBEIRO, D.R.; CARVALHO, D.S. *Associação entre o estado nutricional e padrões de uso de drogas em pacientes atendidos em Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas*. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Droga. (Ed. port.). Ribeirão Preto, jun.2016. v.12 n.2

RONG, S. *et.al.* *Comparison of dietary guidelines among 96 countries worldwide, Trends in Food Science & Technology*. Elsevier, 2021.

ROTEMBERG, S.; VARGAS, S. *Práticas alimentares e o cuidado em saúde: da alimentação da criança à alimentação da família*. Rev. Bras. Saúde Matern. Infant. Recife, 2014. 4(1) p.85-84

SALES, E. *Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século XIX*. Recife, 2010. *In: Dossiê: escritos sobre saúde, doenças e sociedade*. Cadernos de história UFPE. v.7 n7

SANTOS, C.R.A. *A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa*. História: Questões & Debates, Editora UFPR. Curitiba, 2005. n.42, p. 11-31

SANTOS, L.A.S. *O corpo, o comer e a comida: Um estudo sobre as práticas corporais e alimentares cotidianas a partir da cidade de Salvador – BA*. São Paulo, 2006.

SANTOS, M.S. *A enogastronomia no Brasil e a interferência da temperatura na harmonização entre vinhos e preparações*. Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Piauí. Teresina, 2017.

SBACEM. *O centenário de Zilda Gonçalves*. 2019. Disponível em: <https://sbacem.org.br/o-centenario-de-zilda-goncalves/>. Acesso em: 12 ago. 2021

SCAGLIUSI, F.B. *et al.* *Eating at the table, on the couch and in bed: An exploration of different locus of commensality in the discourses of Brazilian working mothers*. 2016. *Appetite* 103, 80–86.

SCARTEZINI, N. *Introdução ao método de Pierre Bourdieu*. Cadernos de campo. 2011.

SEABRA, J. *Cinema: tempo, memória, análise*. Imprensa da Universidade de Coimbra. 1.^a ed. Maio, 2014.

SEIXAS, C.M. Dimensões clínicas do ato. *Psicol. Estud.*, 2019. v.24.

SILVA, D.A.C. Características do consumo de bebidas alcoólicas e sua associação com o risco nutricional de alcoolistas internos para desintoxicação: uma série de casos. Vitória de São Antão, 2017. 58f

SILVA, E.A. et al. As drogas no âmbito familiar, sob a perspectiva do cinema. *Psicologia: Teoria e Prática*. São Paulo, 2008, n.10 p.214-222

SILVA, J.M. *Visões de uma certa Europa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

SILVEIRA, D.X. *Padrões de uso de drogas – Eixo Políticas e fundamentos*. ABERTA: Portal de formação à distância: sujeitos, contextos e drogas. 2016. Disponível em: <[http: aberta.senad.gov.br](http://aberta.senad.gov.br)>. Acesso em: 31 de jul. de 2018.

SIMÕES-BARBOSA; R.H.; DANTAS-BERGER, S.M. Abuso de drogas e transtornos alimentares entre mulheres: sintomas de um mal-estar de gênero? *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 2017. v.33 n.1

SIRTULI, J.F. et al. *Hábitos alimentares e estado nutricional de dependentes químicos e alcoolistas em uma comunidade terapêutica*. *Perspectiva*, Erechim. Mar. 2015. v.39 n.145. p.121-130

SOUZA, S.L. A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2010. 15(3):733-741.

TOFFOLO, M.C.F. et al. Escolha de alimentos durante a abstinência alcoólica: influência na fissura e no peso corporal. *J Bras Psiquiatr*. 2011 60(4):341-6.

TOLOZA, D. C. *Nutricionista: um histórico da profissão até os dias atuais*. Monografia (especialização). Universidade de Brasília. Centro de Excelência em Turismo. Brasília, 2003

USAINN et.al. “Macho food”: Masculinities, food preferences, eating practices history and commensality among gay bears in São Paulo, Brazil. *Appetite: eating and drinking*, jan. 2020. v.144.

VARGAS, E.V. Fármacos e outros objetos sociotécnicos: notas para uma genealogia das drogas. *In: Drogas e Cultura: novas perspectivas*. EDUFBA. Salvador, 2008.

VASCONCELOS, F.A.G.; BATISTA FILHO, M. *História do campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva no Brasil*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(1):81-90, 2011

VASCONCELOS, F. A. G.; CALADO, C. L. A. *Profissão nutricionista: 70 anos de história no Brasil*. Rev. Nutr. Campinas, jul/ago. 2011. v. 24. n. 4.

VITAL STRATEGIES. A verdade sóbria: incentivando a morte e deficiência por álcool. um Relatório da Política de DCNT. Nova York, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Frequently Asked Questions About Alcohol and COVID-19. Regional Office for Europe*. Genebra, 2020. Disponível em <https://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0007/442690/FAQ-COVID-19-alcohol.pdf>. Acesso em 22 de ago. 2020.

_____. *Management of substance abuse. Diagnostic categories and terms*. Genebra, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/substance_abuse/terminology/diagnostic_categories/en/>. Acesso em: 16 de jul 2019.

_____. *World Health Statistical: a visual summary*. Genebra, 2020. Disponível em <https://www.who.int/data/stories/world-health-statistics-2021-a-visual-summary> Acesso em: 14 de ago. 2021

WOLLZ, L.E.B.; PRADO, S.D. Cinema e comensalidade: aspectos simbólicos da comida a partir da linguagem cinematográfica. *In: Cinema e comensalidade*. Série Sabor Metrôpole. V.6. Editora CRV. Curitiba – Brasil, 2016. p. 37-51.

ZANATTO, R.M. Os álcoois no cinema (1904-1933): afirmação e sátira do discurso proibicionista. *Revista Ingesta*, São Paulo, 2019. v.1 n.2

ANEXO 1 – Lista de filmes assistidos no processo de seleção

	FILME	GÊNERO	ANO DE PRODUÇÃO
.	O Diário de Bridget Jones	Comédia Romântica	2001
.	Réquiem para um sonho	Drama	2002
.	Onde está Franco?	Documentário	1997
.	Amor e outras drogas	Comédia Romântica	2010
.	Obrigado por fumar	Comédia	2005
.	Shame	Drama	2012
.	Bicho de sete cabeças	Drama/Biografia	2001
.	Trainspotting – sem limites	Drama	1996
.	Todas as razões para esquecer	Comédia/Romance	2017
0.	Krishna	Drama	2015
1.	Nise no coração da loucura	Drama/Biografia	2015
2.	À procura de Mr. Goodbar	Drama	1977
3.	À procura de Eric	Comédia	2009
4.	A pé ele não vai longe	Drama/Biografia	2018
5.	Eu, Cristiane F. 13 anos drogada e prostituída	Drama/Biografia	1981
6.	Ninfomaníaca	Drama	2013
	Druk: mais uma rodada	Comédia dramática	2021

ANEXO 2 – Parecer de aceite para publicação referente ao manuscrito 2



Rede Ibero-Americana de Pesquisa Qualitativa
em Alimentação e Sociedade



Instituto de Estudios sobre
la Ciencia y la
Tecnología

Universidad Nacional de Quilmes



Laboratório de Pesquisa em Comunicação,
Interação e Cultura

Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SÉRIE SABOR METRÓPOLE. VOLUME 13.

NARRATIVAS MUDIÁTICAS POLISSÊMICAS: CORPO, COMENSALIDADE E SUBJETIVIDADES (Título provisório)

Título	Parecer
<p>Famílias, comensalidades e subjetividades: o imperativo da compulsão no filme "Krisha"</p> <p>Leticia de Almeida Sant Anna Cristiane Marques Seixas</p> <p>Universidade do Estado do Rio de Janeiro Brasil</p>	<p>Aborda comensalidade a partir de filme. Traz abordagem original, articulando consumo de bebidas, comensalidade e compulsão na perspectiva da psicanálise. Tema necessário ao campo da Nutrição.</p> <p>O texto, no entanto, precisa de revisão de sua discussão inicial.</p> <p>Atenção para a presença de juízo de valor na Introdução: "uso prejudicial" do álcool. A pesquisa é sobre narrativas de uso do álcool. Atenção ao uso do verbo "perceber", onde caberia "observar"; isso ao longo do texto.</p> <p>A utilização de citação de Engels para tratar de família exige contextualização em relação à época em que o autor escreveu. Há autores mais recentes para tratar de família, como Philippe Ariès (citado depois), além de autores brasileiros contemporâneos.</p> <p>Famílias não são apenas consanguíneas; considerar novos arranjos familiares.</p> <p>No século XVI não havia fotografia.</p> <p>O texto fala da experiência de um autor, quando o texto é escrito por dois autores.</p> <p>Atenção para o uso de espectador/expectador.</p> <p>O texto fica interessante a partir da parte sobre psicanálise. A parte inicial é mais frágil.</p> <p>Reformulações solicitadas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Indicar os objetivos do estudo na abertura do texto. 2. Revisar a redação do texto. 3. Incluir o filme nas referências. 4. Incluir Ficha Técnica do filme ao final do texto. 5. Atentar para presença de juízos de valor e de elementos de cunho prescritivo no texto, observando que o estudo trata de narrativas sobre o uso de álcool.

	<ol style="list-style-type: none"> 6. Considerar a possibilidade de revisão da argumentação e fundamentos na parte inicial do texto. 7. Considerar a possibilidade de restringir o tamanho do texto. 8. Informar, para cada autor, os dados abaixo: <ul style="list-style-type: none"> • Nome do autor na obra: • Titulação máxima: (Exemplos: Doutorando no Programa de Pós-graduação Xxx da Universidade Yyyy; Professor Associado no Programa de Pós-graduação Xxx da Universidade Yyyy) • Participação em grupo de pesquisa ou de extensão: (Exemplo: Participante do grupo de pesquisa Zzzz da Universidade Wwww) • Inserção institucional – apenas a mais relevante: (Exemplo: Professor Titular no Programa de Pós-graduação Xxxx da Universidade Yyyyy) 9. Proceder as reformulações solicitadas no texto original usando fonte de cor vermelha. <p>Recomendado para compor a coletânea com solicitação de reformulações.</p>
--	--